

CIBEC/INEP



B0019761

ME

DESPORTO
AL - SEESP

Educação Especial Deficiência Auditiva

Volume I

SÉRIE
ATUALIDADES PEDAGÓGICAS

4

Presidente da República Federativa do Brasil

Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Educação e do Desporto

Paulo Renato Souza

Secretário Executivo

Luciano Oliva Patrício

Secretária de Educação Especial

Marilene Ribeiro dos Santos

Ministério da Educação e do Desporto
Secretaria de Educação Especial

Educação Especial **Deficiência Auditiva**

Volume I

Série
Atualidades Pedagógicas
4

Ministério da Educação e do Desporto

Esplanada dos Ministérios, Bloco L, 6º andar, sala 600

CEP 70047-901 - Brasília - DF

Fone (061) 214-8651 - 226-8672

Fax(061) 321-9398

B823d Brasil. Secretaria de Educação Especial
Deficiência auditiva / organizado por
Giuseppe Rinaldi et al. - Brasília:
SEESP, 1997.

V. I. - (Série Atualidades Pedagógicas; n.
4)

1. Deficiência da audição I. Rinaldi, Giuseppe. II - Títu-
lo

CDU 376.353

Série Atualidades Pedagógicas - nº4: Deficiência auditiva

Esta publicação foi realizada dentro do acordo

MEC/UNESCO

APRESENTAÇÃO

A Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação e do Desporto, objetivando a divulgação de conhecimentos técnico-científicos mais atualizados acerca das diferentes áreas de deficiência, bem como relativos à superdotação, edita textos e sugestões de práticas pedagógicas referentes à educação dos alunos com necessidades especiais.

Apresente série trata da educação de alunos com deficiência auditiva.

MARILENE RIBEIRO DOS SANTOS

Secretária de Educação Especial

SUMÁRIO GERAL

VOLUME I - DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Fascículo 1 - A Deficiência Auditiva

- Os órgãos do aparelho auditivo e seu funcionamento.
- Conceito e classificação da deficiência auditiva.
- Etiologia e prevenção da surdez.
- Diagnóstico.
- Aparelhos de amplificação sonora.
- Caracterização dos tipos de educandos portadores de deficiência auditiva.

Fascículo 2 - O papel da família frente à surdez

- A família como agente de prevenção e identificação precoce da surdez.
- A família do portador de deficiência auditiva e os serviços comunitários na área da saúde, da tecnologia, da psicologia e da assistência social.
- Afamília e os serviços comunitários na área educacional.
- A família e os serviços comunitários na área social.

Fascículo 3 - O papel do professor com a criança surda de zero a três anos.

- Estimulação da linguagem:
 - Estimulação da linguagem para o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade oral;
 - Estimulação para a aquisição da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS;
 - Dando vida ao conteúdo de linguagem.

- Área Psicomotora.
- Metodologias específicas ao ensino de surdos.
- A possibilidade de trabalho interdisciplinar: educação/ fonoaudiologia.
- A questão da segregação e da integração dos surdos no ensino regular.

VOLUME II – A EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Fascículo 4 - A Educação Infantil para a criança surda de 4 a 6 anos (pré-escola).

- Introdução.
- As adaptações curriculares para alunos surdos.
- Complementação curricular específica para alunos com deficiência auditiva.
- O fazer pedagógico.
- Sugestões de programação para a pré-escola.

Fascículo 5 - Alfabetização: aquisição do português escrito, por surdos.

- Alfabetização: o contexto da pessoa surda.
- Aquisição/aprendizagem da Língua Portuguesa.
- O surdo frente à modalidade escrita da Língua Portuguesa.
- Sugestões para alfabetização do aluno surdo por meio do método analítico-sintético ou do método global.
- Alfabetização de surdos numa abordagem construtivista.
- Exemplos de atividades para a alfabetização de surdos.
- Alfabetização - Programa de Atendimento a Adolescentes Surdos com acentuada defasagem na relação idade/série escolar.
- Sugestões de conteúdo da Língua Portuguesa a ser de-

- envolvido no processo de alfabetização.
- Proposta curricular/complementação curricular específica.

Fascículo 6 - O aluno surdo na educação básica e superior.

- A linguagem e a surdez.
- O surdo e a história de sua educação.
- A escolarização do aluno surdo.

- A capacitação profissional da pessoa surda.

VOLUME III - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Fascículo 7 - A Língua Brasileira de Sinais

FASCICULO 1
EDUCAÇÃO ESPECIAL
DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Conteudista: Giuseppe Rinaldi

Brasília/1997

**MEC
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
OBJETIVOS.....	17
INFORMAÇÕES INICIAIS.....	19
ALTERNATIVAS DE APRENDIZAGEM DO PROFESSOR.....	21
1. OS ÓRGÃOS DO APARELHO AUDITIVO E SEU FUNCIONAMENTO.....	23
.. como o ouvido funciona.....	23
.. "vendo" o som.....	24
.. sentindo o som.....	25
.. os menores ossos.....	26
.. ondas sonoras transformadas em sinais.....	27
.. o equilíbrio.....	28
.. o ouvido e o cérebro.....	29
2. CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA.....	31
3. ETIOLOGIA (CAUSAS) E PREVENÇÃO DA SURDEZ.....	33
. doenças infantis:.....	35
.. meningite.....	36
.. sarampo.....	36
.. vacinação.....	37
.. surdez neurossensorial.....	37
.. tratamento dos problemas auditivos.....	37
.. implantes cocleares.....	38

4. DIAGNÓSTICO.....	41
..exame do ouvido.....	41
.. detectando a surdez no bebê.....	42
.. audiometria com reforço visual - arv.....	44
.. técnicas de avaliação da audição em crianças de 2 a 6 anos de idade.....	45
..decibéis.....	46
..hertz.....	48
5. APARELHOS DE AMPLIFICAÇÃO SONORA INDIVIDUAL -AASI.....	49
.. cuidados com o aparelho de amplificação sonora individual/aasi.....	50
6. CARACTERIZAÇÃO DOS TIPOS DE EDUCANDOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA.....	53
SUGESTÕES PARA SUA ATUAÇÃO.....	57
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	59
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO PROFESSOR.....	61
CHAVE DE CORREÇÃO DA AVALIAÇÃO.....	65

APRESENTAÇÃO

Professor

Este material, destinado a você, relembra de forma sintética, a anatomia, a fisiologia e a patologia do aparelho auditivo, bem como divulga informações acerca da prevenção, do diagnóstico, das causas e conseqüências da surdez.

Dessa forma, o Fascículo 1 é proposto para facilitar sua compreensão acerca das conseqüências do déficit auditivo de seus alunos.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Capacitar o professor para a melhoria de sua atuação, como profissional da educação e como cidadão, por meio da aquisição de informações e noções de anatomia, fisiologia e patologia do aparelho auditivo, bem como em relação à prevenção, ao diagnóstico, às causas e conseqüências da surdez.

Objetivos Específicos:

O professor deverá:

- Identificar possíveis problemas de audição nos alunos, a partir da observação de seu comportamento auditivo durante as atividades;
- encaminhar os alunos com suspeita de deficiência auditiva ao serviço médico de sua localidade;
- sensibilizar a comunidade escolar (professores e pais) a respeito dos problemas auditivos e sua interferência na aprendizagem e na integração social dos alunos surdos.

INFORMAÇÕES INICIAIS

1. Leia os objetivos específicos do fascículo;
2. Estude o texto do fascículo;
3. Teste seus conhecimentos, respondendo a avaliação proposta;
4. Confira suas respostas com as da chave de correção, no final do fascículo;
5. Se for aprovado, passe para o fascículo seguinte;
6. Se não conseguir aprovação, reestude o texto;
7. Faça novamente a avaliação. Se não conseguir aprovação, consulte o professor aplicador do fascículo.

ALTERNATIVAS PARA APRENDIZAGEM DO PROFESSOR:

- Estudar o texto relativo ao fascículo;
- Rever o vídeo para tirar as dúvidas;
- Recorrer ao professor aplicador do fascículo, caso a dúvida persista;
- Realizar a avaliação proposta e as atividades sugeridas.

1 - OS ÓRGÃOS DO APARELHO AUDITIVO E SEU FUNCIONAMENTO

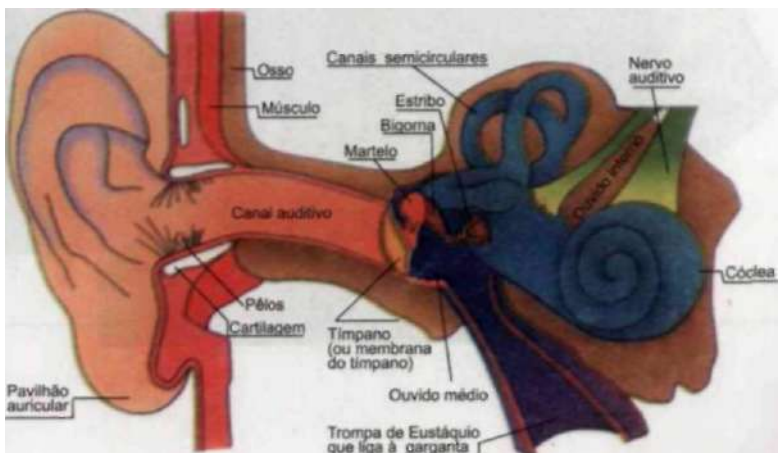
COMO O OUVIDO FUNCIONA

O ouvido capta vibrações do ar (sons) e as transforma em impulsos nervosos que o cérebro "ouve". O ouvido externo é composto pelo pavilhão e pelo canal auditivo. A entrada do canal auditivo é coberta de pêlos e cera, que ajudam a mantê-lo limpo.

O canal auditivo leva o som a uma membrana circular e flexível, chamada tímpano, que vibra ao receber ondas sonoras. Esta, por sua vez, faz vibrar, no ouvido médio, três ossículos, que ampliam e intensificam as vibrações, conduzindo-as ao ouvido interno.

O ouvido interno é formado por um complexo sistema de canais contendo líquido aquoso. Vibrações do ouvido médio fazem com que esse líquido se mova e as extremidades dos nervos sensitivos convertem esse movimento em sinais elétricos, que são enviados ao cérebro, através do nervo da audição (nervo auditivo).

O modo como os sinais elétricos são interpretados pelo cérebro ainda não está claramente entendido.

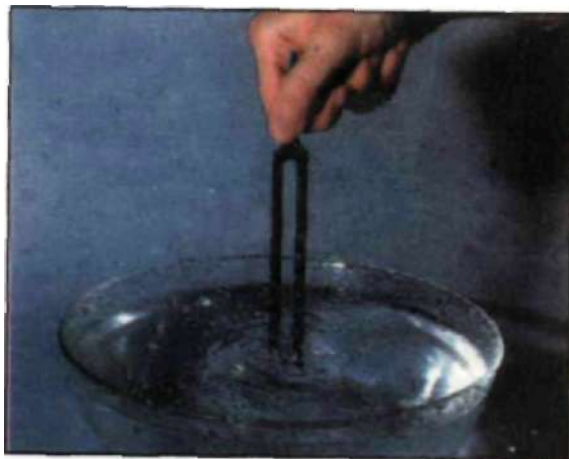


O SOM

O som é produzido quando alguma coisa faz o ar se mover. Esse movimento chama-se vibração. Quando as moléculas de ar vibram, elas batem umas contra as outras, fazendo com que as vibrações se espalhem pelo ar sob a forma de ondas, produzindo o som.

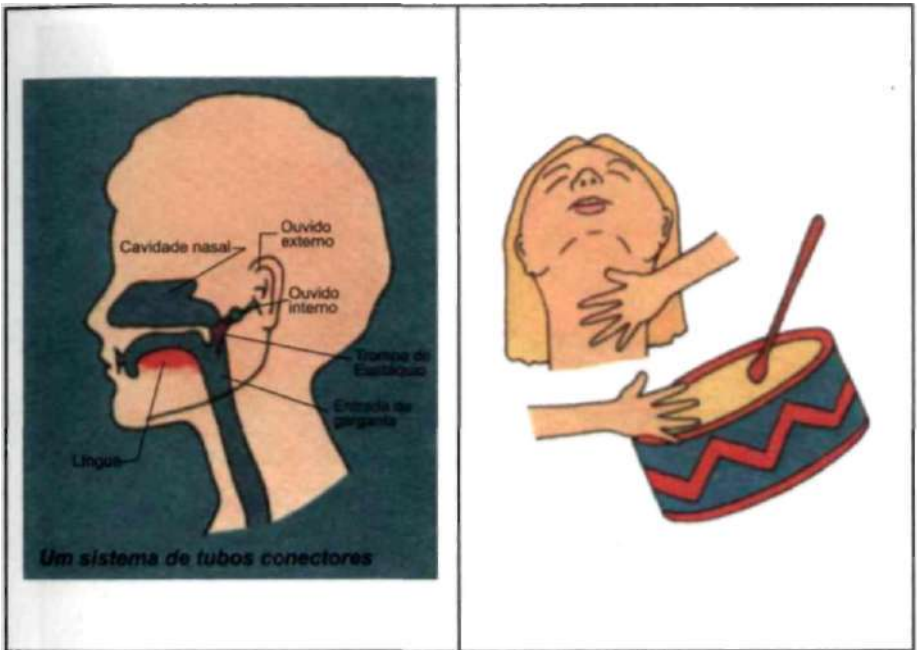
As ondas sonoras são invisíveis, mas podemos provar sua existência colocando um diapasão na água. As ondas sonoras fazem a água movimentar-se e respingar.

"VENDO" O SOM



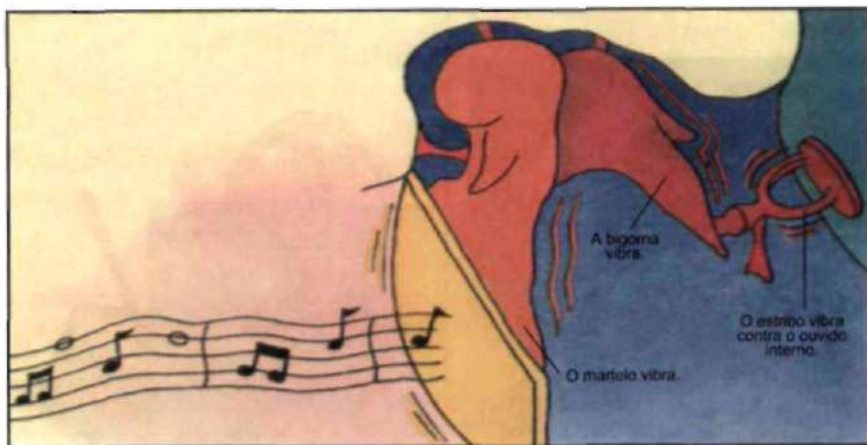
SENTINDO O SOM

Os sons que produzimos vêm da garganta. Coloque a mão na parte da frente do pescoço e emita um som. Você sente a vibração da garganta? Do mesmo modo, você pode sentir a vibração do couro de um tambor. Dentro da garganta existem feixes de músculos chamados cordas vocais. Quando queremos falar ou cantar, expiramos o ar dos pulmões através das cordas vocais e isso faz as cordas vocais vibrarem e produzirem sons, que a língua e a boca transformam em palavras.



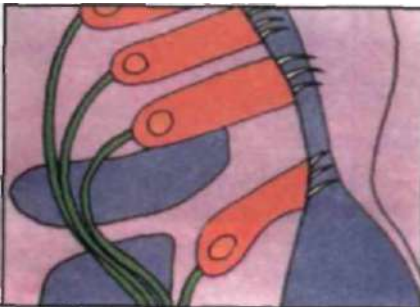
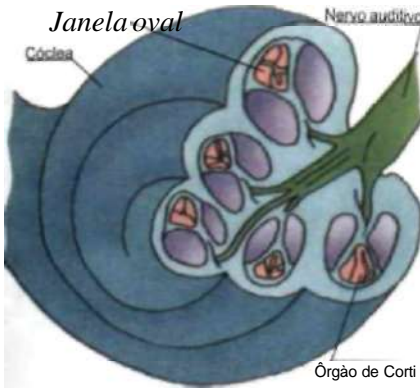
OS MENORES OSSOS

Os três ossos do ouvido médio são os menores do corpo. Devido ao seu formato, chamam-se: martelo, bigorna e estribo. Eles estão interligados de maneira que as vibrações de um osso provocam vibrações no próximo osso da cadeia, levando as ondas sonoras até o ouvido interno, onde são transformadas em impulsos elétricos, que chegam ao cérebro através do nervo auditivo.



ONDAS SONORAS TRANSFORMADAS EM SINAIS

As vibrações que as ondas sonoras causam no ar são convertidas em sinais elétricos na cóclea do ouvido interno, onde penetram por uma membrana chamada janela oval e passam para um canal cheio de líquido. Tudo isso tem mais ou menos o tamanho do dedo mindinho e o formato de um caracol. O canal contém membranas com milhares de terminações nervosas parecidas com cílios. É o chamado órgão de Corti. As vibrações movimentam o líquido, que mexe os cílios e faz os nervos dispararem sinais elétricos. Esses sinais são transmitidos ao cérebro por meio do nervo auditivo. Vibrações mais fortes criam sons mais intensos.

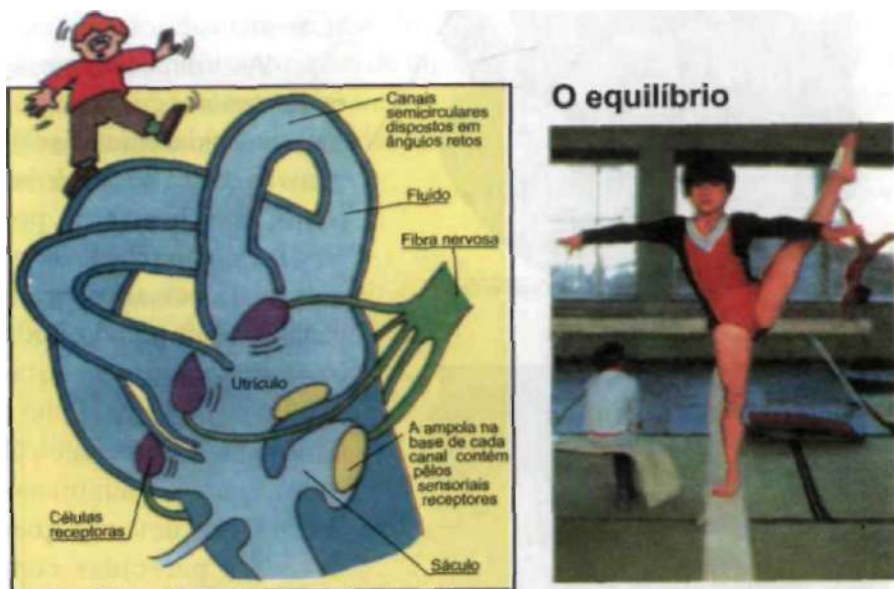


Células ciliadas sensoriais no órgão de Corti



Micrografia eletrônica do órgão de Corti

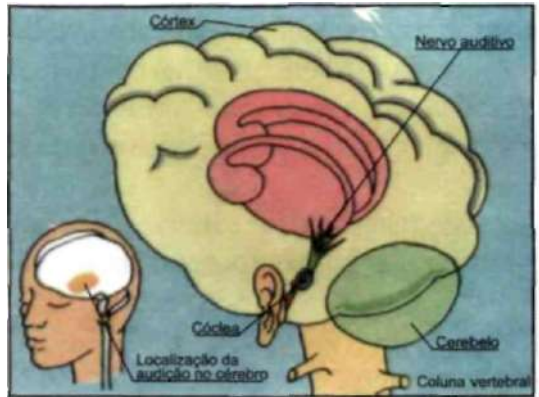
O EQUILÍBRIO



O que dá a sensação de equilíbrio são os três canais semicirculares do ouvido interno. No final de cada um, há uma área dilatada chamada ampola. Os canais semicirculares vão dar em duas bolsas, o utrículo e o sáculo. Toda a estrutura está imersa em líquido. A ampola, o utrículo e o sáculo são recobertos de pêlos sensoriais. Ao movermos a cabeça, o líquido pressiona os pêlos, que convertem a pressão em sinais elétricos conduzidos até o cérebro. As bolsas indicam a posição da cabeça, e os canais indicam a direção em que ela se move. No utrículo e no sáculo, os pêlos estão envoltos por uma substância gelatinosa contendo minúsculos cristais de carbonato de cálcio, os otólitos. Quando os cristais se movem, sob influência da gravidade, estimulam os pêlos, que emitem impulsos nervosos para o cérebro.

O OUVIDO E O CÉREBRO

Os sinais provenientes da cóclea viajam até o cérebro através do nervo auditivo. Este transporta os sinais sonoros até a área do cérebro chamada córtex auditivo. É nessa área que o cérebro interpreta os sinais como "sons". Na verdade, não se sabe ao certo como o cérebro interpreta as ondas sonoras captadas pelo ouvido e transformadas em energia elétrica



2 - CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO DA DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Denomina-se deficiência auditiva a diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, sendo considerado *surdo* o indivíduo cuja audição não é funcional na vida comum, e *parcialmente surdo*, aquele cuja audição, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva.

Pelo menos uma em cada mil crianças nasce profundamente surda. Muitas pessoas desenvolvem problemas auditivos ao longo da vida, por causa de acidentes ou doenças.

Existem dois tipos principais de problemas auditivos. O primeiro afeta o ouvido externo ou médio e provoca dificuldades auditivas "condutivas" (também denominadas de "transmissão"), normalmente tratáveis e curáveis. O outro tipo envolve o ouvido interno ou o nervo auditivo. Chama-se surdez neurossensorial.

A deficiência auditiva pode ser classificada como deficiência de *transmissão*, quando o problema se localiza no ouvido externo ou médio (nesse caso, o prognóstico costuma ser excelente); *mista*, quando o problema se localiza no ouvido médio e interno, e *ensorineural* (neurossensorial), quando se origina no ouvido interno e no nervo auditivo. Infelizmente, esse tipo de surdez em geral é irreversível. A surdez condutiva faz perder o volume sonoro: é como tentar entender alguém que fala muito baixo ou está muito longe. A surdez neurossensorial corta o volume sonoro e também distorce os sons. Essa interpretação descoordenada de sons é um sintoma típico de doenças do ouvido interno.

3 - ETIOLOGIA (CAUSAS) E PREVENÇÃO DA SURDEZ

A deficiência auditiva pode ser congênita ou adquirida. As principais causas da deficiência congênita são hereditariedade, viroses maternas (rubéola, sarampo), doenças tóxicas da gestante (Sífilis, citomegalovírus, toxoplasmose), ingestão de medicamentos ototóxicos (que lesam o nervo auditivo) durante a gravidez. É adquirida, quando existe uma predisposição genética (otosclerose), quando ocorre meningite, ingestão de remédios ototóxicos, exposição a sons impactantes (explosão) e viroses, por exemplo.

Ao se pensar em surdez e nas limitações que lhe são associadas, é natural que se procure conhecer as causas que a provocam e os meios de evitá-las.

Durante muito tempo, e mesmo em nossos dias, a deficiência auditiva tem sido confundida com a deficiência mental e até com possessões demoníacas e seus portadores são chamados de "doidinhos", mudos ou surdos-mudos.

Muitos que alimentaram essas crenças, hoje superadas pelas novas descobertas e pelos avanços científicos, sabem que são várias e diferenciadas as etiologias (causas) que originam a surdez, embora o conhecimento científico atual seja ainda insuficiente para identificar todas elas.

Algumas condições têm-se destacado, no âmbito biomédico, como causas potenciais da deficiência auditiva ou a ela associadas:

Causaspré-natais: (A criança adquire a surdez através da mãe, no período de gestação)

- desordens genéticas ou hereditárias;
- relativas à consangüinidade;
- relativas ao fator Rh;
- relativas a doenças infecto-contagiosas, como a rubéola;

- Sífilis, citomegalovírus, toxoplasmoses, herpes;
- remédios ototóxicos, drogas, alcoolismo materno;
- desnutrição/subnutrição/carências alimentares;
- pressão alta, diabetes;
- exposição à radiação;
- outras.

Causas Peri-natais: (A criança fica surda, porque surgem problemas no parto)

- pré-maturidade, pós-maturidade, anóxia, fórceps;
- infecção hospitalar;
- outras.

Causas Pós-natais: (A criança fica surda, porque surgem problemas após seu nascimento)

- meningite;
- remédios ototóxicos, em excesso, ou sem orientação médica;
- Sífilis adquirida;
- sarampo, caxumba;
- exposição contínua a ruídos ou sons muito altos;
- traumatismos cranianos;
- outros.

O estudo da etiologia demonstra a importância da *prevenção primária* na área da saúde, uma vez que, segundo dados da Organização Mundial de Saúde - OMS, 1,5% da população dos países em desenvolvimento têm problemas relativos à audição.

A *prevenção primária* refere-se às ações que antecedem o problema da surdez, evitando sua ocorrência e deve ser realizada por meio:

- de campanhas de vacinação das jovens contra a rubéola;
- de exames pré-nupciais;
- do acompanhamento à gestante (pré-natal);

- de campanhas de vacinação infantil contra: sarampo, meningite, caxumba, etc;
- de palestras e orientações às mães.

Já a *prevenção secundária* refere-se às ações que atenuam as consequências da surdez e são realizadas tanto na área da saúde, como na área da educação:

- na *área da saúde*, por meio do diagnóstico, da protetização precoce da criança e do atendimento fonoaudiológico;
- na *área da educação*, por meio do atendimento na Educação Infantil, principalmente através do Programa de Estimulação Precoce (para crianças de zero a três anos).

A *prevenção terciária* refere-se às ações que limitam as consequências do problema da surdez e melhoram o nível de desempenho da pessoa, como por exemplo, aquelas que compõem o atendimento realizado pela Educação Especial.

DOENÇAS INFANTIS

Doenças na infância, como as viroses (sarampo, caxumba e meningite), a febre tifóide e a difteria, podem causar perda auditiva grave, capaz de se manifestar de repente, durante a doença.

Felizmente, só um número reduzido de pessoas portadoras dessas doenças desenvolve um problema auditivo. Perder audição por causa do vírus da caxumba é pouco comum, pois ele geralmente afeta apenas um ouvido, enquanto o outro permanece perfeitamente normal. O vírus da rubéola pode chegar a comprometer o desenvolvimento dos ouvidos do bebê ainda no útero.

Os problemas surgem somente se a infecção bacteriana ou viral atacar a cóclea ou o nervo auditivo.

MENINGITE

A meningite causa inflamação da membrana que envolve o cérebro. Além dessa infecção atingir a garganta, o nariz e os ouvidos, pode destruir o órgão de Corti e o nervo auditivo.



SARAMPO

O vírus do sarampo pode levar a uma infecção no ouvido médio ou danificar a cóclea. Essas complicações podem surgir como resultado direto da infecção do sarampo, mas a vacinação preventiva pode afastar essas graves conseqüências.



VACINAÇÃO

Se uma mulher tem rubéola durante os três primeiros meses da gravidez, parte da cóclea do bebê poderá ser destruída, e a criança poderá nascer com surdez neurosensorial.

Felizmente, existe hoje uma vacina que protege as crianças contra a rubéola, a caxumba e o sarampo. É a MMR, uma das vacinas disponíveis no país.



SURDEZ NEUROSENSORIAL

A surdez neurosensorial pode se manifestar em qualquer idade, desde o pré-natal até a idade avançada. A cóclea é um órgão muito sensível e vulnerável aos fatores genéticos, às doenças infantis, aos sons muito altos e a alguns medicamentos. Muitos idosos também sofrem de surdez neurosensorial.

Um parto difícil ou prematuro, sobretudo quando o bebê não recebe oxigênio suficiente, às vezes causa surdez neurosensorial. Ao nascer, a criança está sujeita à icterícia, prejudicial ao nervo auditivo, podendo levar à perda de audição. A icterícia é mais comum em bebês prematuros. Muitos problemas que surgem no parto estão se tornando menos frequentes à medida que se aprimoram as técnicas de assistência a bebês de "alto risco".

TRATAMENTO DE PROBLEMAS AUDITIVOS

É possível tratar a perda da audição no ouvido externo ou médio com

medicamento que combate as infecções. As vezes, é necessária uma cirurgia para fechar perfurações no tímpano ou drenar líquido contaminado do ouvido médio. As doenças dos ossos são tratadas substituindo o estribo por outro, artificial.

E impossível curar surdez neurossensorial do ouvido interno. Entretanto, os adultos ou idosos e, às vezes, até as crianças podem fazer implante de eletrodos na cóclea.

IMPLANTES COCLEARES

São aparelhos biomédicos de alta tecnologia designados para prover som para adultos e crianças que possuem uma deficiência auditiva neurossensorial muito profunda bilateral e que são incapazes de compreender a linguagem falada através da prótese auditiva (do AASI).

Os sons são convertidos em corrente elétrica que vai estimular as fibras residuais das terminações do nervo auditivo no ouvido interno, a cóclea e gerar sensações auditivas.

O Implante Coclear Nucleus 22 Canais é o mais moderno, seguro e útil, sendo permitido o uso comum do implante em crianças. Hoje é usado mundialmente por 8.000 pessoas, adultos e crianças.

Todo o sistema consiste de uma porção interna (o Implante Coclear) 22 eletrodos pequenos, de platina, que são inseridos na cóclea por meio de uma cirurgia que dura cerca de 3 horas, sob anestesia geral.

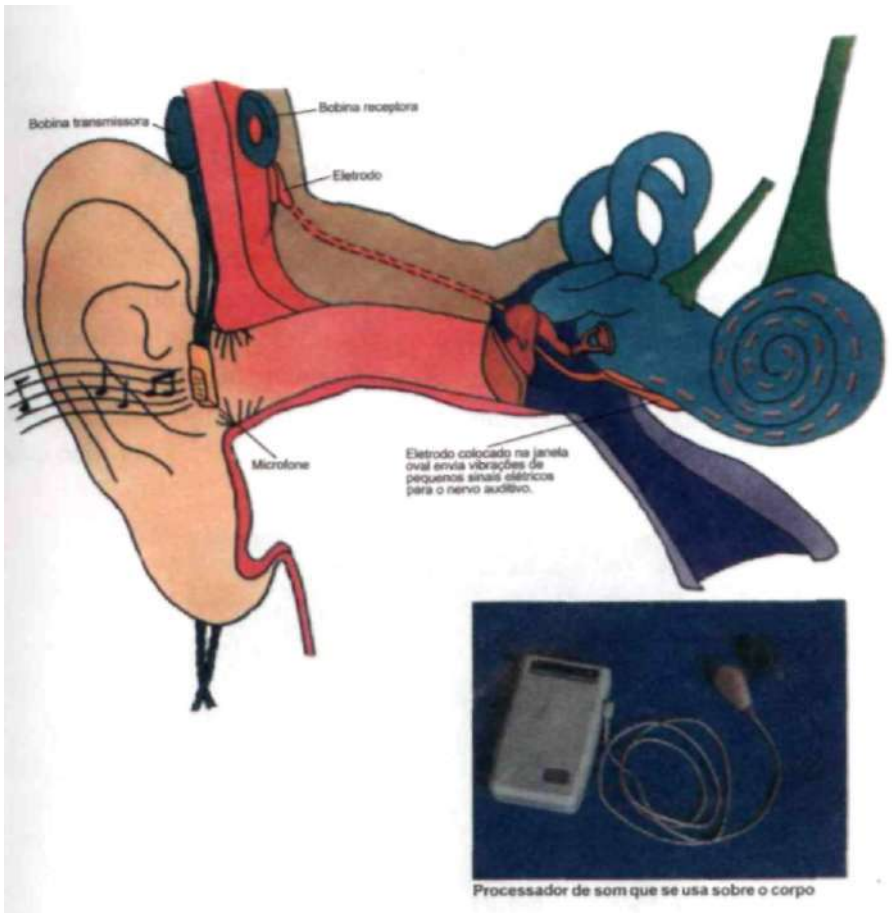
A porção externa desse sistema é destinada a captar o som ambiental, analisá-lo e convertê-lo em um sinal elétrico que é enviado ao Implante Coclear localizado embaixo da pele, atrás da orelha.

O critério de seleção recomendado inclui:

- deficiência auditiva bilateral profunda neurossensorial;
- idades entre 2 e 17 anos;
- sem contra-indicações radiológicas (cóclea calcificada);
- sem contra-indicações médicas;
- demonstrar pequeno ou nenhum benefício do AASI;

- estar matriculado em um programa educacional com um forte componente auditivo e oral;
- ser ajustado psicologicamente;
- possuir uma família com expectativas e suporte apropriados.

Revisão completa sobre cirurgia e segurança dos Implantes Cocleares em crianças encontra-se na literatura. (Clark et alii, 1991)



4 - DIAGNÓSTICO



EXAME DE OUVIDO

O médico pode examinar o canal auditivo e o tímpano com um instrumento chamado otoscópio. Com ele, o médico verifica se há obstrução no canal auditivo ou se há perfuração na superfície do tímpano, inchaço ou deformação. A infecção no ouvido médio intumescce o tímpano e o deixa vermelho e inflamado. O cirurgião especializado em problemas do ouvido chama-se otologista.



DETECTANDO SURDEZ NO BEBÊ

Observação comportamental auditiva

0-3 meses instrumentos usados: 5 gui- zos / a g o g ô / black-black	<ul style="list-style-type: none">- sobressalto + RCP (reflexo cóclco- palpebral) + atenção ao som- A voz da mãe o aealma	ARV (Audiometria com Reforço Visual)
3-6 meses	<ul style="list-style-type: none">- Atenção + RCP- Procura a fonte sonora- Localização lateral dos instrumentos para Direita e Esquerda- Procura ou localiza a voz da mãe	Já apresenta resp. em 80dBNA (em oitenta decibéis nível de audição)
6-9 meses A partir dos 6 meses respon- de a todos os sons	<ul style="list-style-type: none">- Localização lateral D e E- Localização indireta para Baixo e para Cima (indireta porque 1º localiza lateral- mente e em seguida localiza para Cima ou para Baixo)- Localiza a voz da mãe e do examinador- RCP	60dBNA
9-13 meses	<ul style="list-style-type: none">- Localização lateral D e E- Localização direta para Baixo e indire- ta para Cima- Reconhece comandos verbais: Nível I: dá tchau / joga beijo / bate palma- RCP	40dBNA
13 - 18 meses	<ul style="list-style-type: none">- Localização lateral D e E- Localização direta para Baixo e para Cima- Reconhece o nome e ordens: Nível II- Cadê a chupeta? Cadê a mamãe? Cadê o sapato?. Nível III - Cadê o cabelo? Cadê o pé? Cadê a mão?- RCP	20dBNA

Há testes eletrofisiológicos que podem ser usados desde os 3 meses, pois são testes objetivos:

- Emissões Oto Acústicas - EOA
- Imitância Acústica ou Impedanciometria {este exame é importante. Deve ser realizado sempre. É rápido e indolor }
- BERA - Audiometria de Tronco Cerebral, indicado quando houver ausência de resposta.

Por meio dos dois primeiros exames, o profissional examina o ouvido médio do bebê, detectando se há algum comprometimento (otite, disfunção tubária, etc).

Há também o Audiômetro Pediátrico Manual que produz sons puros modulados nas frequências de 500, 1000, 2000 e 4000 HZ em intensidades de 20, 40, 60 e 80 dBN A quando a distância do ouvido for de 50cm.

- E aconselhável antes de começar a avaliação obter algumas informações:
- se o peso ao nascer foi menor que 1.500 gramas;
 - se esteve na incubadora por mais que 24 horas;
 - se o tempo de gestação foi menor do que 38 semanas;
 - se tomou antibióticos por mais de 6 dias;
 - se apresentou TORCH (toxoplasmose, rubéola, citomegalovírus, herpes e infecções virais)
 - se apresentou anomalias craniofaciais.



AUDIOMETRIA COM REFORÇO VISUAL - ARV

É baseada na técnica de Condicionamento do Reflexo de Orientação (COR) de Suzuki e Ogiba (1961). Apresenta-se o estímulo sonoro, de preferência do tipo (narrow band noise) ruído de banda estreita, ou do tipo modulado (Warble tone) e a fala. Assim que a criança responde ao som, o profissional apresenta um estímulo visual.

O objetivo do teste é reforçar qualquer resposta apresentada pela criança: cessar sua atividade, procurar e ou localizar a fonte sonora, piscar os olhos, sorrir.

A resposta dependerá da idade da criança.

Para este exame é necessário o audiômetro.



Teste de desempenho



Audiômetro medindo tons

TÉCNICAS DE AVALIAÇÃO DA AUDIÇÃO EM CRIANÇAS DE 2 A 6 ANOS DE IDADE

Audiometria lúdica - é um teste em que a criança apresenta uma resposta lúdica a um estímulo sonoro. É realizada com fones e tem a vantagem de atrair a atenção da criança de forma mais eletiva, com pequeno custo. e avalia um ouvido de cada vez.

A sala de teste deve ser tratada acusticamente, os brinquedos devem ficar fora do alcance visual da criança, devendo ser apresentados, um a um.

O jogo proposto é: cada vez que a criança ouvir o som coloca o brinquedo numa caixa, por exemplo.

Pesquisa-se nível mínimo de resposta em 500 - 1000 - 2000 e 4000 Hz e reconhecimento de palavras, ou ordens verbais.

2. *Peep-show* ou audiometria condicionada. Nesta técnica, a criança é ensinada a pressionar um botão toda vez que ouvir o som.

O examinador controla a apresentação do estímulo sonoro e do reforço através da liberação da corrente elétrica, fazendo movimentar o brinquedo, que geralmente é elétrico: autorama, bonecos animados, filmes etc.

Pesquisa-se o nível mínimo de resposta com fones em cada ouvido nas principais freqüências: 500 - 1000 - 2000 e 4000 Hz, também o teste de reconhecimento da fala.

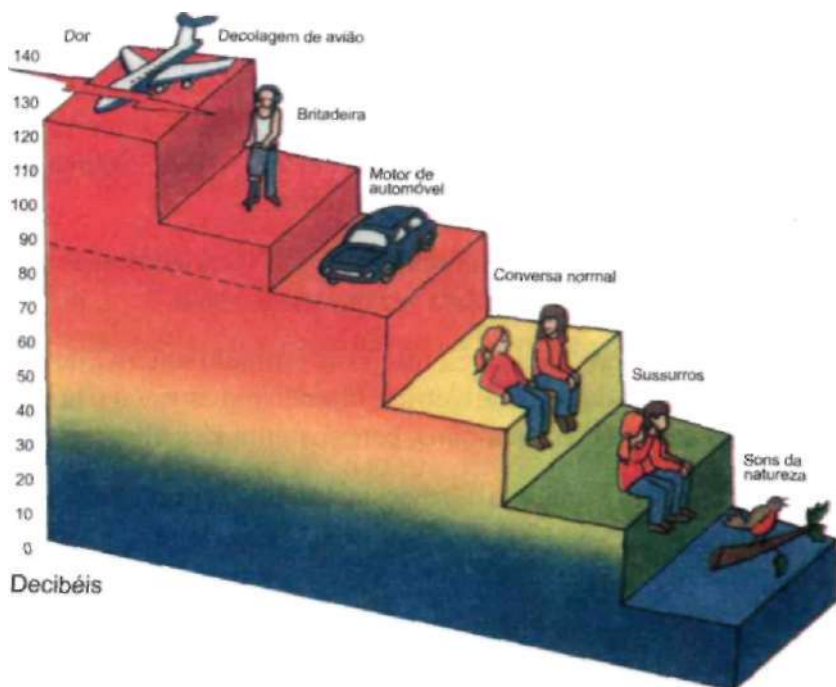
Há crianças de 5 anos que já respondem muito bem em cabines para teste de adulto.

Os resultados desses testes são marcados num gráfico, o audiograma, que mostra a freqüência e a intensidade (volume) dos sons que a pessoa consegue ouvir.

Para entender um audiograma é preciso compreender as qualidades do som:

a) DECIBÉIS

A intensidade ou volume dos sons é medida em unidades chamadas decibéis, abreviadas para dB. Sessenta dB é a intensidade do som de uma conversa, e 120 dB a de um avião a jato. Se uma pessoa "perder" 25 dB de volume, poderá ter problemas de audição. A perda de 95 dB pode ensurdecer totalmente uma pessoa.



A competência auditiva é classificada como normal, perda leve, moderada, severa e profunda (Quadro II). É difícil imaginar o que perdem aqueles que têm uma deficiência auditiva. Portanto, para ilustrar, examinemos a tabela a seguir:

QUADRO I		
Qualidade do Som	Decibéis	Tipo de Ruído
muito baixo	0-20	farfalhar das folhas
baixo	20-40	conversa�o silenciosa
moderado	40-60	conversa�o normal
alto	60-80	ruído médio de fábrica ou trânsito
muito alto	80-100	apito de guarda e ruído de caminhão
ensurdecedor	100-120	ruído de discoteca e de avião decolando

Classifica o das Perdas Auditivas de Davis - para crianças

QUADROU	
Grau de Deficiência	Perda em dB
Norma]	0 a 15
Leve	16 a 40
Moderada	41 a 55
Moderada Severa	56 a 70
Severa	71 a 90
Profunda	+ de 90

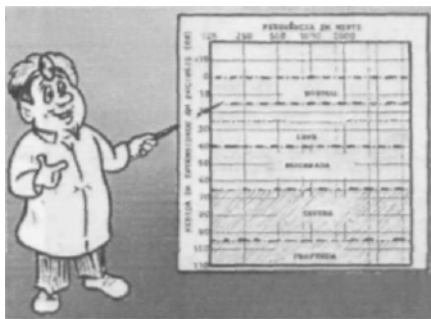
b) HERTZ

Hertz (Hz) é u unidade que determina o comprimento da onda sonora e envolve a freqüência do som, ou seja, a capacidade de perceber sons graves e agudos. Assim, a audição normal é aquela que se situa entre 0 a 20 dB e entre 250 a 4.000 Hertz. Para determinar a perda em um teste audiométrico geralmente são usadas as freqüências 500, 1000, 2000 e 4000 hz

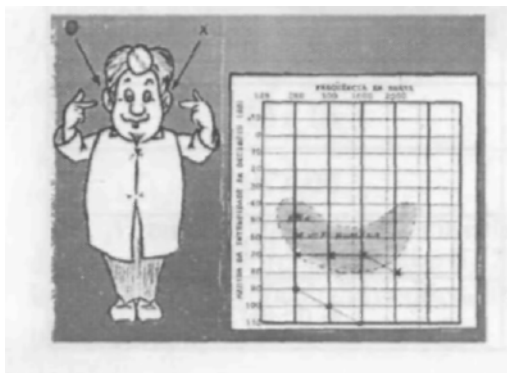
AUDIOGRAMA

As aferições do ouvido direito são marcadas com pequenos círculos vermelhos, e as do ouvido esquerdo, com um "x" azul.

O fonoaudiólogo transcreve a perda auditiva de uma pessoa, usando as palavras: normal, leve, moderada, severa, profunda.



- . ouve todos os sons da fala;
- . ouve apenas sons sonoros altos;
- . não ouve a maioria dos sons em conversa normal;
- . não ouve som da fala em conversa normal;
- . não ouve som da fala ou outro som qualquer.



Neste audiograma, o ouvido esquerdo ouve mais que o ouvido direito.

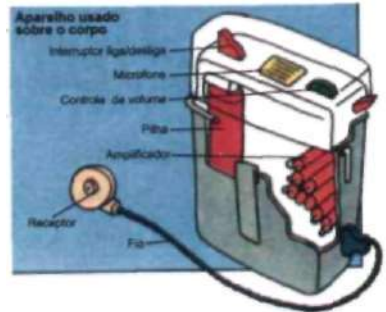
O ouvido direito mostra surde/ profunda.

5 - APARELHOS DE AMPLIFICAÇÃO SONORA INDIVIDUAL - AASI

Os aparelhos de surdez servem para captar e ampliar sons, mas não o suficiente para permitir a compreensão da fala pelos portadores de surdez profunda. Os aparelhos usados atrás da orelha (*retroauricular* ou *pós-auricular*) e os usados no corpo (*aparelho de caixa*) têm atualmente a mesma capacidade de amplificar os sons.



Um dos problemas desses aparelhos é a necessidade de trocas frequentes de pilhas, em alguns casos até duas vezes por semana. As pilhas dos antigos aparelhos eram grandes e pesadas. Felizmente, os mais modernos utilizam baterias bem menores. Algumas unidades miniaturizadas do tamanho de um botão se encaixam perfeitamente atrás da orelha. Dentro da orelha e do canal auditivo externo fica o molde, geralmente feito de acrílico ou silicone macio, que leva os sons vindos do aparelho até a membrana timpânica.



Usados no corpo ou atrás da orelha, os aparelhos de surdez ampliam os sons, proporcionando "ganhos acústicos" que ajudam os portadores de deficiência auditiva na vida familiar, na escola ou no trabalho.

As conseqüências que a surdez acarreta podem ser minimizadas pela fonoaudiologia e pela educação, uma vez que se relacionam a problemas lingüísticos e de comunicação.

CUIDADOS COM O APARELHO DE AMPLIFICAÇÃO SONORA INDIVIDUAL /AASI.

O professor deverá , sempre que possível, observar se o aparelho de amplificação sonora do aluno está funcionando de modo adequado.

Problemas mais comuns com o **AASI**:

I. O AASI não funciona:

Causas:

- a) Dispositivo «liga - desliga» em posição errada;
- b) O local da pilha pode não estar fechado;
- c) A pilha pode estar em posição invertida;
- d) A pilha acabou;
- e) O contato ou a superfície da pilha podem estar sujos de óleo;
- f) A saída do **AASI** ou do molde podem estar obstruídas por cera;
- g) O fio que conecta o aparelho ao receptor pode estar quebrado ou com defeito;
- h) O aparelho molhou;
- i) O contato entre o molde e o receptor pode não estar bem apertado.

2. O AASI está apitando:

Causas:

- a) O aparelho está ligado e fora da orelha;
- b) O molde não está completamente encaixado dentro da orelha;

- c) Alguém colocou a mão perto da orelha do aluno ou ele encostou a cabeça em algum lugar;
- d) Há problemas internos no aparelho;
- e) O aluno aumentou excessivamente o volume do aparelho.

Ao detectar um desses problemas no aparelho do aluno e, caso não seja algo simples de ser solucionado pelo próprio professor, por exemplo, dispositivo "liga - desliga" em posição errada, o professor deverá alertar os pais para que solicitem assistência técnica especializada.

Existem alguns cuidados que o aluno e /ou sua família deverão observar para um melhor desempenho do AASI:

1. Limpar regularmente o aparelho e a pilha com pano seco e limpo;
2. Manter sempre o pavilhão externo da orelha livre de cera;
3. Encaixar bem o molde do aparelho na orelha e, só depois, ligar o aparelho;
4. Retirar o aparelho da orelha:
 - . ao deitar
 - . na hora do banho, no chuveiro, na piscina, na praia, etc;
 - . quando chover.
5. Realizar revisão técnica, periódica, no AASI, permitindo assim, detectar possíveis defeitos, tais como:
 - . molde que não se encaixa corretamente devido ao crescimento do aluno;
 - . tubo do molde rachado, fios soltos , mau contato, muita umidade, poeira, sujeira etc.
 - . entrada do microfone obstruída por poeira, sujeira ou cera;
 - . baterias gastas ou apresentando reações ao frio intenso ou à umidade excessiva do ambiente;
 - . dispositivo "liga-desliga", ou potenciômetro quebrados ou com maus contatos;

- . presença de água (de chuva, do chuveiro, da piscina, etc);
 - . desconforto acústico.
6. Ir ao médico para retirar o excesso de cera do canal auditivo.

Obs: O professor e os pais devem testar, diariamente, o bom funcionamento do AASI retroauricular, colocando a mão "em concha" sobre a orelha protetizada da criança. Se o AASI "apitar", está funcionando.

O professor e os pais devem também testar o aparelho de "caixa", auditivamente, colocando o receptor próximo do próprio ouvido e dando ligeiros toques no microfone da caixinha.

6- CARACTERIZAÇÃO DOS TIPOS DE EDUCANDOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Consistindo a surdez na perda, maior ou menor, da percepção normal dos sons, verifica-se a existência de vários tipos de portadores de deficiência auditiva, de acordo com os diferentes graus da perda da audição.

O grau e o tipo da perda de audição, assim como a idade em que esta ocorreu, vão determinar importantes diferenças em relação ao tipo de atendimento que o aluno irá receber.

Sob o aspecto que interfere na aquisição da linguagem e da fala, o déficit auditivo pode ser definido como perda média em decibéis, na zona da fala (frequência de 500 - 1.000 - 2.000 hertz) para o melhor ouvido.

Do ponto de vista educacional e com base na classificação do Bureau Internacional d' Audiophonologie - BIAP, e na Portaria Interministerial n° 186 de 10/03/78, considera-se:

PARCIALMENTE SURDO

a) **PORTADOR DE SURDEZ LEVE** - aluno que apresenta perda auditiva de até quarenta decibéis. Essa perda impede que o aluno perceba igualmente todos os fonemas da palavra. Além disso, a voz fraca ou distante não é ouvida. Em geral, esse aluno é considerado como desatento, solicitando, freqüentemente, a repetição daquilo que lhe falam. Essa perda auditiva não impede a aquisição normal da linguagem, mas poderá ser a causa de algum problema articulatório ou dificuldade na leitura e/ou escrita.

b) **PORTADOR DE SURDEZ MODERADA** - aluno que apresenta perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis. Esses limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessário uma voz de certa intensidade para que seja convenientemente percebida. É freqüente o atraso

de linguagem e as alterações articulatórias, havendo, em alguns casos, maiores problemas lingüísticos. Esse aluno tem maior dificuldade de discriminação auditiva em ambientes ruidosos. Em geral, ele identifica as palavras mais significativas, tendo dificuldade em compreender certos termos de relação e/ou frases gramaticais complexas. Sua compreensão verbal está intimamente ligada à sua aptidão para a percepção visual.

SURDO

a) **PORTADOR DE SURDEZ SEVERA** - aluno que apresenta perda auditiva entre setenta e noventa decibéis. Este tipo de perda vai permitir que ele identifique alguns ruídos familiares e poderá perceber apenas a voz forte, podendo chegar até quatro ou cinco anos sem aprender a falar. Se a família estiver bem orientada pela área educacional, a criança poderá chegar a adquirir linguagem. A compreensão verbal vai depender, em grande parte, de aptidão para utilizar a percepção visual e para observar o contexto das situações.

b) **PORTADOR DE SURDEZ PROFUNDA** - aluno que apresenta perda auditiva superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tal, que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir naturalmente a linguagem oral. As perturbações da função auditiva estão ligadas tanto à estrutura acústica, quanto à identificação simbólica da linguagem. Um bebê que nasce surdo balbucia como um de audição normal, mas suas emissões começam a desaparecer à medida que não tem acesso à estimulação auditiva externa, fator de máxima importância para a aquisição da linguagem oral. Assim também, não adquire a fala como instrumento de comunicação, uma vez que, não a percebendo, não se interessa por ela, e não tendo "feedback" auditivo, não possui modelo para dirigir suas emissões.

A construção da linguagem oral no indivíduo com surdez profunda é uma tarefa longa e bastante complexa, envolvendo aquisições como: tomar conhecimento do mundo sonoro, aprender a utilizar todas as vias perceptivas

que podem complementar a audição, perceber e conservar a necessidade de comunicação e de expressão, compreender a linguagem e aprender a expressar-se.

Na área da deficiência da audição, as alternativas de atendimento estão intimamente relacionadas às condições individuais do educando. O grau da perda auditiva e do comprometimento lingüístico, a época em que ocorreu a surdez e a idade em que começou sua Educação Especial são fatores que irão determinar importantes diferenças em relação ao tipo de atendimento que deverá ser prescrito para o educando.

Quanto maior for a perda auditiva, maiores serão os problemas lingüísticos e maior será o tempo em que o aluno precisará receber atendimento especializado.

SUGESTÕES PARA SUA ATUAÇÃO

- a) Consulte a ficha individual de seus alunos, verificando se há um diagnóstico referente à deficiência auditiva;
- b) Observe o comportamento de seus alunos durante atividades específicas de discriminação auditiva;
- c) Convide um médico especialista em otologia, otorrinolaringologia, foniatria ou um fonoaudiólogo, para realizar uma palestra sobre surdez e suas conseqüências aos profissionais, aos pais e aos alunos da escola;
- d) Visite uma clínica ou hospital que realize o diagnóstico da surdez, para futuros encaminhamentos de seus alunos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRASIL - *Subsídios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial* - Área da Deficiência Auditiva - Secretaria de Educação Especial - Série Diretrizes 6 - Brasília: MEC/SEESP, 1995.

BRASIL - *Perguntas e Respostas sobre o seu AASI* - Apostila do Centro de Pesquisas Audiológicas - USP - Bauru-SP

GRAGG, Venita - *What is an Audiogram?* - Gallaudet College Washington DC/US A, 1995

TAYLOR, B., *Conviver com a surdez* - Tradução de Nelson Jr. - Editora Scipione - São Paulo/SP, 1994.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO PROFESSOR

Marque a melhor resposta que complete a afirmação à esquerda:

- 1 - A função do ouvido normal inclui:
- a) conhecimento acerca da anatomia, da fisiologia e da patologia do ouvido;
 - b) captação dos sons, intensificação das vibrações e conversão dessas vibrações em sinais elétricos;
 - c) realização de exames audiométricos;
 - d) estudo sobre a anatomia e a fisiologia do ouvido.
- 2 - No ponto de vista educacional, os parcialmente surdos têm perda de:
- a) 20 a 70 dB
 - b) mais de 90 dB
 - c) 70 a 90 dB
 - d) 20 a 40 dB
- 3 - No ponto de vista educacional, os surdos têm perda de:
- a) mais de 70 dB
 - b) 70 a 90 dB
 - c) mais de 90 dB
 - d) menos de 70 dB

4 - A rubéola da mãe pode ocasionar a surdez da criança. Isso constitui uma causa:

- a) peri-natal
- b) pré-natal
- c) pós-natal

5 - A prevenção primária é de competência da área da:

- a) saúde
- b) educação
- c) assistência-social
- d) psicologia

6 - O atendimento educacional especializado constitui:

- a) prevenção primária
- b) prevenção secundária
- c) prevenção terciária

7 - A surdez leve e a surdez moderada:

- a) permitem a aquisição da linguagem oral
- b) não permitem a aquisição da linguagem oral
- c) não permitem que o bebê balbucie
- d) não acarretam problemas articulatórios

8 - A surdez severa e a surdez profunda

- a) permitem a aquisição natural da linguagem oral
- b) não exigem o uso do AASI
- c) não permitem a aquisição natural da linguagem oral
- d) nunca permitem que o bebê balbucie

9 - O AASI pode "apitar", porque

- a) o molde está pequeno
- b) a pilha acabou
- c) o microfone quebrou
- d) entrou água

10 - A higiene do AASI se faz

- a) lavando-o com água e sabão
- b) limpando o ouvido com cotonete
- c) esfregando-o com um pano seco e limpo
- d) limpando-o com querosene

CHAVE DE CORREÇÃO DA AVALIAÇÃO - FASCÍCULO 1

- 1 B
- 2 A
- 3 C
- 4 B
- 5 A
- 6 C
- 7 A
- 8 C
- 9 A
- 10C

FASCICULO 2
EDUCAÇÃO ESPECIAL
O PAPEL DA FAMÍLIA FRENTE
À SURDEZ

Conteudista: Giuseppe Rinaldi

Brasilia/1997

MEC
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

SUMARIO

APRESENTAÇÃO.....	71
OBJETIVOS.....	73
INFORMAÇÕES INICIAIS.....	75
ALTERNATIVAS PARA APRENDIZAGEM DO PROFESSOR. . . .	77
O PAPEL DA FAMÍLIA FRENTE À SURDEZ.....	79
1. A FAMÍLIA COMO AGENTE DE PREVENÇÃO E DE IDENTIFICAÇÃO PRECOCE DA SURDEZ.....	81
2. A FAMÍLIA DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA E OS SERVIÇOS COMUNITÁRIOS NAS ÁREAS DE SAÚDE, TECNOLOGIA, PSICOLOGIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL.....	87
2.1. SERVIÇOS MÉDICOS, FONOAUDIOLÓGICOS E ODONTOLÓGICOS.....	87
2.2. SERVIÇOS TECNOLÓGICOS.....	90
2.3. SERVIÇOS PSICOLÓGICOS E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL.....	91
3. A FAMÍLIA E OS SERVIÇOS COMUNITÁRIOS NA ÁREA EDUCACIONAL.....	99
3.1. A DESCOBERTA DA SURDEZ E O INÍCIO DA REABILITAÇÃO.....	101
3.1.1. Fases por que passa a família.....	101
3.1.2. Orientações educacionais.....	109
3.2.0 INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO.....	112
3.2.1.0 papel da família no início da escolarização.....	113

.Segurança	113
.Carinho.....	113
.Comunicação.....	113
.Desenvolvimento Psicossocial	116
.Integração: ..na família	118
.. na escola.....	119
.. no trabalho.....	120
.. na sociedade.....	121
3.2.2.0 papel da família durante a escolarização.....	121
a) A escolha do método de aprendizagem da comunicação.....	124
b) A organização dos serviços de estimulação precoce.....	126
c) A continuidade da escolarização.....	133
3.3. O INÍCIO DA ADOLESCÊNCIA E O PROCESSO EDUCACIONAL.....	138
3.4. A INDEPENDÊNCIA DO FILHO SURDO.....	145
4. OS SERVIÇOS COMUNITÁRIOS NA ÁREA SOCIAL	151
4.1. ASSOCIAÇÃO DE SURDOS.....	151
4.2. ASSOCIAÇÃO DE PAIS DE SURDOS.....	156
4.3. DEVERES E DIREITOS DOS PAIS.....	160
Anexo.....	165
Modelo de Estatuto para Associaçõesde Pais de Surdos.....	167
SUGESTÕES PARA SUA ATUAÇÃO.....	179
BIBLIOGRAFIA.....	181
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO PROFESSOR.....	189
CHAVE DE CORREÇÃO DA AVALIAÇÃO.....	193

APRESENTAÇÃO

Prezado Professor!

Você que atua ou pretende atuar com alunos surdos, ou parcialmente surdos, está recebendo o Fascículo 2 - "O papel da família frente à surdez".

Aqui está um roteiro básico das atividades desenvolvidas pelos serviços comunitários, com os quais os pais e professores podem contatar.

Espera-se assim que você possa desenvolver seu trabalho com as famílias dos seus alunos surdos, na busca de alternativas de atendimento médico, fonoaudiológico, psicológico, social e educacional, principalmente, no Programa de Estimulação Precoce.

Esse fascículo, em particular, retrata os problemas pelos quais uma família passa, quando da descoberta da surdez em um de seus membros, e dá ênfase à participação dos pais no processo educacional dessa criança.

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Oferecer ao professor subsídios para que envolva a família no processo educacional dos filhos surdos, orientando-a na busca e na utilização dos serviços comunitários, prioritariamente, nos da área educacional.

Objetivos Específicos:

O professor deverá ser capaz de:

- orientar os pais de alunos surdos, através de palestras e estudos sobre a prevenção e a identificação da surdez, sobre o programa de estimulação precoce, bem como sobre sua atuação (da família) em toda a vida do filho.
- informar os pais sobre os serviços comunitários disponíveis nas áreas de saúde, psicologia, assistência social e educação, para que possam buscar o atendimento adequado a seu filho.

INFORMAÇÕES INICIAIS

1. Leia os objetivos específicos do fascículo;
2. Estude o texto do fascículo;
3. Teste seus conhecimentos, respondendo a avaliação proposta;
4. Confira suas respostas com as da chave de correção, no final do fascículo;
5. Se for aprovado, passe para o fascículo seguinte;
6. Se não conseguir aprovação, reestude o texto;
7. Faça novamente a avaliação. Se não conseguir aprovação, consulte o professor aplicador do fascículo;

ALTERNATIVAS PARA APRENDIZAGEM DO PROFESSOR:

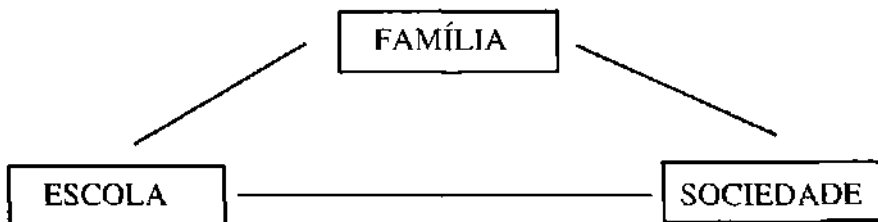
- Estudar o texto relativo ao fascículo;
- Rever o vídeo para tirar as dúvidas;
- Recorrer ao professor aplicador do fascículo, caso a dúvida persista;
- Realizar a avaliação proposta e as atividades sugeridas.

O PAPEL DA FAMÍLIA FRENTE A SURDEZ

O Fascículo 2 visa a prestar esclarecimentos necessários aos professores, de forma que possam orientar os pais quanto a aceitação da diferença e quebrar preconceitos, além de viabilizar a integração do surdo na comunidade onde vive.

Para que se consiga atingir o objetivo almejado, faz-se necessário firmar parceria entre família, escola e comunidade.

Este Fascículo, em particular, trata das funções e do papel da família nesse trabalho.



1 - A FAMÍLIA COMO AGENTE DE PREVENÇÃO E DE IDENTIFICAÇÃO PRECOCE DA SURDEZ

O ser humano percebe o mundo e a presença do seu semelhante por meio dos sentidos da visão, da audição, do olfato, do paladar e do tato. Ainda assim, uma pessoa é muito mais do que o simples somatório desses sentidos. A perda de um ou mais deles não diminui, por si, a potencialidade da pessoa; até certo ponto, uma deficiência sensorial, pode mesmo ser atenuada pelo aguçamento dos demais sentidos. Essa perda, entretanto, não representa um obstáculo intransponível para que ela se relacione de forma construtiva consigo mesma, e com o mundo do qual faz parte, construindo para si, por seus próprios meios, a felicidade possível.

Os sentidos constituem os intermediários principais entre as necessidades internas do indivíduo e o ambiente e, qualquer privação sensorial repercute sobre o equilíbrio emocional que caracteriza uma personalidade madura, embora essa repercussão varie, segundo cada pessoa, e não se manifeste de forma sistemática.

O surdo está privado do sentido que serve como "antena", pois proporciona automaticamente informações referentes as flutuações do ambiente. Essa privação provoca o que se chama de "isolamento", um fator importante para a integração e a estabilidade emocional.

O controle do ambiente é essencial para manter o domínio da realidade e a criança surda usa os outros sentidos, principalmente a visão, para obter tal controle.

Myklebust (1975) diz que a organização e a estruturação psicológica da criança surda difere daquela apresentada pela criança ouvinte, pela privação do sentido que opera à distância (audição), o que

obriga o organismo a fazer trocas, forçando-o a integrar sua experiência de modo diferente.

Embora a perda auditiva não conduza, inevitavelmente, a dificuldades sociais e de personalidade, pode criar um ambiente em que tais dificuldades aparecem.

A deficiência auditiva, exceto em casos raros, afeta a comunicação, que representa a base para a interação social.

Sabe-se dos sentimentos e atitudes discriminatórias das pessoas, frente a grupos que diferem do geral. Os surdos constituem um desses grupos minoritários que sofrem as restrições dos demais, pelo fato de serem diferentes.

O auto-conceito e a segurança de uma pessoa portadora de deficiência auditiva influenciam o modo pelo qual percebe e enfrenta a rejeição dos outros. Sentir-se diferente é ruim. Surge então a necessidade de se unir a alguém com características semelhantes e de participar de associações específicas.

De acordo com os dados estatísticos da Organização Mundial da Saúde (OMS), um e meio por cento da população dos países em desenvolvimento têm problemas relativos à audição. Por isso, além do Governo, que tem obrigação de cuidar da saúde da população e da prevenção das deficiências, os cidadãos podem também evitar a surdez não se expondo às situações de risco.



Noivos...

Façam exames pré-nupciais.



Mulher...

Vacine-se contra a rubéola,
pelo menos seis meses antes
de ficar grávida.
Fique atenta ao fator Rh.

Você futura Mamãe...

So tome remédios com indicação médica!
Faça exames pré-natais!
Alimente-se bem!
Evite ficar perto de pessoas com doenças infecciosas

Papai e Mamãe, seu bebê está chegando...

Procurem um hospital ou um médico
para o momento do parto!



Atos de Amor...

Vacinem seu bebê contra
meningite, sarampo, caxumba.
Participem das campanhas de vacinação
promovidas pela Secretaria de Saúde.



Papai e Mamãe,

- Dêem ao bebê, somente remédios que o médico mandar.
- Levem o bebê ao médico, quando ele estiver com febre ou com dor de ouvido.
- Tratem imediatamente os resfriados comuns e as infecções de ouvido.

Os pais podem perceber, precocemente, a surdez de seu filho, se observarem alguns indícios ou sintomas, apresentados pela criança, e que podem indicar anormalidades no seu comportamento auditivo. Os principais indícios apresentados pelas crianças que possuem deficiência auditiva são:

- não se assustar com portas que batem ou outros ruídos fortes;
- não acordar com música alta ou barulho repentino;
- não atender quando são chamadas;
- serem distraídas, desatentas, desligadas, apáticas, não se concentrar;
- não falar de modo compreensível;
- não falar, após dois anos de idade;
- parecer ter atraso no desenvolvimento neurológico ou motor.

A verdade é que, seja por razões orgânicas, ambientais ou por força de fatores hereditários ou adquiridos, muitas pessoas são portadoras de um atraso significativo no desenvolvimento que as caracteriza como portadoras de deficiência auditiva. Trata-se de uma condição complexa e variada que se manifesta pela falta de audição, pelo insuficiente desenvolvimento da fala, com prejuízo à interação do indivíduo no meio em que vive.

Uma criança, de qualquer faixa etária, que não reaja a ruídos ambientais, a sons instrumentais e à voz humana, provavelmente é surda e deverá receber atendimento médico e educacional especializado.

Nesse caso, os pais e/ou a família deverão procurar os serviços comunitários: médicos, psicossociais, educacionais, associações de pais de surdos e associações de surdos.

Papai e Mamãe...

Seu bebê parece não ouvir?

Fiquem atentos aos sintomas:

não acorda com ruídos

não fala normalmente

não procura de onde vem o som

Procurem os serviços de sua comunidade...

Serviços Médicos

Serviços Psicológicos

Serviços de Assistência Social

Serviços Educacionais

Associação de pais

Associação de surdos

2 - A FAMÍLIA DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA E OS SERVIÇOS COMUNITÁRIOS NAS ÁREAS DE SAUDE, TECNOLOGIA, PSICOLOGIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL

2.1 - SERVIÇOS MÉDICOS, FONOAUDIOLÓGICOS E ODONTOLÓGICOS

Um médico (otorrinolaringologista) poderá realizar o diagnóstico da criança, identificar a possível causa da surdez, prestar o atendimento clínico, encaminhar ao fonoaudiólogo, definir e indicar o aparelho de amplificação sonora individual, além de orientar os pais.

O médico otorrinolaringologista poderá diagnosticar o grau e o tipo de surdez após exames audiométricos realizados por fonoaudiólogo, especializado em audiologia, que também poderá definir e indicar o aparelho de amplificação sonora individual que mais se adapta ao tipo de perda auditiva da criança.

Uma orientação dinâmica aos pais deverá ocorrerem conjunto com todos os profissionais envolvidos não somente no processo de diagnóstico da surdez, como em todo o decorrer do atendimento prestado ao portador de deficiência auditiva.

Um levantamento de prováveis causas da surdez já diagnosticada será de grande valia para o tratamento clínico feito pelo otorrino, e também para o tratamento terapêutico realizado ininterruptamente pelo fonoaudiólogo.

Um portador de deficiência da audição terá sua surdez classificada pela fonoaudiologia como:

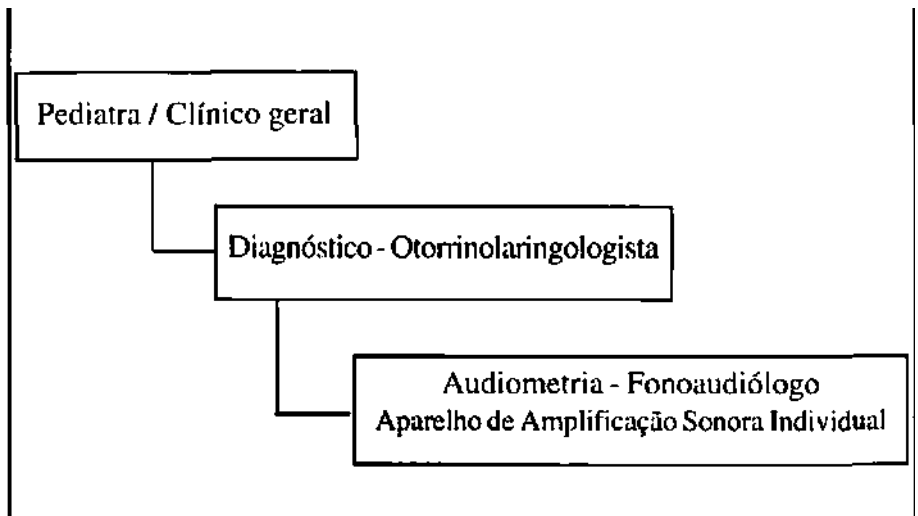
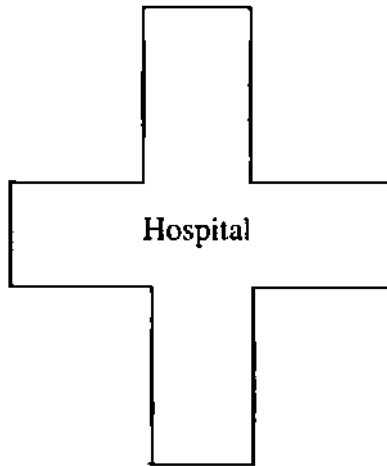
Grau de Deficiência	Perda em dB
Normal	0 a 15
Leve	16 a 40
Moderada	41 a 55
Moderadamente severa	56 a 70
Severa	71 a 90
Profunda	+ de 90

É importante lembrar que, mesmo antes da protetização e da estimulação precoce, o portador de deficiência auditiva moderadamente severa pode perceber os sons da palavra falada, o que já não ocorre com o portador de perda severa e muito menos com o portador de deficiência profunda.

Se o surdo profundo for estimulado, desde o nascimento, reagirá auditivamente para vários sons ambientais e até mesmo poderá, com o tempo, codificar alguns sons da palavra falada. Esse é o objetivo da estimulação auditiva.

Se uma criança portadora de deficiência auditiva tiver condições específicas para receber um implante coclear, poderá reagir mais favoravelmente à estimulação auditiva, codificar e emitir com maior facilidade os sons da fala humana.

Papai e Mamãe procurem os serviços na área da Saúde



2.2 - SERVIÇOS TECNOLÓGICOS

. Área da eletrônica

Certas tarefas diárias, como atender o interfone ou a campainha da porta, ou levantar na hora certa, causam problemas aos portadores de deficiência auditiva. Já existem, porém, no Brasil e no exterior, dispositivos eletrônicos que facilitam suas vidas, como:

- . adaptadores que fazem luzes piscarem ou suportes especiais que vibram quando a campainha toca;
- . despertadores ligados a um dispositivo, colocado sob o colchão ou o travesseiro, que vibra para despertar a pessoa;
- . telefones equipados com um amplificador ou sistemas de circuito, que podem ser ligados ao aparelho de surdez;
- . adaptador para a visualização de dados, que ligado ao aparelho telefônico possibilita ao usuário ver a informação de um telefonema numa tela de televisão;
- . legendas na TV;
- . berço com auto-falante;
- . aparelhos de rádio FM na sala de aula;
- . mascaradores de zumbidos;
- . fones de ouvido ou pontos de escrita miniaturizados que podem ser conectados diretamente em muitos aparelhos de TV;
- . outros.

No que se refere a dispositivos, equipamentos que facilitam a vida de pessoas com problemas auditivos, destacam-se os aparelhos de amplificação sonoral individual - AASI.

Cabe ao audiologista prestar esclarecimentos e recomendações aos pais quanto aos modelos de aparelhos de amplificação sonora individual.

1 - Aparelho "de caixa" - Indicado por estimular simultaneamente os dois ouvidos. O aparelho deverá:

- proporcionar ganho acústico adequado à perda auditiva;
- ter durabilidade;
- ter resistência;
- ter amplo espectro de frequência, destacando as mais graves.

Assistência técnica competente e de qualidade deverá ser oferecida pela empresa fornecedora do aparelho.

2 - Aparelho retroauricular - Indicado por ter amplificação adequada à perda auditiva, ter efeito **estereofônico** (possibilita a localização de sons) e provocar efeito estético positivo.

Obs.: É necessário que o educando receba orientação e acompanhamento, por parte do médico, do fonoaudiólogo e de um técnico em eletrônica, de modo a facilitar a adaptação, o bom uso e a manutenção de seu aparelho de amplificação sonora individual. Caso contrário, a ação educativa, embora não seja impedida totalmente, pode sofrer sérias limitações.

A ação educativa conta também com o apoio da área da informática.

A utilização de computadores para melhorar o desempenho lingüístico (estruturação frasal) das pessoas surdas já é uma realidade em vários estados brasileiros.

2.3 - SERVIÇOS PSICOLÓGICOS E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Objetivos do atendimento psicossocial:

- informar e orientar os pais (família) acerca das questões relativas à surdez;

- levar a família a refletir sobre a importância de sua participação no processo de desenvolvimento da criança surda;
- assistir à família em suas necessidades psicossociais.

Ações desenvolvidas pela equipe psicossocial:

- detalhar para a família o resultado do diagnóstico médico e fonoaudiológico;
- prestar atendimento às famílias, a partir de seu referencial, de sua realidade, observando suas condições socioeconômicas e culturais e sua disponibilidade para participar da educação da criança. Levar em consideração o seu aspecto emocional sem pré-julgamentos e sem o estabelecimento de padrões ou valores sociais;
- analisar e estudar os problemas de cada família: sentimentos de rejeição, medo, culpa, incerteza, ressentimentos, estresse e ansiedade;
- participar da reflexão sobre a crise familiar e sua problemática, agravada (de forma muito negativa) no momento sociopolítico, econômico e cultural que o País vivência;
- esclarecer à família quanto à sua real importância no processo de formação de seu filho, como sujeito do mundo;
- procurar envolver todos os membros da família na educação da criança, para que todos participem da busca e da conquista tanto de seus direitos e deveres, quanto da exigência dos direitos e deveres do surdo;
- alargar o campo de ação da família, tornando-a mais responsável

- pelo filho e orientadora básica de sua educação, evitando negar-lhe qualquer tipo de informação;
- conduzir a família de forma que ela encontre suas próprias soluções, e defina escolhas e condutas a partir de suas próprias deduções;
 - trabalhar em parceria com as famílias em busca de:
 - recursos financeiros para a aquisição de aparelho de amplificação sonora individual para as crianças - equipamentos;
 - elaboração/confecção de material didático, brinquedos adequados e montagem de tarefas que possam ser realizadas, em casa, pela criança;
 - melhoria no atendimento educacional como meio do crescimento, amadurecimento e conscientização do papel da família no processo educacional;
 - propiciar troca de experiências entre as famílias, com vistas ao crescimento de seus membros, possibilitando-lhes a descoberta de soluções mais práticas;
 - apresentar a filosofia, a metodologia e a dinâmica do trabalho utilizada pela instituição;
 - conduzir a família a uma visão clara, do processo educacional e suas etapas, esclarecendo-a quanto à etapa de desenvolvimento em que sua criança está inserida;
 - apontar os recursos físicos, materiais e humanos da instituição;
 - informar a família quanto aos objetivos a serem alcançados pela criança, no atendimento educacional, em conformidade com sua individualidade e potencialidade;
 - interagir com os pais, como facilitadora do processo educacional,

como cobradora de posturas adequadas, como instrumentalizadora e mediadora dos mecanismos de desenvolvimento da criança;

- procurar suprir necessidades emergenciais da família quanto a:
 - problemas emocionais (desabafos, questionamentos) e estruturais;
 - aquisição da carteira de passe-livre como acompanhante;
 - problemas de ordem técnica e jurídica;
 - informações a respeito da extensão da problemática da surdez;
- repassar às famílias valores positivos que devem estar margeando e se infiltrando no processo da formação da criança surda;
- desenvolver Programa de Orientação aos Pais, atendendo às seguintes propostas:
 - realização de entrevista para anamnese inicial;
 - coleta de documentação e dados para o mapeamento da situação socioeconômica da família;
 - convite aos pais, famílias, amigos, vizinhos para se engajarem no trabalho, como co-reabilitadores do surdo, visto que nenhum profissional da educação terá mais contato com a criança que a própria família;
 - organização de grupos de pais para estudo de apostilas, apresentadas a partir do primeiro contato da família com a escola, em reuniões semanais. Essas apostilas devem abordar, dentro de um enfoque psicossocial, os seguintes tópicos:
 - 0 informações gerais sobre surdez;
 - 0 comunicação do/e com o surdo;
 - 0 psicologia do surdo;
 - 0 sugestões de atividades a serem desenvolvidas na vida diária;
 - 0 sugestões de atividades a serem desenvolvidas durante as brincadeiras espontâneas da criança;

- sugestões para a confecção de brinquedos e jogos com vistas à participação da família na educação do filho;
- 0 sugestões de atividades específicas que visam à preparação da fala;
 - 0 confecção de diário, para acompanhamento do desenvolvimento da criança;
 - 0 sugestões para confecção de álbuns de figuras, para fixação de conceitos e experiências, a partir do interesse da criança.
- ajustar o programa de orientação aos pais em conformidade com suas necessidades, introduzindo conteúdos acerca:
 - do perigo da família tornar-se um foco de pulsões destrutivas e autopunitivas, violentamente acentuadas por ocasião do nascimento da criança surda e pelo sentimento de incapacidade de interagir normalmente com ela;
 - da desestruturação familiar que pode ocorrer por ocasião do diagnóstico médico;
 - das funções criativas de suporte e de estimulação das potencialidades da criança surda, para que se tornem agentes do desenvolvimento do filho;
 - de valores positivos como: coragem, realismo, autoconfiança, apoio e entusiasmo, que provocam mudanças de atitudes frente ao desafio que é a educação de um filho surdo;
 - do papel da família no processo de interação e integração social do filho surdo.

Estratégias utilizadas pela equipe psicossocial:

- interatividade permanente por meio de:
 - reuniões semanais, mensais e semestrais;
 - troca de experiências;
 - debates sobre:

O práticas pedagógicas;
atividades da vida diária;
o conteúdo teórico do Programa de Orientação a Pais, e
avaliação do trabalho técnico e individual;

- atendimento individualizado a cada família.

Em escolas que não podem contar com os profissionais da psicologia e da assistência social, torna-se necessário que o professor da educação especial oriente os pais a procurar esses serviços na comunidade, ou então assuma algumas das funções anteriormente descritas, recebendo orientações daqueles profissionais. Nesse sentido, é importante que tomem ciência do que se passa com a família de um surdo.

Papai e Mamãe...

Peçam ajuda, se possível, a um psicólogo!

Procurem um Serviço Social, para obter informações acerca de:

- programas de assistência às famílias carentes;
 - transporte (passe livre) para a criança;
- aquisição de aparelho de amplificação sonora individual;
 - cirurgia;
 - atendimento especializado.

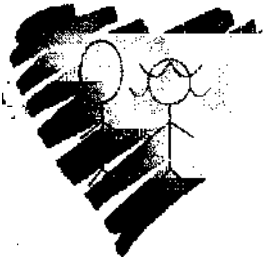
Façam parte da Associação de Pais de Surdos e saibam sobre:

- direitosdos surdos
- direitos dos pais dos surdos
- deveres dos pais

3 - A FAMÍLIA E OS SERVIÇOS COMUNITÁRIOS NA ÁREA EDUCACIONAL

Pode-se definir família de várias maneiras, dependendo do critério que se queira utilizar, como por exemplo:

- . pessoas aparentadas que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos;
- . pessoas do mesmo sangue" (Ferreira, 1986);
- . pessoas com vínculos adotivos, particularmente o pai, a mãe e os filhos de "coração" e não de "barriga".



Como primeiro e principal núcleo ao qual o ser humano pertence, a família atua no sentido de amparar física, emocional e socialmente os seus membros.

O papel que a família desempenha numa sociedade está em constante evolução, podendo desenvolver-se em diferentes estágios, conforme a idade, o tipo e o número de membros que a compõem.

Pode-se dividir o período que vai desde o início da constituição da família até a emancipação dos filhos e a constituição de novas famílias, a partir deles, nos seguintes estágios:

- o do casal sem filhos;
- o do nascimento de filhos ou sua adoção;
- o do desenvolvimento dos filhos até seis anos de idade;
- o dos filhos em idade escolar;
- o dos filhos na adolescência;
- o dos filhos emancipados.

Ao passar de um estágio para outro, os papéis dos membros da família, bem como as relações entre eles, estão sujeitos a mudanças.

Quando um dos membros da família nasce surdo, essas mudanças podem ser acrescidas de outras, as vezes muito mais traumáticas: maior tensão e ansiedade, possibilidade de surgimento de conflitos e até mesmo desintegração familiar. O conjunto dessas emoções e reações, aliado à falta de conhecimento a respeito da surdez, gera uma situação de estresse ("conjunto de reações do organismo a agressões de ordem física, psíquica, infecciosa, e outras, capazes de perturbar-lhe a homeostase", Ferreira, 1986). O estresse gera sentimentos que trazem sensação de insegurança, de medo, de impotência, de incapacidade para resolver situações novas.

Em todas as famílias podem ser identificados períodos de estresse, na vivência com filho surdo, que seguem os seus estágios de desenvolvimento físico, psicológico e social:

- a descoberta da surdez e início da reabilitação;
- o início da escolarização;
- o início da adolescência;
- a independência do filho surdo.

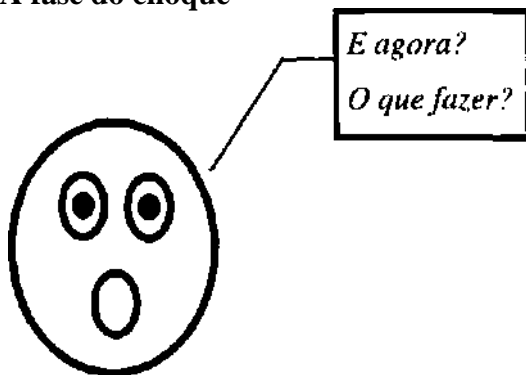
3.1 - A DESCOBERTA DA SURDEZ E O INÍCIO DA REABILITAÇÃO

3.1.1. Fases por que passa a família

É necessário, que os pais saibam como lidar com essas alterações e partilhem suas inquietações com outras pessoas que também passam pelas mesmas fases:

- o choque;
- a reação;
- a adaptação, e
- a orientação.

A fase do choque



A fase do choque pode ser caracterizada por uma paralisia de ação, pela confusão e por sentimentos fortes e opostos, quando os pais são informados de que o filho é surdo.

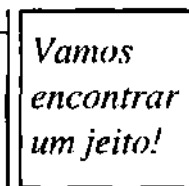


A fase da reação



A fase da reação caracteriza-se pelo aparecimento de diferentes mecanismos de defesa psíquica. Os pais ficam arrasados, decepcionados, frustrados, revoltados; ficam ansiosos, angustiados, têm sensações de impotência, de incapacidade, insegurança, e culpa, porque se sentem, em parte, responsáveis pela deficiência.

A fase da adaptação



Reconfortados pela ação de elementos externos (outros pais, médicos, professores, fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais), os pais saem do sofrimento agudo e encaram o problema de maneira mais realista. Entram, então, na fase da adaptação. Nessa fase, são capazes de utilizar suas forças a favor do filho. É o momento de receber informações mais detalhadas sobre a deficiência e de como lidar com a criança.

A fase da orientação



*Podemos
fazer ainda
melhor!*

Com o tempo, a crise passa e os pais podem pensar no futuro. Começa a fase da orientação. Com a experiência pessoal, os pais assimilam conhecimentos que podem utilizar de modo mais construtivo para fazer face às novas funções.

Os pais devem saber quais os passos a seguir e procurar os serviços oferecidos pela comunidade, os direitos dos portadores de deficiência, além de seus próprios direitos.

Características de cada fase

Na fase do choque ou do impacto da descoberta da surdez, a família desenvolve uma série de sentimentos:

- a ansiedade;
- a raiva e /ou a negação;
- a culpa;
- a depressão;
- o preconceito;
- a rejeição/superproteção.

Basicamente, existem duas espécies de sentimentos: os positivos e os negativos. Os sentimentos negativos interferem no prazer, consomem energia e nos deixam exauridos com a sensação de vazio e solidão. Os sentimentos positivos ampliam o senso de força e bem estar, produzindo prazer, sensação de plenitude e esperança.

O que se deseja é desfazer alguns dos mistérios dos sentimentos (em relação à surdez) para que se torne possível às pessoas reconhecer e compreender o que sentem, de forma que os sentimentos possam ser seus aliados, em vez de seus inimigos.

Ansiedade é um estado emocional, fruto de uma expectativa ou de um medo perante uma realidade desconhecida e ameaçadora que está por vir.

Ansiedade, "mal estar ao mesmo tempo psíquico e físico, caracterizado por temor difuso, sentimento de insegurança por desgraça iminente. De preferência, reserva-se o nome de 'angústia' para as sensações físicas que acompanham a ansiedade (constrição torácica, distúrbios vasomotores, etc)". Na prática, os dois são sinônimos. (Henri Pieron/ Dicionário de Psicologia Editora Globo).

Quando uma pessoa tem uma experiência negativa ou sofre uma perda, sente dor. A dor cria um desequilíbrio e produz uma primeira reação, normalmente, de negar a realidade. Quando essa realidade se impõe, a reação pode ser dirigida para fora, contra a fonte da dor. A expressão dessa energia chama-se *raiva*,

Se essa energia não puder ser manifestada contra a fonte da dor, mas, pelo contrário, for dirigida para dentro, contra a própria pessoa, ela se torna sentimento de *culpa*. Se essa culpa não for aliviada pela aceitação da raiva inicial como uma reação ao mal inicial, ela se volta contra a pessoa que a sente e se torna *depressão*, que pode consumir sua energia até destruir a pessoa.

A sociedade costuma ter preconceito contra tudo que não conhece e tudo que difere dos padrões considerados normais. Por isso, pela falta de conhecimento específico da pessoa surda e das suas capacidades, a

atitude da sociedade, como também, às vezes, dos próprios pais, é de discriminação e pode manifestar-se concretamente, tanto na rejeição, quanto na superproteção.

A formação de guetos, embora compreensível, não é desejável, já que o isolamento não contribui para superar a discriminação. Quanto maior o contato com os diferentes ambientes sociais, mais esclarecimentos esse contato trará à sociedade, levando-a a refletir sobre o que é ser diferente.

A rejeição faz com que as pessoas não se dirijam ao surdo, fujam dele, prefiram não entrar em contato com ele.

A superproteção, igualmente perniciosa, faz com que as pessoas realizem tarefas que seriam de competência do surdo; façam o que ele poderia estar fazendo, demonstrando, assim, não acreditar nas capacidades dele.

O objetivo de prestar esclarecimento a respeito da surdez e de quebrar os preconceitos relativos ao deficiente auditivo é viabilizar a sua integração social.

A intenção dos profissionais que atuam com pais de surdos é a de desfazer os sentimentos negativos, ajudando-os a transformá-los em sentimentos positivos.

A descoberta da surdez pode acontecer de formas diferentes:

I. os pais ficam sabendo da deficiência da criança após apresentar ao médico suas dúvidas relativas à falta de reação a estímulos sonoros e vê-las confirmadas pelos exames audiológicos;

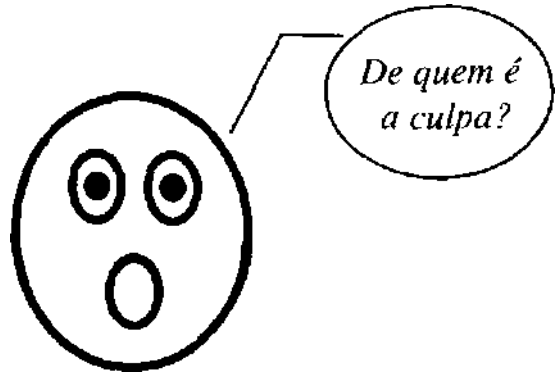
2. os pais procuram diagnóstico médico, porque outras pessoas de seu convívio lhes chamam atenção para algumas características atípicas da criança.

A reação dos pais não é igual. Diferem em função de vários fatores, tais como: o que a criança significa para eles, suas esperanças, ambições, maturidade pessoal, relações que o casal mantém entre si, ausência de um dos pais, condições econômicas nas quais vivem, seu desenvolvimento intelectual, as experiências com irmãos mais velhos, etc.

Somente com a compreensão dos sentimentos despertados pela surdez adquirem-se atitudes positivas no sentido de responder adequadamente às reais necessidades dos surdos, tornando-os merecedores do direito de serem participantes ativos da família, bem como do direito de usufruírem plenamente de sua cidadania.



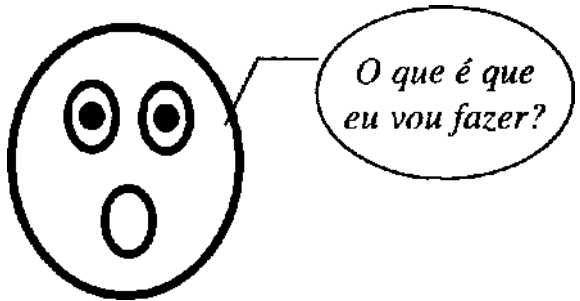
O fato de ter gerado uma criança surda, ou de confrontar-se com a experiência traumática de ver uma criança ouvinte tornar-se surda, leva a família a encarar isso como um castigo não merecido.



Os pais procuram atribuí-la a alguém ou a alguma coisa. Quando uma causa específica é estabelecida, o sentimento de culpa começa a diminuir.



O medo e a vergonha frente aos preconceitos e perguntas mais comuns deixam os pais numa situação angustiante por não saberem como responder.



A falta generalizada de informação deixa os pais desorientados, quanto a possíveis iniciativas práticas. Uma orientação adequada facilitará a tomada de atitudes pertinentes.

Preocupações e conflitos.

Os sentimentos negativos levam os pais a preocupações demasiadas, à não aceitação do problema e a conflitos desnecessários .

A busca do "milagre ".

Essa etapa inclui o recurso a credices, medicações falsas e à busca de curandeiros. Os extremos a que chegam, sem resultado, levam os pais à etapa seguinte.

A dificuldade com os profissionais.

Cheios de dúvidas e suspeitas, os pais não conseguem acreditar totalmente nos profissionais procurados nem em suas orientações, o que faz aumentarem suas dúvidas e inseguranças.

No entanto, somente com a assistência de profissionais competentes das áreas da saúde (pediatra, otorrino, fonoaudiólogo, psicólogo), da assistência social e da educação, os pais podem encontrar formas de atender melhor às necessidades de seus filhos.

3.1.2. Orientações Educacionais

Ao tomar conhecimento da deficiência do filho, a família se desorganiza emocionalmente. A decepção, o sentimento de culpa e o desespero impossibilitam a aceitação da deficiência como um fato. É o momento de ter o apoio de um psicólogo e de um serviço de assistência social.

A falta de conhecimento a respeito da extensão do problema gera estresse e ansiedade, deixando os pais inseguros, diante de um futuro imprevisível.

Os pais necessitam aprender a replanejar sua vida, a traçar objetivos e buscar meios de alcançá-los.

Mesmo os pais que reagem bem ao diagnóstico podem passar por momentos de desânimo, tristeza e dificuldades.

Difícilmente os pais chegarão a tomar uma atitude de aceitação e busca dos meios de enfrentar o problema, sem a ajuda desses profissionais.

É recomendável que todos os pais, nestas etapas recebam apoio psicológico e orientação. Eles precisam de compreensão no que se refere a sentimentos de culpa, incerteza e medo, precisam ter alguma idéia do que o futuro reserva para eles e os filhos e, muito encorajamento, no sentido de aceitarem o desafio que têm pela frente.

Com frequência, no lugar da compreensão, exige-se que esses pais sejam verdadeiras fortalezas humanas. Espera-se que, com pouca ou nenhuma orientação, compreendam problemas médicos ligados à deficiência auditiva, enfrentem sentimentos confusos em relação a si mesmos e ao filho e que em pouco tempo assumam as novas responsabilidades que a deficiência auditiva exigirá deles na vida diária.

O serviço psicossocial pode orientar a família a partir da descoberta da surdez, momento crítico e grave, que pode desestruturar o que se considerava sólido.

Ao certificarem-se da surdez real de um filho, uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos pais talvez seja a perspectiva da necessidade de ter de aceitar a nova realidade (para a qual não estavam preparados) e o fato de que o filho não escuta as palavras a ele dirigidas.

Aceitar não quer, necessariamente, dizer deixar de sofrer. Aceitar é buscar a força interior que os impulsionará na luta pela conquista da integração do seu filho ao meio.

Os pais necessitam de *motivação* que os faça ver o futuro com a ótica da esperança e da convicção de que agora mais do que nunca, eles, pais, têm um papel primordial e histórico no desenvolvimento do filho.

Para isso necessitam de *orientação*. Esse novo caminho poderá lhes trazer gratificações pelo sucesso que se alcança, quando são valorizadas "pequenas situações" que levam a grandes oportunidades de realizações no campo emocional, cultural, profissional e de integração social.

Nessa orientação trabalha-se o desempenho das funções de pais-educadores na formação dos filhos, numa maturidade maior. Os pais se descobrem capazes de despertar a disponibilidade para o aprendizado.

Busca-se envolver, de forma criativa, os pais que se acomodam e se acobertam pela autopiedade, procurando motivá-los para a missão especial que terão de desempenhar na família.

Nessa fase os pais necessitam de um *acompanhamento*, por meio de assessoramento individual, nas dificuldades do dia-a-dia. Cursos para Pais, Grupos de Estudos e Reflexão Programada são utilizados para manter o otimismo e despertar criatividade para a autonomia no desempenho de suas funções.

Observa-se que algumas vezes os pais permanecem em "sofrimento", mesmo quando têm condições financeiras, intelectuais, sociais, até que sejam despertados para a ação especial.

Outros despertam com uma sagacidade que os leva a retomar a escolaridade, sendo que muitos deles se destacam, pela liderança, na criação de Associação de Pais e, em consequência, criam, pela conscientização social, condições propícias para o filho e demais surdos de sua comunidade. As reações familiares deslocam-se do âmbito do fenômeno individual, para encontrar parcerias nas ações coletivas.

Verifica-se que os pais, que recebem orientação e alcançam adequados conhecimento e compreensão de si mesmos e de seu(s) filho(s) deficiente(s) auditivo(s), são capazes de enfrentar e encontrar soluções para os desafios da vida.

Os membros da família, quando conscientes das questões relacionadas à deficiência auditiva, aprendem a lidar com as dificuldades dela decorrentes, buscando formas alternativas de ajustamento.

Apoiar os pais psicologicamente e orientá-los é imprescindível, considerando-se que o êxito no processo de desenvolvimento das

capacidades da criança deficiente auditiva, principalmente nos primeiros anos de vida, depende da sua participação real e ativa.

3.2 - O INÍCIO DA ESCOLARIZAÇÃO

Uma das maiores angústias vividas pelos pais de crianças surdas é o encaminhamento de sua escolaridade. A rigor, desconhecem seus direitos e não possuem, portanto, argumentos quando uma porta escolar lhes é fechada. A lei é bastante clara ao afirmar que toda criança tem direito à escola, mesmo as que possuem necessidades educativas especiais, como é o caso dos portadores de deficiência auditiva. Muitas são as histórias de pais que escondem seus filhos em casa, por vergonha ou desespero; muitos desconhecem as instituições especializadas ou não, públicas e particulares que podem atender a crianças especiais. Cabe aos governantes a responsabilidade de divulgar as ofertas educativas existentes, facilitando aos pais a busca de serviços especializados.

Nos grandes centros urbanos, tais serviços são mais numerosos e heterogêneos e podem ser encontrados em suas diversas modalidades de atendimento: escolas especiais, classes especiais, e a inclusão nas classes regulares, com acompanhamento especializado em salas de recursos.

Portanto, a possibilidade de escolha, por parte dos pais, é muito maior nos grandes centros. Essa escolha deverá refletir o tipo de visão que a família tem da diferença de sua criança e do encaminhamento a ser dado.

Nas escolas especiais, ela tem a possibilidade de conviver com pessoas com as mesmas questões; nas escolas comuns ela estará inserida junto às crianças diferentes. É fundamental, em ambos os casos, o envolvimento familiar. Seja qual for a escolha, a família deverá estar atuando na base de sustentação de sua escolaridade e sociabilidade.

Nas cidades de menor concentração demográfica, a tendência é não haver classes especiais por falta de demanda e, tampouco, escolas especiais. O que ocorre é a educação, no ensino regular, com acompanhamento especializado em sala de recursos, no turno inverso ao de sua escolaridade comum. Nesses casos, o envolvimento da comunidade escolar é precioso para o sucesso do trabalho a ser realizado. Em qualquer situação escolar, a criança surda deve sentir-se aceita e seu cotidiano deve ser facilitado por todos os que, direta ou indiretamente, convivem com ela.

Os serviços educacionais iniciam-se pela Educação Infantil, no programa de estimulação precoce e na pré-escola.

3.2.1. O papel da família no início da escolarização

Nesta etapa compete aos pais possibilitar à *criança* surda:

- **Segurança:**

- A aceitação da criança pelos pais e familiares e a crença nas suas potencialidades fazem com que ela se sinta segura e adquira maior confiança em si mesma e se aceite melhor, procurando auto-suficiência e emancipação, mesmo quando estiver na escola, longe de casa.

- **Carinho:**

- Tão importante quanto a necessidade de segurança é a necessidade de carinho que, quando suprida, possibilita o desenvolvimento da capacidade de contato afetivo adequado com outras pessoas e o estabelecimento de comunicação.

- **Comunicação:**

- Desde o nascimento, os pais devem estabelecer comunicação com seu filho surdo, como o fazem com os demais filhos ouvintes, sem se deixar bloquear pela surdez. Os pais devem conversar com ele a respeito do que está acontecendo e do que vai acontecer, cuidando porém, para que a criança

fique atenta a quem está conversando com ela. Portanto, a família é um elemento facilitador do processo de desenvolvimento da comunicação do surdo.

Os pais, bem orientados pelos serviços educacionais, sabem que precisam desenvolver a linguagem de seu filho, ou seja, sabem que as crianças, mesmo surdas, já nascem com capacidade para expressar o que quiserem, por meio do corpo, principalmente dos gestos, e até por meio das palavras.

A família passa então a agir normalmente com a criança surda:

- . comunicando-se com ela o tempo todo, como uma mãe o faz com seu bebê ouvinte, antes de ele aprender a falar;
- . fazendo perguntas, e respondendo por ela, nos primeiros meses de vida;
- . cantando para ela;
- . contando histórias infantis, contando fatos acontecidos e que estão acontecendo.

Essas atividades, sempre que possível, são realizadas com o bebê no colo, porque a criança percebe a vibração do corpo de quem está se comunicando com ela.

A família desenvolve essas atividades todos os dias, normalmente, independentemente de a criança responder ou não ao que está sendo comunicado.

Os pais facilitam o desenvolvimento da comunicação do e com o filho surdo quando:

- *conduzem a criança a olhar para eles, enquanto estão falando;*
- *fazem a criança sentir como são as vibrações produzidas pelos sons emitidos pelos pais e por ela mesma;*

- *colocam as mãos da criança sobre o seu nariz, bochechas, garganta e no tórax, enquanto falam, para que ela perceba com as mãos os movimentos decorrentes da fala e as vibrações produzidas pelos sons;*
- *falam com movimentos lábiais bem definidos, afim de que ela compreenda o que estão dizendo, pela observação dos lábios;*
- *usam expressões faciais, movimentos do corpo, das mãos, gestos naturais (e até convencionais, conforme a metodologia adotada) para tornar mais clara a mensagem que estão transmitindo;*
- *expressam, no rosto, os sentimentos de dor, alegria, surpresa, enquanto estão falando;*
- *falam exclusivamente a respeito da situação em que estão vivendo ou dos objetos que estão mostrando;*
- *falam naturalmente, com voz normal, num nível moderado de velocidade, sobre o que estão fazendo no momento:*
 - . *da alimentação;*
 - . *do banho;*
 - . *das brincadeiras;*
 - . *de levantar, deitar, etc.*
- *usam palavras simples, familiares, do cotidiano;*
- *usam frases curtas, simples e completas;*
- *solicitam à criança, respostas às suas perguntas;*
- *estimulam a criança a emitir qualquer som, pedaço de palavra (sílabas tônicas) como resposta às suas perguntas;*
- *dão as mesmas ordens, no dia-a-dia, ajudando a criança a executá-las, num primeiro momento;*
- *ajudam a criança a compreender e aprender palavras novas, tais como:*
 - . *nomes de pessoas;*
 - . *nomes dos objetos comuns do lar, brinquedos, animais, vestuário, cores;*

- . *nomes das ações que ela pratica (verbos);*
- . *circunstâncias de lugar e tempo;*
- *parabenizam a criança quando tenta emitir palavras novas e/ou corretamente;*
- *corrigem a fala distorcida, devolvendo o modelo correto;*
- *estimulam a criança a utilizar o desenho como meio de expressão;*
- *reservam uma parte do dia para cuidar da educação do filho para;*
 - . *repetir os exercícios propostos pelo fonoaudiólogo ou professor;*
 - . *vivenciar novas experiências à medida que vão falando sobre elas;*
 - . *cantar e dançar com ela, batendo palmas para acompanhar o ritmo.*
- *utilizam a língua de sinais.*

• **Desenvolvimento Psicossocial:**

Os pais, ajudados também pelos professores, devem educar a criança, para que tenha um comportamento socialmente adequado, incluindo noções de higiene, de moral e de religião. Cabe aos pais proporcionar ao filho oportunidades de se desenvolver socialmente ao se relacionar com eles, com os familiares, com os professores e com outras crianças e adultos, para que a criança aprenda a participar de todas as atividades, adquirindo responsabilidade e equilíbrio emocional.

Durante os dois primeiros anos, devido às limitações naturais do ser humano, os pais precisam dispensar toda uma série de cuidados necessários ao bom desenvolvimento da criança, que por isso sente-se o "centro do universo".

A medida que a criança vai adquirindo mais recursos, espera-se que os cuidados dos pais sejam diminuídos, gradualmente, o que dará lugar à

caminhada da criança para a autonomia.

Verifica-se que no caso do surdo existe uma forte tendência dos pais em manterem esses cuidados nas etapas posteriores. Isso vai provocar uma forma de distorção, pois a característica egocêntrica será transformada em egoísmo.

O egoísmo aparece, porque a criança se acostuma a receber tudo e entende que isso é obrigação dos outros, passando inclusive a cobrar da família esse tipo de atenção. Surge, então, um juízo de valor: "só serve, só é bom o que me agrada".

Esse juízo de valor pode acompanhar o surdo ao longo de seu desenvolvimento até provocar outras formas de distorção como a dificuldade em aceitar limites e respeitar normas.

A expectativa dos pais é também fator importante para o desenvolvimento emocional do filho.

A criança certamente procurará corresponder à expectativa das pessoas que admira. Acreditar em sua capacidade é fundamental.

Educar é tarefa importante e difícil e não há receita que ensine como se relacionar com um filho portador de deficiência auditiva. Porém, algumas atitudes apresentam resultados positivos, quais sejam:

- vê-lo como uma "criança normal", embora não ouça e necessite de uma atenção particular;
- acreditar nas capacidades do filho surdo;
- procurar facilitar-lhe a percepção e compreensão global das situações que ocorrem no ambiente, mantendo-o informado do que está se passando;

- dar o exemplo é a forma mais segura para a criança surda entender as regras sociais, pois ela aprende com o que vê e não com o que ouve;
- contribuir sempre para aumentar a autonomia e a segurança do filho surdo a fim de que tenha mais facilidade para enfrentar o mundo com sua capacidade e seus recursos pessoais, porque não terá os pais por perto o tempo todo, disponíveis para resolver suas dificuldades;
- estabelecer limites e regras claras, objetivas, adequadas e dosadas.

O mundo é um lugar organizado por regras sociais (senso comum). Ensinar o filho a seguir essas regras, é ajudá-lo a adaptar-se ao mundo, e a ter um comportamento socialmente aceitável. Desse modo ele aprende a ter noção dos direitos dos outros e a respeitar esses direitos. Essa atitude mostra que os pais estão preocupados com o comportamento do filho e ele, conseqüentemente, vai interpretá-la como uma expressão de amor. Os pais devem estar atentos a essas reflexões, desde a infância de seu filho, porque à medida que ele cresce os comportamentos vão se cristalizando e tendem a se acentuar na adolescência.

Assim, como qualquer ser humano, os surdos lutam para conseguir estabilidade e equilíbrio psicológicos.

Os pais devem encontrar a resposta às suas dúvidas e preocupações em seu próprio filho, uma vez que educar é uma arte difícil e delicada, integrada por um pouco de ciência, muito bom senso e sobretudo muito amor.

• **Integração:**

As crianças surdas têm direito a participar da vida familiar, de uma escola comum e da comunidade, mesmo que em cada um desses momentos mereçam uma atenção diferenciada às suas necessidades especiais.

A integração depende, dentre outros fatores, de uma comunidade que esteja preparada para conviver e aceitar aqueles que são diferentes.

Integração é um processo dinâmico que possibilita ao surdo interagir, conviver e comunicar-se com outras pessoas. Essa integração pressupõe atitudes de cooperação e reciprocidade e evolui de acordo com as tendências internacionais e nacionais.

O processo de integração se baseia no princípio de "normalização", que significa "oferecer aos portadores de necessidades especiais modos e condições de vida diária o mais semelhantes possível às formas e condições de vida do resto da sociedade" (*Política Nacional de Educação Especial/MEC, 1994*).

Esse processo ocorre nos seguintes contextos relacionais:

.. na família

Os pais e demais membros da família incluem sua criança, surda ou não, nas atividades cotidianas do lar desde o seu nascimento.

Nessas atividades, a família trata a criança surda de forma natural, contando histórias, comentando fatos, corrigindo erros, etc.

Essa atitude é o modelo adequado de comportamento que termina por influenciar positivamente toda família e vizinhança.

.. na escola

Os pais encontram na comunidade escolar o apoio de que necessitam para continuar o trabalho de integração de sua criança surda. Nesta fase, os colegas devem ser orientados quanto à importância da

língua de sinais com o objetivo de uma interação mais efetiva com a criança surda.

Se a criança inicia sua educação por meio do Programa de Estimulação Precoce, os pais tomam, desde cedo, consciência da importância de seu papel como principais agentes de integração e como elementos, indispensáveis, de ligação entre sua criança e a comunidade escolar.

Os profissionais que atuam nesse programa de estimulação precoce oferecem aos pais apoio e encorajamento necessários, orientando-os sobre as atividades a serem desenvolvidas em casa, para continuar, no lar, a desenvolver o programa curricular demonstrado na escola.

Durante a pré-escola e a alfabetização, pais e profissionais da educação propiciam a integração, mesmo que parcial, da criança surda, ao viabilizar momentos de interação conjunta com seus colegas ouvintes e demais membros da comunidade escolar.

No que se refere à inserção de um surdo em classe comum do ensino regular, pais e professores devem participar de uma escola inclusiva ou integradora.

Essa escola procura desenvolver uma pedagogia centrada na criança, surda ou não, respeitando as diferenças de todos os seres humanos. A proposta de escola inclusiva ou integradora é não só dispensar uma educação de qualidade para todos, como também mudar atitudes de discriminação da sociedade no que se refere às pessoas portadoras de necessidades especiais.

.. no trabalho

Ao desenvolver ações de esclarecimento às empresas, sobre as reais capacidades do surdo, e ao implantar serviços de apoio ao portador de

deficiência auditiva para conscientizá-lo sobre seus direitos e deveres trabalhistas, a escola e os pais estarão contribuindo, não somente para a integração do surdo ao mundo do trabalho, como, ainda, para sua realização pessoal e sua equalização com as pessoas consideradas normais.

A integração ao mundo do trabalho conclui o processo de integração social, uma vez que possibilita ao surdo exercer plenamente sua cidadania, tornando-o membro útil da sociedade da qual faz parte.

.. na sociedade

A integração social do surdo é o resultado de todo o processo que teve início com a estimulação precoce.

Se os pais e profissionais da educação possibilitarem condições para o portador de deficiência auditiva ter acesso ao sistema educacional, se assegurarem seu direito a uma atividade produtiva, como qualquer cidadão, estarão contribuindo para sua verdadeira integração no contexto social.

O processo de integração social é contínuo e torna-se mensurável à medida que o surdo conscientiza-se de seu papel de cidadão com pleno direito à escolha de vida pública e privada.

3.2.2. o papel da família durante a escolarização

A escolarização inicia-se a partir da constatação da surdez da criança, por meio do atendimento em programas de "estimulação precoce" e deve prosseguir na pré-escola, 1º, 2º e 3º graus à semelhança daquela oferecida a qualquer aluno ouvinte, acrescida da complementação curricular específica (atendimento educacional especializado).

Os serviços educacionais estão à disposição dos pais dos surdos, principalmente em algumas instituições especializadas, governamentais e não-

governamentais, na rede regular de ensino, tanto para atendimento acadêmico da criança quanto para seu atendimento especializado.

O atendimento especializado inicia-se na Educação Infantil (estimulação precoce e pré-escola), perdura na Educação Fundamental, no Ensino Médio e Tecnológico e, às vezes, encerra-se somente no Ensino Superior.

O atendimento especializado na Educação Infantil, especificamente a estimulação precoce para crianças surdas que estão na faixa etária de zero a três anos de idade, é abordado nesse fascículo, deixando para o próximo, a continuidade do atendimento educacional.

A família e o processo de atendimento educacional do surdo na faixa de zero a três anos.

A família deve participar do processo educacional do filho surdo, desde a anamnese inicial, quando, por meio de uma entrevista, coloca os profissionais da educação (diretor, professor, psicólogo, etc) a par da sua história de vida e da vida da criança surda.

Cabe aos pais:

- . realizar a escolha filosófica e metodológica para o atendimento educacional de seu filho;
- . participar ativamente do processo de Educação Infantil da criança;
- . levar a criança à escola, duas ou mais vezes por semana, para que possam ver a atuação do profissional com a criança e ser por ele orientados;
- . confeccionar e utilizar material didático similar ao utilizado pelo professor, para dar continuidade, no lar, ao programa de estimulação;
- . estudar temas relacionados à surdez e participar do Programa de Orientação a Pais;

- . estudar a melhor forma de se comunicar com a criança para ajudá-la a desenvolver uma linguagem;
- . acompanhar o desenvolvimento de sua criança em todos os aspectos de sua personalidade;
- . conhecer os tipos de atendimento que a criança recebe e quais seus objetivos.

O acompanhamento da vida escolar do surdo deve ser contínuo, perdurar nos demais níveis de ensino, com modalidades diferenciadas, de acordo com a apresentação das próximas unidades.

*Papai e Mamãe!!!
Seu filho não ouve?*

O resultado do exame constatou que ele é surdo?

Levem sua criança para o programa de estimulação precoce em uma escola, ou em uma clínica fonoaudiológica.

Conheçam a filosofia e a metodologia oferecida pela escola, antes de matricular seu filho.

Procurem informações no Instituto Nacional de Educação de Surdos, RJ, em escolas especiais para surdos, na Secretaria de Educação do seu Município ou do seu Estado sobre o atendimento especializado para a criança de zero a três anos.

Participem das atividades escolares de seus filhos.

Acompanhem os deveres de seus filhos.

a) A escolha do método de aprendizagem da comunicação

No atendimento ao portador de deficiência auditiva podem ser adotados:

- . o oralismo (método auditivo-verbal, unissensorial ou multissensorial,

- método oral/aural);
- . a comunicação total (bimodal);
- . obilingüismo;
- . outros.

Quando se aplica o *oralismo*, o educando tem acesso à língua portuguesa, em sua modalidade oral, com ênfase na estimulação auditiva, para que possa alcançar melhor nível possível de desempenho da língua falada.

Quando se aplica a filosofia da *comunicação total*, o educando tem acesso à língua de sinais simultaneamente à língua portuguesa, ao alfabeto digital e a outras formas de expressão.

Quando se aplica o *bilingüismo*, o educando é exposto à língua de sinais em momentos diferentes daqueles da língua portuguesa.

Papai e Mamãe...

*Façam a escolha filosófica e metodológica que
vocês considerarem melhor para seu filho.*

1 - Comunicação total

- . Língua Portuguesa simultaneamente à Língua Brasileira de Sinais
-LIBRAS

2 - Oralismo

- . Língua Portuguesa com ênfase na modalidade oral

3 - Bilingüismo

- . Língua Portuguesa
- . Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS

Para a aplicação dos métodos deve haver:

- . potencialidade da criança surda;
- . preparo adequado dos recursos humanos envolvidos;
- . parecer favorável do Setor Pedagógico da escola;
- . orientação e supervisão do coordenador pedagógico local;
- . orientação aos pais para seu envolvimento no processo educacional.

A opção inicial pelo Oralismo, pelo Bilingüismo, ou por qualquer outra alternativa educacional deve ser feita pelos pais, com base em sua postura diante da surdez e na oferta do Sistema Educacional.

Qualquer que seja a escolha filosófica ou metodológica definida pelos pais, há que se ter presente que a criança necessita de atividades de estimulação para o aprendizado da Língua Portuguesa. Para tanto deverá realizar as seguintes atividades:

- Estimulação Sensorial Auditiva;
- Leitura Orofacial;
- Estimulação Rítmica;
- Desenvolvimento da Linguagem;
- Estimulação Fonoarticulatória;
- Estimulação para o Desenvolvimento Cognitivo.

Além da estimulação da Língua Portuguesa e/ou da Língua Brasileira de Sinais a criança deverá desenvolver atividades da área psicomotora que poderão incluir ou não a hidro-estimulação.

OBS: Todo o trabalho deve ser desenvolvido de forma natural, aproveitando momentos de interesses diversos, sem planejamento fechado, seja em nível de cronograma, seja de objetivos específicos para cada atividade, respeitando as etapas de desenvolvimento de toda criança.

b) Organização do atendimento especializado para crianças surdas de zero a três anos de idade no Programa de Estimulação Precoce

Os fonoaudiólogos e/ou professores orientam os pais - principais agentes da Educação Infantil -, que a forma de realizar as atividades para se alcançar os objetivos propostos baseia-se, fundamentalmente, na:

- afetividade;
- ludicidade;
- naturalidade e
- cotidiano (atividades da vida diária)

Agir com carinho, com naturalidade, e através de brincadeiras, criar possibilidades de interação, é fundamental para o êxito do trabalho. É preciso se relacionar, criar vínculos com a criança, adotando estratégias que a motivem a realizar a tarefa.

A criança não pode sentir-se forçada a realizar qualquer atividade.

A primeira demonstração de cansaço por parte da criança, deve-se modificar o tipo da atividade.

O atendimento educacional às crianças de zero a três anos poderá ser prestado:

- . em creches;
- . em Centro de Educação Especial ou Escola Especializada;
- . em sala de recursos/estimulação do Ensino Regular;
- . em qualquer sala da comunidade: nas igrejas, centros comunitários, etc.

A sala de estimulação precoce é um "local destinado ao atendimento de portadores de deficiência auditiva de zero a três anos". Tal sala deverá ser, sempre que possível, um ambiente que se assemelhe ao de uma sala residencial. O ideal é que seja uma casa em miniatura.

O atendimento da criança de zero a dois anos deverá ser individual, orientado por professor especializado, com participação direta dos pais. Participando das sessões de atendimento ao bebê portador de deficiência auditiva, os pais aprenderão a estimulá-lo convenientemente, em casa. Todo o desenvolvimento do bebê deverá ser registrado pelo professor e, sempre que possível, também pelos pais, por meio de diários.

A partir de dois anos, além do atendimento individual é aconselhável o trabalho em pequenos grupos de duas ou três crianças, com o objetivo de obter melhor rendimento, por meio da estimulação do grupo.

O objetivo do atendimento é atingir padrões de desenvolvimento compatíveis com as possibilidades individuais, adequados, sempre que possível, à faixa etária de cada criança.

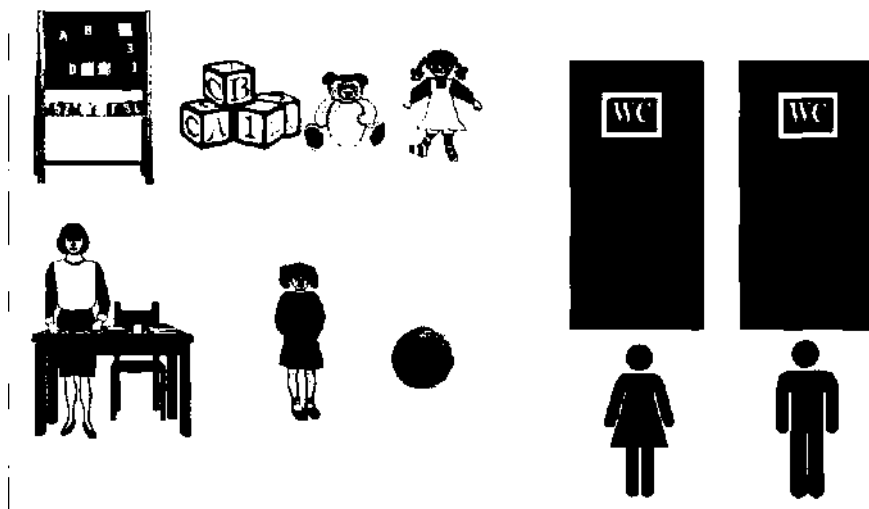
O atendimento de estimulação precoce deverá envolver as áreas sensório-motora, cognitiva e afetiva e enfatizar a estimulação auditiva e lingüística, em programas elaborados segundo as necessidades individuais de cada criança.

Os recursos didáticos são da maior relevância, uma vez que o aluno precisa de equipamentos para amplificação sonora e de materiais para a estimulação auditiva e cognitiva, a fim de facilitar a aquisição dos conceitos lingüísticos e o trabalho de recepção e emissão.

Do material didático a ser utilizado fazem parte objetos sonoros, instrumentos musicais, fitas gravadas e discos para estimulação auditiva, roupas, alimentos, utensílios domésticos e brinquedos. Todos são necessários para a aquisição de conceitos lingüísticos e para a estimulação sensorial em geral.

*Papai e Mamãe...
...acompanhem e participem do Programa de..*

ESTIMULAÇÃO PRECOCE



O que é o programa de estimulação precoce ?

É um conjunto de atividades voltadas para a criança surda com idade de zero a três anos e para sua família.

Para quê ?

⇒ Para estimular global e especificamente a criança surda a fim de que possa se desenvolver segundo os ritmos e padrões próprios de toda criança; e

=> Para orientar, sistematicamente, os familiares para que assumam seu papel, conscientemente, no trabalho de estimulação da criança surda.

Para quem ?

- => Para a criança surda de zero a três anos de idade, e
- => para os seus familiares (pais ou responsáveis).

O que é estimulação global e específica ?

A *estimulação global* consiste na oferta de condições e atividades que favoreçam o desenvolvimento de qualquer criança, surda ou não, principalmente na área psicomotora.

A *estimulação específica* consiste na estimulação da Linguagem, com atividades que propiciam o desenvolvimento das áreas que a surdez afeta, e das áreas que se constituem via de saída para impedir que a surdez acarrete outros problemas:

estimulação para a aprendizagem da Língua Portuguesa:

- estimulação e treinamento auditivos;
- estimulação para o desenvolvimento da fala;
- estimulação da leitura orofacial.

estimulação para a aquisição da Língua Brasileira de Sinais.

O que é o trabalho na atividade psicomotora ?

É um *conjunto de atividades* que visa proporcionar à criança experiências corporais que servem ao desenvolvimento de suas capacidades motoras, ao conhecimento de si mesma, de suas possibilidades e à exploração e conhecimento do ambiente físico e humano.

Consiste em oferecer experiências corporais adequadas, para que a criança chegue à percepção de si mesma e da relação que ela pode ter com o espaço físico e com as pessoas que a rodeia.

O que é hidro-estimulação?

Consiste na execução de exercícios respiratórios e motores em meio líquido, visando estabelecer o equilíbrio psicofísico, a respiração adequada e o controle motor.

O que é estimulação para o desenvolvimento cognitivo?

Consiste na introdução de conhecimentos básicos de modo informal e sem cobranças, a partir da vivência da criança.

O que é estimulação da linguagem ?

Consiste na aplicação de métodos e técnicas para aquisição, treino e uso da expressão gráfica e/ou da palavra articulada ou ainda da LIBRAS como meio de expressão e de comunicação entre o educando com deficiência auditiva e as outras pessoas. O conteúdo de Linguagem é o mesmo, tanto para o aprendizado da Língua Portuguesa, como para a aquisição da LIBRAS.

Os objetivos da Linguagem

Com o objetivo de buscar diminuir ou eliminar os efeitos e, conseqüentemente, as dificuldades decorrentes da deficiência auditiva, os profissionais da educação entendem que toda atenção deve ser dirigida para o processo de estimulação global da criança surda, com vistas a facilitar o desenvolvimento de sua linguagem. Essa estimulação implica:

1. proporcionar à criança experiências significativas que favoreçam a compreensão e recepção lingüística;

2. despertar na criança a necessidade de se expressar, de se comunicar, partindo do ambiente que a rodeia.

O que é estimulação / treinamento auditivo ?

É um conjunto de atividades que, partindo dos resíduos auditivos que todos os surdos têm, visa oferecer-lhes uma maior riqueza de dados e dos elementos próprios da realidade "sonora" que os rodeia, levando-os a uma melhor compreensão e a uma adaptação mais adequada.

Estimulação Auditiva "consiste num procedimento sistemático, destinado a aumentar a quantidade de informações de uma pessoa através da audição, contribuindo para sua percepção total" (Sanders). Tem como objetivo conscientizar o surdo a respeito dos sons ambientais, instrumentais e da fala, bem como sua percepção, localização, discriminação e memorização, com vistas a uma mais rica recepção.

O uso sistemático do aparelho de amplificação sonora individual é muito importante, mas não é suficiente colocá-lo na criança para que ela passe a ouvir. Por isso, se faz necessário um trabalho de estimulação, primeiramente, para que a criança aprenda a reconhecer (via aparelho) os ruídos e os sons ambientais da vida cotidiana, para chegar, em um segundo momento, por meio de um trabalho mais específico e demorado, a reconhecer também os sons da fala, proporcionando uma compreensão muito melhor no momento do diálogo e da conversa rotineira.

Aparelho e Estimulação /Treinamento proporcionam a percepção, a discriminação e o reconhecimento de ruídos, sons e fala.

O que é Estimulação Rítmica?

Consiste num procedimento destinado a enriquecer a percepção global (corporal e auditiva) com vistas ao controle adequado da tonicidade corporal, da respiração e da emissão vocálica.

O que é Estimulação Sensoriais

Consiste em utilizar os diversos canais sensoriais íntegros (visão, tato, sentido cinestésico) que, juntamente com a audição residual, através de formas combinadas, oferecem meios para ajudar o educando surdo a desenvolver sua relação com o mundo e a comunicação com ele.

O que é a estimulação da leitura orofacial ?

A Leitura Orofacial é a capacidade de entender a palavra falada por outra pessoa por meio dos movimentos dos lábios (leitura labial) aliados à expressão facial.

Todo o trabalho de comunicação por meio da brincadeira motiva a criança a prestar atenção à fonte dessa comunicação; aprenderá assim, a dirigir sua atenção, quando precisar ou tiver algum interesse, ao rosto da pessoa que está se comunicando com ela. É nesse momento que o adulto tem a chance de ajudar a criança a desenvolver a sua capacidade de leitura orofacial.

O que é estimulação para o desenvolvimento da fala ?

A Estimulação Fonoarticulatória é a parte mecânica de formação dos sons das palavras e um meio necessário para a aquisição da fala. Abrange respiração, voze articulação visando à expressão oral.

Ao se realizar movimento com a língua (lamber, mostrar, dobrar a língua), com a bochecha (encher a boca de água, inflar as bochechas), com os lábios (beijar, fazer bico), a criança está se preparando para a aquisição da fala.

O objetivo de todo esse trabalho realizado com a criança é favorecer o desenvolvimento da linguagem, que consiste em estabelecer uma comunicação entre o surdo e outra pessoa qualquer e vice-versa.

Para facilitar essa comunicação, é necessário partir das atividades do dia-a-dia e da vivência da criança para que essa comunicação seja significativa e motivadora.

Se esse trabalho for desenvolvido sob forma de uma brincadeira, a criança deixará-se envolver, participará ativamente e criará um laço interativo que lhe permitirá também receber, com mais facilidade, a intenção comunicativa do adulto/pai/mãe/família. A pessoa poderá conversar normalmente (seja por meio da fala, seja por meio de gestos naturais ou da Língua de Sinais) e sua mensagem será "compreendida" sempre mais, como acontece com a criança ouvinte.

E claro que o ritmo de aprendizagem e do desempenho comunicativo de criança surda é normalmente mais lento e a resposta poderá chegar após um prazo maior.

c) A Continuidade da Escolarização

O princípio constitucional que diz que "toda criança tem direito à educação" é válido também para crianças surdas. Por isso, é dever da família, da sociedade e do Estado oferecer as condições necessárias para que todas possam percorrer as etapas que constituem os diferentes níveis de ensino: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação superior.

A continuidade da escolarização visa a oferecer à criança surda as mesmas chances que são oferecidas às outras crianças no que diz respeito ao exercício efetivo de sua cidadania, para que possa se desenvolver como pessoa, adquirir meios culturais para se posicionar na comunidade e para adquirir habilidades para o seu entrosamento eficiente e produtivo na sociedade.

Após o período da estimulação precoce, a função dos pais (de colaborar e atuar junto às instituições educacionais que prestam atendimento ao filho surdo) amplia-se, porque eles passam a acompanhar também a trajetória acadêmica de seu filho.

Podem, então, participar das atividades de ensino:

- trazendo sua experiência profissional para a aula de seus filhos, seja em forma de exposição, seja em forma de dramatização ou jogos;
- respondendo a pesquisas cujos temas foram discutidos na escola;
- organizando espaço-físico adequado aos estudos do filho;
- colaborando com a orientação aos professores e a outros pais, etc.

Papai e Mamãe


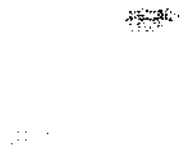






Acompanhem, conheçam e informem-se sobre
o atendimento educacional de seu filho



Na Pré-Escola



Tempo Integral

<p>Em sala de aula</p> 	<p>Em estimulação da fala individual</p> 	<p>Em estimulação auditiva</p>   
<p>Em estimulação da Linguagem</p>  	<p>Em hidroestimulação</p> 	<p>Em estimulação psicomotora</p> 

Na Educação Fundamental

com Integração Parcial ou Total no Ensino Regular

- na hora do almoço e do lanche -



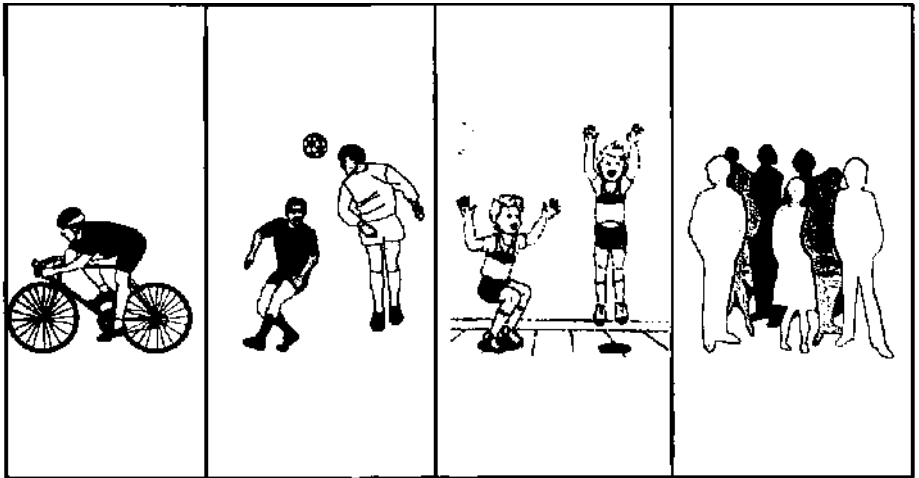
Ciclo Básico da Alfabetização
- na classe especial ou classe comum -



- nas festividades culturais, sociais, religiosas -





- no recreio - (ludicidade)



Na Educação Fundamental/Média ou Superior

Com Integração Total no Ensino Regular

<p>Atendimento em classe comum</p>  <p>1º, 2º e 3º graus</p>	<p>Atendimento em sala de recursos</p>  <p>Complementação curricular específica Linguagem/Português/LIBRAS Apoio Pedagógico</p>
--	---

3.3 - O INICIO DA ADOLESCÊNCIA E O PROCESSO EDUCACIONAL

No trato com o *filho adolescente*, além da continuidade com a escolarização dos filhos, os pais devem conscientizar-se a respeito dos seguintes aspectos:

. **Necessidade da "falta":**

- As pessoas que obtém facilmente tudo o que desejam, sem se esforçar, não adquirem espírito de busca e capacidade de luta. Todo espaço vazio (que corresponderia à falta) tende a ser preenchido.

Sabemos que a abundância traz a banalidade, a vulgarização, o desprestígio, enquanto que a falta traz a valorização, o empenho, o desejo da busca. É preciso que os pais estimulem os filhos adolescentes a desenvolverem suas habilidades para obterem o que desejam.

. **O "não" adequado:**

Os pais devem atender aos pedidos do filho, quando eles são importantes e essenciais para a vida dele, e não estejam a seu alcance realizá-los. Aqueles pedidos que o filho faz, ou porque está com preguiça de realizar suas próprias tarefas, ou porque não devem ser permitidos por razões religiosas, morais ou sociais, os pais não devem atender.

O *não* adequado é salutar. Além de tudo, age como um incentivador, obrigando o indivíduo surdo a buscar novos recursos, fazendo-o sair da passividade para a luta. *O sim* tem um significado de responsabilidade que nem sempre o adolescente tem condições de assumir.

. **Sexualidade:**

Saber sobre sexo e reprodução humana é fundamental para a compreensão da própria vida. Toda criança deve ter a oportunidade de aprender a respeito de uma das experiências mais fundamentais da vida de seus pais, que apesar de se tornarem ansiosos, são as pessoas mais indicadas para lhe exporem os fatos.

A educação sexual é preocupação da maioria dos pais, dada à importância do sexo na vida do indivíduo e à dificuldade que os próprios pais têm em orientar seus filhos sobre o assunto. Falarem sexo termina sendo um tabu.

Como resultado, vêem-se crianças e adolescentes com informações deformadas, cheios de curiosidade, insatisfação, intransigência e malícia. As informações, via de regra, são obtidas de amigos e leituras pornográficas.

É importante esclarecer a diferença entre educação sexual e orientação sexual.

Educação sexual - *"é o aprendizado automático, constante e inconsciente de atitudes, gestos e idéias que se inicia a partir do nascimento".*

Orientação sexual - *"é o conjunto de esclarecimentos e noções dados deliberadamente, intencionalmente à criança por outras pessoas, além dos pais".*

A educação sexual inicia-se em casa, por meio do exemplo vivo e cotidiano da vida familiar. Isso se aplica às famílias em geral, independentemente da existência de um membro portador de deficiência. Não há, portanto, uma educação sexual para o surdo. As diferenças entre o ouvinte e o surdo surgem em função das experiências individuais. O importante é fornecer esclarecimentos sobre sexualidade para facilitar a tarefa de orientar sexualmente o surdo.

Considerando que o sexo está ligado a emoção - não é somente algo do campo do saber, é acima de tudo algo do sentir - fica claro que os pais são as pessoas mais indicadas para orientar os filhos sobre o assunto.

Os pais de crianças surdas têm que assumir a responsabilidade de se informar e de informar seus filhos a respeito de sexo.

Tal tarefa não é fácil, e aqueles que não se sentem suficientemente prontos para ela devem buscar ajuda de profissionais especializados.

A escola pode ser a grande aliada dos pais, nesse momento, numa ação desenvolvida em estreita colaboração com a família. Nas fases

iniciais, os pais devem ser esclarecidos em como proceder com relação à orientação sexual de seus filhos.

Quando a escola pensar em algo planejado a ser desenvolvido junto a seus alunos, deve cuidar para que os pais saibam o que está sendo feito e como devem proceder para ajudar a consolidar a formação dos filhos.

A maioria das famílias são extremamente carentes, inclusive de conhecimentos básicos a respeito de sexo ou da própria reprodução humana. Somem-se a isso suas próprias experiências traumatizantes, as idéias confusas originárias de informações erradas, os medos e a ansiedade de não saberem como proceder com seus filhos.

A orientação sexual ao surdo traz alguma dificuldade a mais para a família e profissionais em geral, devido a sua limitação da linguagem, que exige informações objetivas, explicadas com simplicidade e riqueza de detalhes. Não se deve esquecer de que a criança surda detém uma maior percepção visual e apóia-se, portanto, no comportamento não-verbal.

Os pais de surdo, levados por grande preocupação, sempre perguntam: "Como explicar sexo a meu filho?"

A curiosidade sexual é natural a todos. A sua ausência deve preocupar mais do que a sua existência. As perguntas também surgirão naturalmente. Quando a criança faz uma pergunta sobre sexo, o que ela deseja é uma resposta objetiva. Tudo o que se deve fazer é responder à pergunta logo após ser formulada.

É comum que as primeiras curiosidades ou perguntas deixem os pais embaraçados. O importante é ser honesto e ter a coragem para responder ou confessar o que não sabe, caso seja necessário. A perturbação emocional,

a irritação, o constrangimento moral e as mudanças de expressão com que os adultos acolhem as perguntas infantis sobre sexo intrigam as crianças, fazendo-as fixarem-se no que estão vendo. A criança se perturba também, evitando novas perguntas e desenvolve a idéia de que sexo é assunto melindroso e vergonhoso.

Para o surdo, a maneira de explicar vale mais do que a própria explicação. Grande parte da informação não é compreendida. Entretanto, a criança fixará atitudes assumidas pelo adulto no momento da explicação, desenvolverá em sua imaginação infantil idéias fantasiosas e absurdas a respeito das questões ligadas ao sexo. O fato de evitar perguntar aos pais não significa que a criança deixará de preocupar-se com assuntos sexuais, certamente irá procurar outras fontes em busca de esclarecimentos. Geralmente, irá procurar informações com outras crianças ou pessoas que tenham menor autoridade sobre ela.

As crianças buscam informações fora de casa porque os colegas são muito mais naturais e realmente explicam tudo (mesmo que expliquem errado). Eles falam seriamente, pensativos, discutem e não ficam constrangidos.

Crianças mal preparadas em casa ficam desprotegidas contra "as informações inadequadas" de outras fontes. Não se deve esquecer de que a criança entra em contato com outras pessoas, TV, etc, e que recebe informações a respeito de sexo. Isso possibilita que ela compare as informações já recebidas com as dos pais.

Ao responder perguntas, a honestidade é fundamental, pois a confiança que a criança deposita nos pais não deve ser traída nem sofrer desapontamentos.

Os livros são ajuda importante para os pais, dão base para os conhecimentos que poderão ser interpretados para as crianças. Na adolescência, a orientação sexual é quase sempre oferecida por meio da

leitura de livros. No entanto, as informações obtidas nos livros também podem trazer dificuldades de compreensão ao surdo, pois o vocabulário, na maioria das vezes, é técnico ou não faz parte do seu cotidiano.

Deve-se explicar, detalhar, simplificar as informações. Eles querem fatos concretos sobre o funcionamento do corpo, o que faz, quando e como faz.

Os pais devem saber que as crianças e jovens com alguma deficiência apresentam as mesmas manifestações sexuais observadas nas crianças e jovens considerados normais. A diferença está no fato de que os portadores de deficiência, muitas vezes, não têm noção de *quando*, *onde* e *como* devem ser manifestadas as atividades sexuais, como a masturbação, por exemplo.

Além das informações, deve-se falar sobre as sensações físicas que podem sentir. Isso irá prepará-los a entender essas reações como naturais.

A harmonização da sexualidade do surdo pode ser dificultada, ainda, devido a fatores ligados a própria deficiência como: nível de comunicação, curiosidade não satisfeita, perguntas sem respostas, percepção visual acurada, dificuldade em compreender e explicar sentimentos e dificuldades no controle do ambiente.

O que se observa com frequência no comportamento do surdo é o aumento da fantasia e a aparente exacerbação do interesse sexual, provocado por curiosidade intelectual de compreender melhor o mundo e de se autoconhecer.

Em suma, as atitudes dos pais em relação à orientação sexual da criança surda devem ter como base os seguintes pontos:

- dar respostas simples e com naturalidade;
- ser verdadeiro;
- aproveitar oportunidades espontâneas;

- usar linguagem acessível e inteligível para a idade;
- não insistir no assunto;
- evitar excesso de ensinamento;
- começar por qualquer tema, conforme o interesse da criança;
- ambos os pais podem ensinar;
- respeitar a intimidade e privacidade do filho;
- informar sobre o seu comportamento sexual, com o objetivo de facilitar a adequação.

O interesse por temas dessa natureza surge da compreensão que preparar sexualmente a criança é fundamental para a formação de uma personalidade sadia e equilibrada.

Os pais devem ter consciência de que não se determina idade para o início da orientação sexual. No lar, a confiança é a sua base, unida ao respeito e ao carinho.

Pais, participem da vida de seus filhos

Adolescência



Vida Adulta



Orientação e
Acompanhamento Sexual



3.4 - A INDEPENDÊNCIA DO FILHO SURDO

Compete à família cooperar para independência do *filho adulto* nas áreas econômica e social.

. **Independência Econômico-Financeira:**

É importante que o surdo adulto adquira a sua independência econômica e sinta-se produtivo dentro da comunidade.

Para tanto sugere-se que a escola, sempre com a participação dos pais, busque parceria junto aos serviços que a comunidade dispõe, como por exemplo, Escola Técnica Federal, SESC, SESI, SENAI, SENAC, para a profissionalização dos seus filhos.

O encaminhamento para o mercado de trabalho deverá ter, inicialmente, um caráter de orientação, informando o aluno sobre a legislação, os documentos necessários, hábitos e atitudes frente à situação de trabalho, as opções profissionais, profissões e funções existentes e sobre as normas que regem o mundo do trabalho.

O surdo adulto ainda encontra dificuldades em ser aceito no mercado de trabalho, uma vez que suas reais potencialidades ainda não são reconhecidas por falta de informações e pelo preconceito relativo aos portadores de deficiência.



Face a essas dificuldades, a integração do surdo no mercado de trabalho deverá ser uma preocupação da família, da escola e do próprio interessado.

É importante que os pais tenham uma participação efetiva no processo de inclusão de seu filho no mercado de trabalho.

A esse respeito uma profissionalização proporcional ao seu nível de escolarização pode ser considerada a meta a ser alcançada com vistas à independência do surdo.

A escola deverá desenvolver ações que possibilitem a integração do deficiente auditivo no mercado de trabalho. Essas ações envolvem a implantação de serviços de esclarecimento junto a empresas sobre as verdadeiras capacidades do portador de deficiência auditiva e serviços de apoio para conscientizá-lo a respeito de seus direitos e deveres trabalhistas.

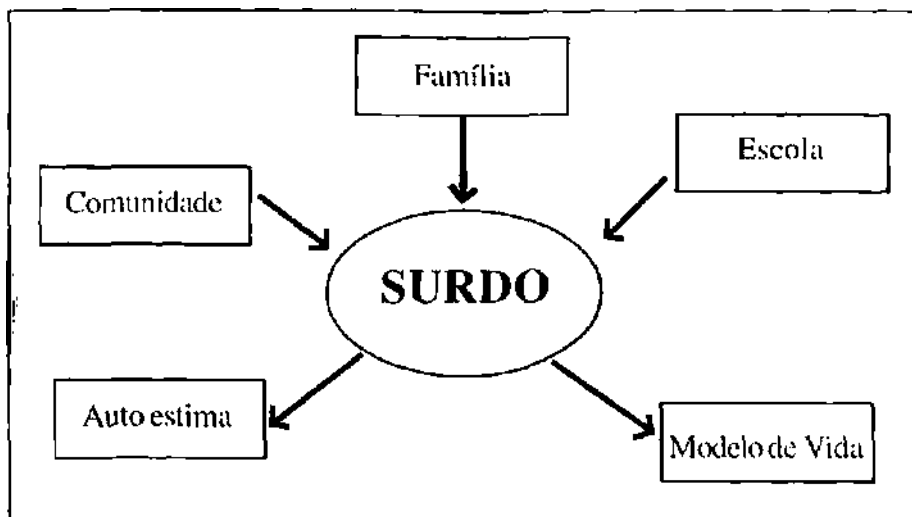
Pais, apoiem seus filhos quanto à:

Profissionalização	Orientação Profissional
	

São as atitudes da família, da escola e da comunidade que vão levar o surdo a desenvolver sua auto-estima e a escolher o seu modelo de vida.

. Independência Social

O adequado seria o surdo adulto sentir-se identificado com a comunidade surda, bem como sentir-se integrado na comunidade ouvinte.



Para tanto, é fundamental o papel da família no processo de interação e integração de seu filho. As seguintes situações podem ser encontradas:

a) Pais ouvintes x filhos surdos

De modo geral, todas as orientações contidas neste fascículo visam ajudar os pais ouvintes que têm filhos surdos.

b) Pais surdos x filhos surdos

Verifica-se que a etiologia da surdez de um casal que gera filhos **também** surdos, em geral, é congênita por consangüinidade e genética (herança de genes de antepassados distantes).

É importante que, antes de os surdos decidirem se casar ou mesmo já casados decidirem ter filhos, sejam orientados a fazerem um estudo genético, para que possam ter conhecimento do risco de gerarem um bebê com surdez.

A melhor maneira é informar a esses pais, de modo bem esclarecedor, sobre como será difícil a educação de um filho cujas dificuldades serão iguais ou até maiores do que as que eles tiveram e ainda têm.

A grande maioria dos pais surdos, que geram filhos surdos, usam a língua de sinais, comunicação gestual associada a uma precária comunicação oral e/ou escrita.

A partir desta constatação, algumas atitudes por parte dos ouvintes que convivem com o casal surdo apresentam resultados positivos, como por exemplo proporcionar:

- orientação sexual;
- cursos para noivos e pais surdos com especialistas, médicos geneticistas, psicólogos, fonoaudiólogos, orientadores educacionais;
- palestras sobre genética, causas da surdez, com material visual bem objetivo, utilizando língua de sinais, comunicação escrita, etc;
- encontros com profissionais de saúde e educação especial, visando mostrar alternativas para se educar o filho surdo e os avanços científicos atualmente usados, tais como os aparelhos de amplificação sonora individual (A.A.S.I.) e o implante coclear (I.C);
- debates com pessoas surdas que já enfrentam a difícil tarefa de educar filhos com surdez;
- campanhas educativas nos postos de saúde, escolas, associações de pais e associações de surdos.

c) Pais surdos x filhos ouvintes

Há uma enorme dificuldade de comunicação entre a pessoa surda e a pessoa ouvinte, o que acarreta relações inadequadas e conclusões errôneas sobre surdez.

É necessário criar estratégias para minimizar a barreira da comunicação entre surdos e ouvintes. Os conflitos ocorrem porque:

- nem os surdos compreendem os ouvintes, ou os compreendem mal;
- nem os ouvintes compreendem os surdos, ou os compreendem mal;

De modo geral, há pais surdos com filhos ouvintes quando a surdez de um dos cônjuges é adquirida por vírus (meningite, por exemplo) ou por medicação ototóxica na primeira infância.

É fundamental que o casal de surdos se submeta a um estudo genético para averiguar quais as chances de que seus filhos nasçam surdos ou ouvintes.

A relação do casal surdo com suas famílias, em geral, é inadequada, é conflitiva, pois ficam irritados ao perceberem que não vêem com tranquilidade o casamento deles.

Os motivos da família podem ser:

- .. a superproteção;
- .. o medo de nascer um outro parente com surdez ou com outros comprometimentos;
- .. a descrença de que o casal surdo seja capaz de viver só e independente;
- .. o medo de que o casal surdo não tenha capacidade para educar seus próprios filhos.

Algumas estratégias, por parte das famílias ouvintes para com os casais surdos, apresentam resultados positivos, quais sejam:

- melhorar a comunicação, e com ela a relação entre ouvintes e surdos;
- fazer visitas freqüentes para demonstrar disponibilidade;
- buscar conhecer outros casais surdos para trocar conhecimentos;
- ajudar só quando houver solicitação por parte do casal;
- respeitar o casal e a forma de como vivem e educam os filhos;
- participar de encontros que ajudam a enriquecer e ampliar as formas de comunicação com os surdos;
- demonstrar interesse pelo casal;
- articular campanhas nos meios de comunicação para esclarecer a sociedade sobre a surdez.

É preciso acreditar no potencial do surdo, dando-lhe condições para demonstrar sua competência e oportunidades para que adquira conhecimentos e desenvolva-se como pessoa.

Com o apoio da família, o surdo adulto conquista sua independência socioemocional a partir do momento em que ele adquire autoconfiança e auto-suficiência. Para tanto ele procura aliar-se a grupos que possuem características semelhantes às suas, tal como uma associação de surdos.

4 - OS SERVIÇOS COMUNITÁRIOS NA ÁREA SOCIAL

4.1. ASSOCIAÇÃO DE SURDOS

Uma associação de surdos surge em função da necessidade de reunir, em uma determinada localidade pessoas cuja "diferença", advinda da dificuldade de estabelecer comunicação, provoca tratamento discriminatório por parte das que ouvem e cujo exercício da cidadania é cerceado por ser o grupo de não-ouvintes, um grupo minoritário.

Os surdos têm o direito de organizar sua associação, não somente para lutar por seus **interesses** perante a sociedade, mas também para promover seu desenvolvimento social, conquanto sejam pessoas como quaisquer outras, com personalidade e inteligência íntegra, sendo úteis à sociedade, quanto lhes são oferecidas oportunidades educacionais e de trabalho.

Muitas vezes o indivíduo surdo cria seu próprio inundo devido à barreira da comunicação, que continuará existindo enquanto não houver entendimento, compreensão e respeito por sua língua natural e própria.

O surdo se expressa por meio da Língua de Sinais, embora ela ainda não seja oficialmente reconhecida no Brasil. A Língua de Sinais permite que as pessoas surdas comuniquem-se umas com as outras e mesmo com os ouvintes.

Para organizar uma associação é necessário que um grupo de surdos elabore um estatuto indicando sua estrutura, seus objetivos e seu funcionamento. Esse estatuto deverá ser registrado em cartório.

Os objetivos de uma associação de surdos são:

- . reunir a comunidade surda, em nível local, por meio de contatos sociais, culturais e esportivos, para extinguir seu isolamento;
- . promover a socialização do surdo, por meio da utilização da Língua de Sinais;
- . defender o espaço da Língua de Sinais como língua específica da minoria que representa;
- . promover cursos de Língua de Sinais para os surdos;
- . participar do treinamento e capacitação de intérprete da Língua de Sinais;
- . atender individualmente a pessoa surda em situação de necessidade;
- . representar os surdos na cidade em que estiver;
- . zelar pela melhoria das condições da comunidade surda;
- . ampliar conhecimentos e manter intercâmbio com os surdos de outros locais do país;
- . divulgar as capacidades dos surdos nas diversas áreas, especificamente na área profissional;
- . promover a integração entre os membros da comunidade surda, entre a comunidade surda e a ouvinte e entre o surdo e a família;
- . organizar e apoiar encontros, seminários e palestras acerca da surdez e suas conseqüências em nível local;

- . firmar convênios com empresas prestadoras de serviços locais especializados:
 - ..em Psicologia, para orientação, encaminhamento e acompanhamento profissional;
 - .. em Assistência Social, e
 - .. em Assessoria Jurídica.
- . promover qualificação e aperfeiçoamento da pessoa surda, via convênios, com entidades profissionalizantes da comunidade;
- . atuar junto à Secretaria do Trabalho com vistas à inserção do surdo no mercado de trabalho;
- . lutar pela igualdade, justiça e integração social;
- . lutar pela conquista de espaço e dos direitos do surdo de forma que ele possa exercer plenamente sua cidadania.

Por meio da participação, espírito de luta, coragem e reunião de seus sócios, os surdos e os pais de surdos conseguem ampliar o número de suas associações, fundar a Confederação, a Federação Esportiva, e sua própria Federação Nacional.

FEDERAÇÃO NACIONAL PARA EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS

Considerando a necessidade de estabelecer contatos, em nível nacional e internacional, surge a Federação Nacional de Surdos cujos principais objetivos são os seguintes:

- participar da elaboração, implantação e implementação da Política Nacional de Educação Especial, para preverem-se serviços

adequados de apoio aos surdos em seu esforço para a efetiva integração escolar;

- estabelecer articulação com os órgãos governamentais e não-governamentais, nacionais e internacionais, com vistas a mudanças e melhorias do atendimento educacional especializado na área de deficiência auditiva;
- promover ações que viabilizem a cooperação técnica com os órgãos governamentais e não-governamentais, em nível nacional e internacional, que atuam na área de deficiência auditiva, por meio de eventos, seminários, encontros, cursos, conferências e convênios;
- apoiar programas de capacitação de recursos humanos e de aprimoramento da educação especial para surdos, a serem executados tanto por associações de surdos e associações de pais de surdos quanto por órgãos governamentais e não-governamentais;
- participar do Programa de Educação a Distância, destinado tanto à orientação à comunidade e aos surdos, bem como à capacitação de professores;
- produzir e divulgar material ilustrativo como cartazes, out-doors, cartilhas, vídeos, vinhetas sobre a questão do surdo;
- congregar e coordenar como filiadas as associações de surdos ou de pais de surdos;
- solicitar ao Poder Legislativo a obrigatoriedade do uso de legenda e/ou interpretação simultânea nos principais programas televisivos;
- estimular a realização de pesquisas na área médica com vistas à

prevenção da surdez;

- promover e divulgar pesquisas nas áreas científica e psicológica, na área de educação e reabilitação da pessoa surda ;
- organizar acervo bibliográfico sobre surdez, suas conseqüências e atendimento nas áreas da saúde, da educação, da assistência psicossocial, do trabalho, em bibliotecas públicas nacionais ou particulares;
- prestar informações e esclarecimentos, em nível nacional, através dos meios de comunicação de massa (TV, rádio, correios, etc.) sobre as potencialidades e capacidades do surdo, principalmente em nível profissional.

São objetivos específicos da Federação Nacional para Educação e Integração dos Surdos:

- viabilizar a estruturação lingüística da Língua de Sinais, por meio de articulações com instituições de nível superior, para que ela possa ser reconhecida como língua;
- difundir trabalhos lingüísticos sobre Língua de Sinais;
- conscientizar, divulgar junto às comunidades surda e ouvinte a importância da Língua de Sinais;
- propor à instituição de ensino superior e/ou ensino médio que ofereçam curso de intérprete de Língua de Sinais;
- solicitar ao Ministério do Trabalho o reconhecimento da profissão de intérprete de Língua de Sinais;
- representar a comunidade surda do País.

4.2. ASSOCIAÇÃO DE PAIS DE SURDOS

Uma associação de pais de surdos deve surgir para lutar pelos seus próprios direitos e, principalmente, pelos direitos de seus filhos. Atuando em nível local, deve focalizar sua atenção na família, no surdo e na sociedade.

Por meio de Programas de Orientação a Pais, do Programa de Desenvolvimento Familiar e de troca de experiências das famílias, trabalham-se os seguintes temas:

- . aceitação da realidade;
- . motivação;
- . atitude positiva, e
- . orientação ao filho surdo.

Com o filho trabalha-se:

- . a necessidade de compreender sua forma de comunicação;
- . a necessidade de apoiar a sua escolaridade;
- . a conscientização a respeito da potencialidade produtiva do ser humano.

Com a sociedade busca-se:

- . a não discriminação no tratamento com os surdos;
- . a substituição da piedade pelo respeito à diferença;
- . a conscientização de que os surdos são indivíduos que podem ser integrados e produtivos.

Uma associação de pais e amigos de deficientes auditivos, de acordo com seus estatutos sociais, deve ser uma entidade sem fins lucrativos com as seguintes funções:

- . auxiliar e orientar as famílias de forma a oferecer oportunidades para o crescimento dos pais que se disponham a lutar pela conquista dos direitos reais do filho surdo, por meio da troca de experiências, palestras, encontros, etc;
- . realizar encontros locais, regionais e conferências destinados a analisar e discutir tudo o que se relaciona com o portador de deficiência auditiva;
- . promover o desenvolvimento familiar por meio da integração do portador de deficiência auditiva na sociedade;
- . desenvolver ações junto aos órgãos públicos e aos da iniciativa privada de forma a alcançar meios legais de proteção ao surdo, inclusive no mercado de trabalho;
- . solicitar legislação que ampare os filhos surdos e a si próprios, tratando de assuntos de seu interesse, tais como:
 - .. reserva do percentual de vagas para cargos e empregos públicos. "X" % das vagas nos concursos públicos devem ser para os portadores de deficiência, conforme o Artigo 37, Inciso VIII da Constituição Federal;
 - .. flexibilidade do horário dos pais de crianças surdas, possibilitando sua participação em suas terapias e atendimentos educacionais, conforme Portaria nº 4.017 de 27/11/1995, do Ministério da Administração Federal;
 - .. transporte gratuito (passe-livre) para os estudantes portadores de deficiência e para seus acompanhantes, quando se tratar de crianças na faixa etária de zero a seis anos;

- .. inclusão de vacina contra rubéola como obrigatória no sistema de saúde nacional;
- .. inclusão da disciplina sobre Educação Especial nos cursos de magistério em nível de segundo grau;
- .. inclusão de disciplinas e/ou conteúdos acerca dos portadores de deficiência nos cursos de terceiro grau, especialmente Pedagogia, Psicologia, todas as Licenciaturas e áreas de Saúde;
- . sensibilizar comunidades escolares com vistas ao acesso e permanência do surdo no ensino regular, conforme Artigo 208, Inciso III da Constituição Federal;
- . colaborar e influir para que haja dados estatísticos atualizados a respeito do portador de deficiência auditiva;
- . formar uma associação de pais de surdos em sua comunidade.

*ORIENTAÇÃO PARA A FORMAÇÃO
DE UMA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DE
SURDOS, NO BRASIL*

1 - O grupo interessado deve marcar uma reunião para esse fim. Na ocasião, poderá ser escolhida uma diretoria provisória, com período determinado para sua gestão, que na data prevista empossará a primeira diretoria, eleita dentro dos padrões estatutários.

2 - Determinar os objetivos e elaborar o estatuto que regerá todo o funcionamento da associação. Orientar-se pelo modelo, em anexo, sem

esquecer a inclusão dos itens exigidos pelo Conselho Nacional de Assistência Social - CNAS.

3 - Lavrar, em livro próprio, a ata dessa reunião e posteriormente registrá-la em cartório.

4 - Após a aprovação do Estatuto, ele deverá ser registrado em cartório. O cartório poderá orientar para publicação do Estatuto no Diário Oficial do Estado ou do Município. Esse último é, sempre, bem mais barato.

Um advogado será um bom orientador nessa fase de organização e oficialização.

5 - Todas as reuniões terão de ser registradas, no livro de atas, de forma clara.

6 - Determinar um local para a sede provisória, etc. Esse local servirá como ponto de referência.

7 - Após registrada em cartório, tirar o CGC e inscrevê-la no Fichário Central da Secretaria de Ação Social (Estado e Município).

8 - Posteriormente, providenciar:

- Utilidade Pública Municipal (Câmara dos Vereadores)
- Utilidade Pública Estadual (Assembléia Legislativa)
- Utilidade Pública Federal (por intermédio de um deputado federal de sua cidade)
- Registro no CNAS

Baseado nos princípios acima e contando, também, com a orientação de um contador para legalização dos documentos referentes aos encargos

sociais, o grupo terá condições de formar uma Associação, dentro dos padrões exigidos pelos órgãos oficiais, contando sempre com a Federação Nacional de Pais e Amigos dos Surdos - FENAPAS.

4.3. DEVERES E DIREITOS DOS PAIS

São deveres dos pais para com o filho surdo:

- .. prevenir, no que for possível, o aparecimento da surdez;
- .. detectar precocemente a surdez;
- .. encaminhar a criança para o Centro de Pesquisas Audiológicas de um Hospital de Reabilitação para averiguar a possibilidade de se realizar o implante coclear (no Brasil, em Bauru, na Universidade de São Paulo, por exemplo);
- .. buscar informações nos serviços comunitários, em especial nos das áreas da saúde e da educação;
- .. buscar informações na comunidade, com profissionais de saúde (médico otorrinolaringologista, fonoaudiólogo);
- .. solicitar ajuda dos parentes e amigos ouvintes (no caso de pais surdos) para educar seu filho;
- .. dar a seu filho surdo educação em escola adequada;
- .. procurar ampliar seus conhecimentos;
- .. melhorar sua comunicação com a comunidade ouvinte (no caso de pais surdos);

- .. trocar informações com pessoas que têm as mesmas dificuldades;
- .. encaminhar a criança aos serviços comunitários, principalmente aos da área médica e educacional;
- .. acompanhar e participar dos atendimentos, especialmente enquanto a criança estiver na faixa etária de zero a seis anos;
- .. conhecer as formas de comunicação com a criança surda;
- .. informar-se e conhecer as leis nacionais e regionais que amparam os pais de portadores de deficiência auditiva e, especificamente, amparam o filho surdo, utilizando-se inclusive da Língua de Sinais para que os pais surdos também possam inteirar-se do assunto;
- .. prestar orientação ao filho em todos os aspectos da vida social, moral, religiosa, educacional, cívica, cultural e profissional;
- .. cooperar com os pais que são surdos para que possam desempenhar bem suas funções.

Os deveres dos pais surdos para com seus filhos ouvintes são:

- .. procurar ampliar a convivência com as pessoas ouvintes (parentes, vizinhos e amigos);
- .. levar seu filho a desenvolver a Língua de Sinais e também a comunicação oral;
- .. buscar orientação para o filho;

- .. levar seu filho para escola:
- .. solicitar ajuda, quando necessário, para que o filho possa se desenvolver globalmente como pessoa.

Os pais têm direito:

- .. a conhecer as metodologias e as filosofias educacionais existentes em sua cidade ou comunidade;
- .. de fazer escolha para educar seu filho surdo dentro da filosofia / metodologia em que acreditar ou desejar;
- .. a ler apoio (creches, programas de estimulação precoce e escolarização) para educar seu filho surdo;
- .. a propiciar o desenvolvimento de seu filho como pessoa, tendo direito à escola, à profissionalização e a emprego;
- .. a ter todo o tempo necessário para vencer os inúmeros sentimentos de confusão e dor que acompanham o fato de haver procriado um filho diferente;
- .. a obter informações precisas do ponto de vista médico, psicológico e educacional sobre as condições reais das possibilidades futuras do filho;
- .. a compreender claramente sua função pessoal no atendimento das necessidades específicas do filho;
- .. a participar das atividades de tratamento e reabilitação do filho:

- .. a participar dos programas terapêuticos e do planejamento contínuo dos novos objetivos que podem se tornar necessários em consequência do tempo, dos progressos e das novas observações realizadas durante o tratamento;
- .. a se informar sobre os sistemas de assistência existentes na comunidade para o atendimento de suas necessidades econômicas, intelectuais e emocionais;
- .. a estabelecer contatos com outros pais de crianças portadoras de deficiência a fim de partilhar com eles seus sentimentos e esperanças, assim como suas atitudes humanas frente ao desafio que é a reabilitação de uma criança portadora de deficiência;
- .. a se desenvolver como pessoa, inclusive no que se refere a sua condição de pais de criança portadora de deficiência;
- .. a obter informações sobre avanços tecnológicos na área de saúde (implante coclear, por exemplo), na área de eletrônica (aparelho de amplificação sonora individual) e na área social (telefone, despertador, campainha, visualizador do choro do bebê, etc).

Os pais que são surdos têm o direito a:

- .. ensinar ao filho, surdo ou ouvinte, a comunicar-se também em língua de sinais;
- .. ter informação da forma como deverá cuidar e educar seu filho;
- .. obter informações na escola de acordo com a comunicação que utiliza. Caso haja necessidade, solicitar a presença de

um intérprete de língua de sinais.

informar-se a respeito da legislação federal, estadual, municipal e do Distrito Federal, acerca dos seus direitos e dos direitos dos seus filhos, bem como de formar associação de pais de surdos.

ANEXO

MODELO DE ESTATUTO PARA ASSOCIAÇÕES DE PAIS DE SURDOS

CAPITULO I

Da denominação, sede e fins

Art. 1º - A(Nome da Associação) também designada pela sigla,.....(se tiver), fundada em .../.../.....(dia, mês e ano), com sede e foro nesta cidade....., Estado....., é uma entidade civil, filantrópica,.....sem fins lucrativos, que terá duração indeterminada, regida na forma da Lei e pelo presente estatuto.

Art. 2º - A.....tem por finalidade:
Citar os objetivos, numerando-os.

Art. 3º - para consecução de seus fins a.....deverá:
Citar os meios, numerando-os.

Art. 4º - A.....terá um Regimento Interno que, aprovado pela Assembléia Geral, disciplinará o seu funcionamento.

CAPITULO II

Dos Sócios

Art. 5º - A.....é constituída por número limitado de sócios nas seguintes categorias: fundador, contribuinte e outros.

Parágrafo Único: - Na admissão de associados, assim como na concessão de quaisquer benefícios, a não fará discriminação de cor, sexo, nacionalidade, credo político e religioso, classe social etc.

Art. 6º - São direitos dos sócios quites com suas obrigações sociais:

I - votar e ser votado para os cargos eletivos;

II - tomar parte nas assembléias gerais; e

III - (outras que julgar necessárias).

Art. 7º - São deveres dos sócios:

I - cumprir as disposições estatutárias e regimentais;

II - acatar as determinações da Diretoria;

III - prestigiar a, zelando pelo seu patrimônio moral e material;

IV - indenizar todo e qualquer prejuízo dolosamente causado à Entidade;

V - (outros que julgar necessários)

Art. 8º - Os sócios não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelas dívidas ou obrigações sociais da Entidade.

Das Penalidades

Art. 9º - Pela infração deste Estatuto, os sócios estarão sujeitos às seguintes penalidades:

1 - advertência, que será aplicada pelo Presidente da Entidade, em caráter reservado, para punir faltas leves;

2 - suspensão que será, também, aplicada pelo Presidente e mediante autorização prévia da Diretoria, para punir faltas graves;

3 - exclusão, que será aplicada pelo Conselho Deliberativo, mediante proposta da Diretoria, para punir faltas gravíssimas.

§ 1º - A gravidade da falta ou infração, para os casos previstos nos itens 2 e 3 deste Artigo, será determinada respectivamente pela diretoria ou Conselho Deliberativo, ao apreciar a denúncia dos fatos.

§ 2º - Ao sócio acusado fica assegurado o direito de defesa.

CAPITULO III

Da Administração

Art. 10 - A.....será administrada por:

I - Assembléia geral

II - Diretoria

III - Conselho Fiscal

IV - Conselho Deliberativo

Parágrafo Único - Os mandatos dos cargos da Diretoria e dos Conselhos da..... são gratuitos, sendo terminantemente vedada a concessão, a qualquer título, de qualquer remuneração ou vantagem aos ocupantes dos referidos cargos.

Art. 11 - A assembléia Geral, órgão soberano da Entidade, constituir-se-á dos sócios em pleno gozo de seus direitos estatutários.

Art. 12 - Compete a Assembléia Geral:

I - Eleger a Diretoria e o Conselho Fiscal.

II - Decidir sobre reformas do Estatuto.

III - Decidir sobre a extinção da Entidade, nos termos do art. 32.

IV - Decidir sobre a conveniência de alienar, hipotecar ou permutar bens patrimoniais.

V - Aprovar o regimento interno.

VI - (Outros que julgar necessários)

Art. 13 - Assembléia Geral realizar-se-á, ordinariamente, uma vez por ano, para:

I - apreciar o relatório anual da Diretoria;

II - discutir e homologar as contas e o balanço aprovados pelo Conselho Fiscal, e

III - (outras que julgar necessárias.)

Art. 14 - A Assembléia Geral realizar-se-á, extraordinariamente, quando convocada:

I-pela Diretoria;

II - pelo Conselho Deliberativo;

III - pelo Conselho Fiscal;

IV - por requerimento de ... (nº de sócios) sócios quites com as obrigações sociais.

Art. 15 - A convocação da Assembléia Geral será feita por meio de edital afixado na sede da entidade, publicado pela imprensa local, por circulares ou outros meios convenientes, com antecedência mínima de(nº de dias) dias.

Parágrafo Único - Qualquer Assembléia instalar-se-á. em primeira convocação com a maioria dos sócios e, em segunda convocação, com qualquer número.

Art. 16 - A Diretoria será constituída por um Presidente, um Vice-Presidente, Primeiro e Segundo Secretários, Primeiro e Segundo

Tesoureiros e outros.

Parágrafo Único - O mandato da Diretoria será de anos, sendo vedada mais de uma reeleição consecutiva.

Art. 17-Compete à Diretoria:

- 1 - cumprir e fazer cumprir o presente estatuto;
- 2 - representar a entidade em qualquer circunstância;
- 3 - elaborar e executar um programa anual de atividades;
- 4 - elaborar e apresentar, à Assembléia Geral, o relatório anual;
- 5 - entrosar-se com instituições públicas e privadas para mútua colaboração em atividades de interesse comum;
- 6 - zelar e defender o patrimônio moral e material da Entidade;
- 7 - (outras que julgar necessárias.)

Art. 18 - A Diretoria reunir-se-á, ordinariamente no mínimo.....(nº de vezes) por ano e, extraordinariamente, sempre que se fizer necessário, mediante convocação do Presidente.

Parágrafo Único - A Diretoria decide por maioria simples.

Da Competência dos Diretores

Art. 19 - Compete ao presidente:

- 1 -representar a.....ativa e passivamente, judicial e extraordinariamente;
- 2 - cumprir e fazer cumprir este Estatuto e o Regimento Interno;
- 3 - convocar, presidir e encerrar reuniões e Assembléias Gerais;
- 4 - admitir e demitir funcionários;
- 5 - assinar, com o tesoureiro, os balancetes, assim como documentos e outros papéis que impliquem em movimentação de fundos da Entidade.

6 - (outras que julgar necessárias)

Art. 20 - Compete ao Vice-Presidente:

- 1 - substituir o Presidente em suas faltas ou impedimentos;
- 2 - assumir o mandato, em caso de vacância, até o seu término;
- 3 - auxiliar o Presidente no desempenho de suas funções.

Art. 21 - Compete ao Primeiro Secretário:

- 1 - secretariar as reuniões de Diretoria e Assembléia Geral e redigir as atas, assinando-as com o Presidente;
- 2 - redigir as correspondências da Entidade, assinando-as, isoladamente ou com o Presidente, segundo a existência do caso;
- 3 - (outras que julgar necessárias)

Art. 22 - Compete ao Segundo Secretário:

- 1 - substituir o Primeiro Secretário em suas faltas ou impedimentos;
- 2 - assumir o mandato, em caso de vacância, até seu término;
- 3 - prestar colaboração ao Primeiro Secretário.

Art. 23 - Compete ao Primeiro Tesoureiro:

- 1 - receber as contribuições financeiras de qualquer natureza destinada à Entidade (mensalidades, donativos, rendas, etc);
- 2 - pagar as contas autorizadas pelo Presidente;
- 3 - apresentar relatórios de receitas e despesas, sempre que solicitados;
- 4 - elaborar balancetes semestrais e balanços gerais e encaminhá-los ao Presidente para apreciação dos Conselhos Fiscal e Deliberativo;
- 5 - assinar junto com o Presidente, como reza o item 5, do Art. 19.

Art. 24 - Compete ao Segundo Tesoureiro:

- 1 - substituir o Primeiro Tesoureiro em suas faltas ou impedimentos;
- 2 - assumir o mandato, em caso de vacância, até seu término;

3 - prestar, de modo geral, a sua colaboração ao Primeiro Tesoureiro.

Do Conselho Fiscal

Art. 25 - O Conselho Fiscal é o órgão fiscalizador, compondo-se de três membros e três suplentes que serão eleitos juntamente com a Diretoria e com os mandatos iguais.

§ 1º - Em caso de vacância, o mandato será assumido pelo respectivo suplente até seu término.

§ 2º - Para compor o Conselho Fiscal deverão ser indicados, preferencialmente, pessoas com experiência contábil e administrativa.

Art. 26 - Compete ao Conselho Fiscal:

- 1 - examinar os livros de escrituração da entidade;
- 2 - examinar o balancete semestral apresentado pelo Tesoureiro;
- 3 - apreciar os balanços e inventários que acompanham o relatório anual da Diretoria;
- 4 - opinar sobre a aquisição e alienação de bens.

Parágrafo Único - O Conselho Fiscal reunir-se-á ordinariamente a cada meses e, extraordinariamente, sempre que convocado.

Do Conselho Deliberativo

Art. 27 - O Conselho Deliberativo é órgão de deliberação, apoio e fiscalização da Entidade, compondo-se de membros e suplentes, todos com mandato de anos e eleitos pela Assembléia Geral.

Art. 28 - O Conselho Deliberativo reunir-se-á, ordinariamente no início de cada semestre, cabendo-lhe:

- 1 - eleger sua própria Diretoria, composta de Presidente, Vice-

Presidente e 1º e 2º Secretários, com mandatos iguais ao do próprio Conselho;
2 - eleger para o mandato deanos os membros da Diretoria e os do Conselho Fiscal e seus suplentes.

(Enumerar, de acordo com o que reza o Estatuto em questão, todas as atribuições que forem julgadas de competência deste Conselho.)

Art. 29 - O Conselho Deliberativo decidirá por maioria simples, podendo haver recurso de suas decisões.

CAPÍTULO IV

Do Patrimônio

Art. 30 - O patrimônio da..... se constitui dos bens móveis e imóveis que possui ou venha a possuir, e da disponibilidade financeira decorrente de sua arrecadação, como seja:

- 1 - a mensalidade dos associados estabelecida.....(forma como foi estabelecida);
- 2 - juros e rendimentos de seus recursos;
- 3 - subvenções, auxílios, legados ou doações que lhe forem concedidos.
- 4 - (Outros que julgar necessários)

Art. 31 -A..... não se responsabiliza por obrigações contraídas por seus sócios em seu nome, sem prévia autorização da Diretoria.

Art. 32 - A..... só poderá ser dissolvida pela Assembléia Geral Extraordinária, quando impossibilitada, comprovadamente, de realizar seus objetivos.

§ 1º - O *quorum* necessário para dissolução social deverá ser de três quartos de seus membros.

§ 2º - Decidida a dissolução social, os bens remanescentes serão

destinados a outra entidade congênera, com personalidade jurídica, sede e atividades preponderantes no Estado de..... e registrada no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS).

CAPÍTULO V

Das Eleições

Art. 33 - Para concorrer aos cargos eletivos da..... é imprescindível:

1 - estar em dia com suas obrigações.

2 - (Outras que julgar necessárias)

Art. 34 - As eleições serão feitas por votação secreta, à base de chapas, não se permitindo candidatos avulsos.

Parágrafo único - (Determinar os critérios para formação de chapas, tempo para apresentação etc).

Art. 35 - As apurações serão procedidas por Comissão designada, no ato, pelo Presidente da Mesa.

Art. 36 - A tomada de posse dar-se-á de preferência, no dia da eleição, podendo ser adiada no máximo por.....dias, se assim for conveniente, ficando essa decisão a critério da Diretoria em exercício.

CAPÍTULO VI

Das Disposições Gerais

Art. 37 - O presente Estatuto poderá ser reformado, em qualquer tempo, por decisão da maioria absoluta dos associados, em Assembléia geral, especialmente convocada para esse fim, e entrará em vigor na data de seu registro em Cartório.

Art. 38 - A..... poderá filiar-se à Federação congênere existente ou que venha a existir, mediante decisão da Diretoria.

Art. 39 - Os casos omissos no presente Estatuto serão resolvidos pela Diretoria e referendados pela Assembléia Geral.

Art. 40- A Diretoria da....., eleita em..... encontra-se assim constituída:

Presidente -

Vice-Presidente -

.....

.....

O Conselho Fiscal ficou assim constituído:

Membros:.....

.....

Suplentes:.....

.....

Art. 41 - O presente Estatuto entra em vigor na data de sua aprovação e terá sua plena vigência após o competente registro no Ofício de Registro de Pessoas Jurídicas, revogadas as disposições em contrário.

(Cidade, Estado, dia, mês e ano)

Presidente

Vice-Presidente

(Toda Diretoria assinará)

SUGESTÕES PARA SUA ATUAÇÃO

1. Faça reuniões semanais com os pais e organize o "Serviço de Orientação aos Pais"
2. Oriente os pais para que participem de uma associação de pais de surdos ou para que criem uma associação de pais

BIBLIOGRAFIA

- AÇÃO PEDAGÓGICA - *Coleção Educação Especial* - Volume 2, Federação Nacional das APAES. 1993.
- ANDRADE, V. F. de. *Os direitos dos Surdos e a legislação em vigor* - IV Encontro Nacional de Pais e Amigos dos Surdos (ENPAS). Fortaleza CE, 1993.
- ASSUMPÇÃO, F. B. e SPROVIERI, M. H. S. *Sexualidade e deficiência mental*: Editora Moraes, 1987.
- ATIVIDADES E RECURSOS PEDAGÓGICOS PARA OS DEFICIENTES DA AUDIÇÃO. MEC/CENESP/UFRJ, 1993.
- BRASIL *Subsídios para Organização e Funcionamento de Serviços de Educação Especial Área de Deficiência Auditiva*. Ministério da Educação e do Desporto,,Secretaria de Educação Especial/MEC/SEESP-Brasília, 1995.
- _____, *Política Nacional de Educação Especial*. Secretaria de Educação Especial - livro 1, Brasília: MEC/SEESP, 1994.
- BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. 3ª edição SP, Harper & Row do Brasil, 1984.
- BONAMIGO, E. M. R., CRISTÓVÃO, V. M. R., KAEFER, H., LEVY, B. W. *Como ajudar a criança no seu desenvolvimento*. Porto Alegre, Ed. Universidade, 1992.

BUSCAGLIA, L. *Os deficientes e seus pais (The disabled and their parents)* Rio de Janeiro, Brasil. Editora Record.

CANONGIA, M. B. *Manual de terapia da palavra, anatomia, fisiologia, semiologia e o estudo da articulação e dos fonemas.* Livraria Atheneu LTDA. RJ, 1981.

CARDOSO, Edna Mey. *Recreação e Mecânica Respiratória.* Câmara dos Deputados. DF, 1981.

CARMICHAEL, *Psicologia da Criança: O primeiro ano de vida e as experiências iniciais.* S.R Editora Pedagógica e Universitária, 1977.

CENTRO EDUCACIONAL DE AUDIÇÃO E LINGUAGEM "LUDOVICO PAVONI" - CEAL-LR *A articulação da fala para deficientes auditivos* - Brasília- s/d. *Produzindo sons* - Brasília DF s/d; *A leitura labial* - Brasília, DF s/d; *Ritmos Fonéticos* - Brasília DF s/d (apostilas didáticas)

CENTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL - CENESP. *Proposta Curricular para deficientes auditivos.* Brasília: MEC/ Departamento de Documentação e Divulgação, v. 1 e 2, 1979.

CICCONE, Marta. *Comunicação Total.* Rio de Janeiro: Cultural, 1990.

COUTO, Alpia. *Como posso falar.* Associação Internacional de Profissionais da Educação do Deficiente Auditivo ANPEDA, RJ. 1991.

_____, *O deficiente auditivo de zero a seis anos.* Rio de Janeiro: Skorpions, 1980.

_____, *Integração do deficiente auditivo.* In: Seminário sobre deficiência

auditiva. Volume 2. Rio de Janeiro, 1980, snt.

_____, *Linguagem é comunicação também para o deficiente auditivo*. Educação 3 (12): 10-7. Brasília: 1974; Educação 5 (19): 104-12. Brasília: 1976.

CUNHA, Nylse Helena da Silva. *Brinquedo, desafio e descoberta*. FAE, MEC, 1988.

CURSO POR CORRESPONDÊNCIA DA CLÍNICA JOHN TRACY (The John Tracy Clinic Correspondence Course). Caxias do Sul, Brasil. Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1985.

DORIA, Ana Rímoli de Faria. *Manual de Educação da Criança Surda*. INÊS, MEC. RJ, 1989.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE PAIS E AMIGOS DE SURDO - FENAPAS. *Orientação para a formação de uma associação de pais e amigos*. 1995.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS - FENEIS. *Orientações para a formação e funções de associações de surdos*. 1995.

FERNANDES, Eulália. *Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo*. Ed. Agir. RJ, 1990.

_____, *Estudo da linguagem do deficiente auditivo*. Rio de Janeiro. CNPQ. Relatório de Pesquisa, 1989.

FERNANDES, Mirtis Regina G.S. *Ritmo Prosódico, através do corpo, para o deficiente auditivo*. Trabalho premiado no concurso "Mérito Educacional" da Fundação Educacional do Distrito Federal - Brasília

-DF. 1987.

FERRER, Oscar. *Conferência sobre Educação Precoce*. In: Seminário Brasileiro sobre Deficiência Auditiva. Volume 1. Rio de Janeiro: 1974

FONSECA, V. *Educação Especial*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1987.

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO DISTRITO FEDERAL - *Complementação Curricular Específica para portadores de deficiência da audição* - Brasília, 1992.

GOTTI, M. O. *Português para o Deficiente Auditivo*. Ed.Unb - Brasília: 1991.

HERREN, H & HERREN, M. P. *Estimulação psicomotora precoce*. Tradução de Jeny Wolff. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1986.

LAFON, Jean Claude. *A deficiência auditiva na criança*. Ed. Manole LTDA. SP, 1989.

LE BOULCH. *O desenvolvimento psicomotor*. Ed. Artes médicas. RS, 1986.

LEVY, J. *O despertardo bebê*. Tradução de Esteia dos Santos Abreu. 4^a edição, S.P., Ed. Martins Fontes, 1985.

LIPP, Marilda Novaes. *Sexo para Deficientes Mentais: sexo e excepcional dependente e não dependente*. Campinas: Cortez Editora.

LORENZO, E. G. E. *Ações preventivas e terapêuticas*. Boletim da Sociedade Pestalozzi - R.J., V.44, 1975.

- LUFT, C. P. *Língua e liberdade: o gigolô das palavras. Por uma nova concepção da língua materna*, 3ª edição, Coleção Uni vers. Li ve, ed. L. e P. M., 1984.
- LURIA, A. R. *Pensamento e linguagem*. As últimas conferências de Lúria. Ed. Artes Médicas. RS, 1987.
- LÚRIA & YUDOVICH. *Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança*. Ed. Artes Médicas. RS, 1985.
- MAESTRI, E. *Orientações à família do portador de deficiência auditiva*. Curitiba - PR 1995,5p.
- MALTA, R. Rocha (BH) e outros - *O surdo e o mercado de trabalho*. IV - Encontro Nacional de Pais e Amigos dos Surdos (ENPAS). Fortaleza -Ceará: 1993
- MARINHO, H. *Estimulação Essencial*, Rio de Janeiro, Sociedade Pestalozzi do Brasil, 1978.
- MELO, E. M. S. A. *Educação Sexual dos Surdos - IV Encontro Nacional de Pais e Amigos dos Surdos (ENPAS)*. Fortaleza - CE 1993
- MELNIK, Isaac. *Educação Sexual na escola e no lar: da infância à adolescência-* IBRASA, 1980.
- MINISTÉRIO DA AÇÃO SOCIAL - CORDE - *O filho que vocês têm* - Artigo extraído de uma separata da Revista Medicine et Hygiene - tradução de Maria Amélia V. Xavier. Autores: K. Grunewald e E. C. Hall.
- MORKOVIN, Boris V. *Rehabilitación del niño sordo*. La Prensa Médica Mexicana. México, 1963.

- MUSSEN, P. H. *Princípios do desenvolvimento na primeira infância*. In: O desenvolvimento psicológico da criança. 10ª edição. Ed. Zahar. RJ, 1982.
- MYKLEBUST, H. R. *Psicologia del sordo*. Madri, Magistério Espanol. 1975.
- NERICI, Imdeo Giuseppe. *Seus filhos, o sexo e você: normas de educação sexual, da infância à juventude* - IBRASA, 1988.
- OLIVEIRA, A. J. *Tratamento precoce da criança de alto risco*. In: Anais do VII Congresso da Federação Nacional das APAEs, 1973.
- PAPALIA, D. E. e OLDS, S. W. *O mundo da criança da infância à adolescência*. Tradução Auriphebo Berrace
- PATTO, M. H. S. *Privação Cultural e Educação Pré-Primária*. Ed. José Olímpio, RJ, 1973.
- PERDONCINI, Guy. *Conferência sobre Educação precoce e integração social do deficiente auditivo*. In: Seminário Brasileiro sobre deficiência auditiva. Volume: 1. Rio de Janeiro: 1974, snt.
- PIAGET, J. *O nascimento da inteligência na criança*. Tradução Álvaro Cabral. Ed. Zahar, RJ, 1975.
- _____, *A linguagem e o pensamento da criança*. Ed. Fundo da Cultura. RS, 1973.
- PINTO, H. M. A. C. *Orientações fonoaudiológicas*. Brasília: 1995.
- PUC. Cadernos. *Distúrbios na comunicação*.

- RAMOS, A. M. Q. P. *Estimulação precoce*, Brasília Ministério da Ação Social, CORDE, 1992.
- REDONDO, M. C. F. *O deficiente auditivo e o mercado de trabalho*. Dissertação de mestrado, PUCSP, 1990.
- RINALDI, G. *Estimulação precoce*. Brasília - DF, 1995.
- SIMÕES, S. P., MC Graw Hill do Brasil, 1981.
- SVARTHOLM, Kristina. *O aprendizado da segunda língua para o surdo*. In: Conferência Internacional de Bilingüismo sobre Educação de Surdos. Estocolmo, 1993; VI Encontro de Pais e Amigos dos Surdos. Brasília, 1994.
- UDEN, A. Van. *The Place of Manual Communication in the education of deaf children, seen from the Pievw-Point of a fully oral e education philosophy*. (apostilas)
- VIEIRA, M. I. C. S. *Assistência social e o surdo - Relatório das atividades realizadas no CEAL/LP Brasília - DF, 1995*.
- VIGOTSKY, L. R. *Pensamento e Linguagem*. Martins Fontes, SP, 1993.
- _____, *A formação Social da mente*, Martins Fontes, SP, 1993.
- WADSWORTH, B.J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. Livraria Pioneira Editora. SP, 1993.

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO PROFESSOR

- 1 - *O principal agente de prevenção e de identificação precoce da surdez é:*
- () o sistema de saúde
 - () a família
 - () o sistema educacional
 - () o surdo
- 2 - *A família deve interagir, prioritariamente, com os serviços comunitários:*
- () na área da saúde, do trabalho, da justiça, da educação.
 - () na área da saúde, da psicologia, da assistência social, da tecnologia, da educação, na área social.
 - () na área da saúde e da tecnologia, dos desportos.
 - () na área da educação, do trabalho e da assistência social.
- 3 - *O diagnóstico da surdez é dado pelo serviço de saúde através do:*
- () pediatra
 - () otologista ou otorrinolaringologista
 - () psicólogo
 - () técnico em eletrônica
- 4 - *Não compete ao fonoaudiólogo:*
- () detectar sintomas relacionados à surdez
 - () fazer exames audiométricos
 - () realizar tratamento terapêutico
 - () prestar atendimento clínico

5 - Faça a correspondência:

- I - Psicólogo () assiste à família em suas necessidades sociais.
- 2-Assistente Social () realiza as ações institucionais e estruturais do atendimento educacional.
- 3 - Pedagogo e/ou Professor () orienta os pais acerca dos problemas emocionais relativos à surdez.
- 4-AdministradorEscolar () desenvolve o processo ensino-aprendizagem com o aluno surdo.

6 - No período da descoberta da surdez, os pais passam por fases distintas.

Coloque "V", se as afirmações abaixo forem verdadeiras e "F" se forem falsas:

- () Fase do Choque —> os pais saem à procura de ajuda.
- () Fase da Adaptação —>os pais saem do sofrimento e já assimilam informações mais detalhadas.
- () Fase da Reação —>a família desenvolve uma série de sentimentos, como a ansiedade, a raiva, a culpa etc...
- () Fase da Orientação —> os pais já conseguem lutar pelos filhos.

7 - A integração da criança surda, na escola deve iniciar na:

- () 1ª série do ensino médio;
- () 5ª série do ensino fundamental;
- () Educação Infantil;

8 - A criança surda necessita, especificamente, de estimulação:

- () psicomotora;
- () cognitiva;
- () da linguagem;
- () emocional, moral, religiosa, social.

9 - *No início da adolescência, os pais devem praticar alguns princípios. Quais destes abaixo relacionados devem ser recomendados?*

- () sempre dizer "sim", pois as crianças não devem ser contrariadas;
- () a sexualidade dos filhos deve ser orientada por outras pessoas estranhas à família;
- () estimular o filho a desenvolver habilidades de independência para atingir suas metas.

10 - *Os pais de crianças surdas têm direitos e deveres. Coloque nos parênteses "R" para direitos e "V" para deveres:*

- () prevenir, no que for possível, o aparecimento da surdez;
- () estabelecer comunicação com o filho;
- () participar de programas e atividades terapêuticas e educacionais do filho;
- () detectar precocemente a surdez de seu filho;
- () conhecer, para escolher, as metodologias e filosofias educacionais relativas à educação dos filhos;
- () informar-se sobre a legislação específica.

CHAVE DE CORREÇÃO DA AVALIAÇÃO

1. a família
2. na área da saúde, da psicologia, da assistência social, da tecnologia, da educação, na área social.
3. otologista ou otorrinolaringologista
4. detectar sintomas, relacionados à surdez
5. (2,4, 1,3)
6. F V V V
7. Educação Infantil
8. da linguagem
9. estimular o filho a desenvolver habilidades de independência para atingir suas metas
10. V, V, R, V, R, R.

FASCÍCULO 3
EDUCAÇÃO ESPECIAL
O PAPEL DO PROFESSOR COM A
CRIANÇA SURDA
DE ZERO A TRÊS ANOS

Conteudista: Giuseppe Rinaldi

Brasília/1997

MEC
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	199
OBJETIVOS.....	201
INFORMAÇÕES INICIAIS.....	203
ALTERNATIVAS PARA APRENDIZAGEM DO PROFESSOR ..	205
O PAPEL DO PROFESSOR COM A CRIANÇA SURDA DE ZERO ATRÊS ANOS.....	207
1. ESTIMULAÇÃO DA LINGUAGEM.....	211
1.1. ESTIMULAÇÃO PARA O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	211
1.1.1. Estimulação/Treinamento Auditivo.....	215
1.1.2. Estimulação para o desenvolvimento da fala	225
Respiração.....	225
Tensão/Relaxamento.....	230
Ritmo.....	233
Estimulação da sensibilidade e da mobilidade orofacial.....	234
1.1.3. Estimulação da leitura orofacial.....	238
1.2. ESTIMULAÇÃO PARA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DESINAIS.....	243
1.3. DANDO VIDA AO CONTEÚDO DE LINGUAGEM: ÀS PALAVRAS E AOS SINAIS.....	247

2. ÁREA PSICOMOTORA.....	265
2.1. PSICOMOTRICIDADE.....	265
2.2. HIDRO-ESTIMULAÇÃO.....	298
3. METODOLOGIAS ESPECÍFICAS AO ENSINO DE SURDOS.....	299
4. SURDEZ E BILINGÜISMO.....	309
5. A POSSIBILIDADE DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR: EDUCAÇÃO/FONOAUDIOLOGIA.....	315
6. A QUESTÃO DA SEGREGAÇÃO E DA INTEGRAÇÃO DOS SURDOS.....	321
SUGESTÕES PARA SUA ATUAÇÃO.....	325
BIBLIOGRAFIA.....	327
AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM DO PROFESSOR.....	333
CHAVE DE CORREÇÃO DA AVALIAÇÃO.....	337

APRESENTAÇÃO

Prezado Professor,

Você, que atua ou pretende atuar com alunos surdos, ou parcialmente surdos e sua família, está recebendo o fascículo 3 referente ao papel do professor com a criança surda de zero a três anos, no programa de Estimulação Precoce.

Aqui está um roteiro básico que lhe servirá de apoio para o desenvolvimento do curso que você participa e/ou do seu trabalho.

Este fascículo contém sugestões de atividades organizadas em unidades de forma que você possa estudar e desenvolver o trabalho de estimulação global e específica com a criança surda, além de possibilitá-lo orientar sistematicamente os familiares nas diferentes atividades que deverão ser desenvolvidas no lar com o filho.

O material foi elaborado de forma que você tenha sobre cada tema: textos informativos, tarefas a serem desenvolvidas e bibliografia.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Este fascículo é proposto com a intenção de oferecer ao professor a oportunidade de:

- *conhecer processos e estratégias para estimular global e especificamente a criança surda de zero a três anos, no Programa de Estimulação Precoce, capacitando-se ainda para demonstrar aos pais as atividades que deverão ter continuidade, no lar.*

Objetivos Específicos

O professor deverá ser capaz de:

- . estimular especificamente a criança surda de zero a três anos para o aprendizado somente da Língua Portuguesa, ou então, para o aprendizado tanto da Língua Portuguesa como para a aquisição da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS;
- . estimular, globalmente, a criança surda de zero a três anos para que chegue à percepção de si mesma e da relação que ela pode ter com o espaço físico e humano que a rodeia;
- . conhecer:
 - .. as diferentes metodologias específicas ao ensino dos surdos;
 - .. a possibilidade de trabalho interdisciplinar educação / fonoaudiologia;
 - .. a questão da segregação e da integração dos surdos no ensino regular.

INFORMAÇÕES INICIAIS

1. Leia os objetivos específicos do fascículo.
2. Estude o texto do fascículo.
3. Teste seus conhecimentos, respondendo a avaliação proposta.
4. Confira suas respostas com as da chave de correção, no final do fascículo.
5. Se for aprovado, passe para o fascículo seguinte.
6. Se não conseguir aprovação, reestude o texto.
7. Responda novamente a avaliação. Se não conseguir aprovação, consulte o professor aplicador do fascículo.

ALTERNATIVAS PARA APRENDIZAGEM DO PROFESSOR:

- Estudar o texto relativo ao fascículo;
- Rever o vídeo para tirar as dúvidas;
- Recorrer ao professor aplicador da unidade, caso a dúvida persista;
- Realizar a avaliação proposta e as atividades sugeridas.

**O PAPEL DO PROFESSOR COM A CRIANÇA SURDA DE
ZERO A TRÊS ANOS, NO PROGRAMA DE
ESTIMULAÇÃO PRECOCE**

A Educação Infantil é importante para qualquer criança, mas para a criança portadora de necessidades especiais ela é essencial.

Os programas de estimulação precoce que atendem crianças na faixa etária de zero a três anos de idade, podem prevenir ou atenuar os possíveis atrasos ou defasagens no processo evolutivo da criança. Mais de 50% de crianças portadoras de necessidades especiais poderiam atingir o desenvolvimento normal, desde que se adotassem, efetivamente, medidas de prevenção. Entre as medidas que se destacam, estão aquelas referentes à estimulação precoce.

A carência da estimulação nos primeiros anos de vida diminui o ritmo natural do processo evolutivo infantil, aumentando também o distanciamento dos padrões do desenvolvimento psicomotor, socioafetivo, cognitivo e da linguagem.

Quanto maior é o tempo sem a devida estimulação a que uma criança estiver sujeita, tanto maior é a tendência a desenvolver deficiências e a probabilidade de intensificá-las, dando origem a danos duradouros no processo evolutivo (decorrentes de fatores orgânicos ou ambientais) tanto de ordem física como psicológica.

O programa de estimulação precoce desenvolvido pela educação especial mostra resultados animadores, indicando conhecimentos precisos, sobretudo em relação à conceituação, abrangência, termos correlatos, técnicas e procedimentos de avaliação, como também à organização de programas e currículos pertinentes. Merecem destaque os novos conhecimentos neuropsicológicos sobre plasticidade neuronal e de ciência de prevenção.

Essas e outras considerações mostram que a implantação de tais programas no Brasil, assim como seu aperfeiçoamento constituem um investimento social e humano altamente produtivo, uma vez que os esforços se dirigem à prevenção das deficiências ou à diminuição de seu agravamento.

Os benefícios previstos com o desenvolvimento de tais programas abrangem não somente a população de crianças com necessidades especiais, para as quais sua aplicação é imprescindível, mas também a todo contingente demográfico infantil considerado vulnerável à aquisição de deficiências, embora tudo indique que a abrangência dessas ações possa favorecer também a toda a população infantil do país.

Estimulação precoce é aqui entendida como *"um conjunto dinâmico de atividades e de recursos, humanos e ambientais, incentivadores que são, destinados a proporcionar à criança, nos seus primeiros anos de vida, experiências significativas para alcançar pleno desenvolvimento no seu processo evolutivo"*.(Série Diretrizes, n° 3)

Cabe ao professor demonstrar para os pais como realizar em casa:

1. a estimulação global em todas aquelas áreas cujo desenvolvimento ocorre semelhante a de qualquer criança;
2. a estimulação específica das áreas afetadas pela surdez, em estreita interação com os profissionais da área da saúde, da psicologia e da assistência social.

O processo de estimulação inclui, necessariamente, a **avaliação diagnóstica** e a **intervenção**.

A avaliação diagnóstica compete ao médico e à equipe Psicopedagógica.

O currículo para a intervenção precoce centraliza-se nas áreas do desenvolvimento da criança: linguagem, cognitiva, socioafetiva e psicomotora, entre outras.

Essa divisão é somente didática, uma vez que todo o trabalho deve ser desenvolvido de forma espontânea e natural, interligando todas as áreas, aproveitando momentos de interesses diversos, sem planejamento fechado, seja em nível de cronograma, seja de objetivos específicos para cada atividade, respeitando as etapas de desenvolvimento da criança.

Considerando que a maior necessidade de uma criança surda está na comunicação interpessoal este fascículo 3 se detém basicamente no trabalho de Estimulação da Linguagem (estimulação específica) e no trabalho da Psicomotricidade (estimulação global), interligando-as às demais áreas de desenvolvimento da pessoa.

1. ESTIMULAÇÃO DA LINGUAGEM

Linguagem é o material lingüístico ou o meio que uma pessoa utiliza para comunicar-se. É um conjunto ordenado de palavras ou de sinais que transmitem um significado.

O modo de ordenar as palavras ou sinais é o resultado de um sistema convencionado de uma determinada língua. A criança absorve, de forma inconsciente, a ordem das palavras da língua a que é exposta. A criança surda pode desenvolver uma língua oral e/ou de sinais dependendo da estimulação que receber.

No Brasil, a aprendizagem da linguagem acontece através da Língua Portuguesa e a da língua de sinais por meio da Língua Brasileira de Sinais-**LIBRAS**.

Conforme a filosofia e metodologia escolhida, o professor, que atende à criança surda de zero a três anos, estimulará somente o desenvolvimento da Língua Portuguesa em sua modalidade oral, ou optará pelo desenvolvimento e utilização da Língua Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais.

Qualquer que seja a metodologia aplicada, o CONTEÚDO de linguagem será o mesmo, uma vez que o objetivo é:

- . proporcionar à criança experiências significativas que favoreçam a compreensão e recepção lingüística;
- . despertar na criança a necessidade de se expressar, e de se comunicar com outra pessoa.

1.1. ESTIMULAÇÃO PARA O APRENDIZADO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Objetivo: propiciar às crianças surdas o aprendizado da Língua Portuguesa contemporânea em sua modalidade oral, de modo a possibilitar-

lhes o desenvolvimento da linguagem como instrumento de interação interpessoal e social e habilitá-las a desempenhar tarefas comunicativas.

Considera-se linguagem como atividade e forma de ação sobre o outro e sobre o mundo - concepção interacionista.

Os fundamentos teóricos dessa concepção privilegiam a escolha de uma abordagem de língua que leva em conta a competência comunicativa da criança, os níveis da fala em que a comunicação ocorre, mediante o uso efetivo da língua e da atuação sobre o mundo.

A perspectiva interacionista da linguagem mescla suas origens com a abordagem pragmática, uma vez que estuda a linguagem em ação, isto é, estuda os atos lingüísticos e os contextos nos quais esses atos são usados.

A linguagem, então, é o lugar de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis e de negociação do sentido.

Para efetivar a aprendizagem da Língua Portuguesa, língua oficial do País, faz-se necessário que o professor lembre-se de que ela se estrutura em quatro níveis:

- fonológico (sistema de unidades mínimas distintivas que constituem os fonemas)
- morfológico
- estrutural sintático
- semântico-pragmático

O nível fonológico descreve e analisa os sons articulados, desenvolvidos pela fala.

O nível morfológico descreve:

- . as classes de palavras e suas flexões (substantivo, adjetivo, verbo,

etc.);e

- . a estrutura e formação das palavras.

O nível da estrutura sintática descreve:

- . a ordem e a relação entre as palavras ou termos da oração.

O nível semântico-pragmático descreve:

- . a significação das palavras no texto e no contexto.

O trabalho de linguagem - em Língua Portuguesa - é desenvolvido de forma a dar ao educando um instrumento lingüístico que o torne capaz de comunicar-se, através das atividades de imitação, jogo simbólico, desenho e fala. Os esquemas surgem com o advento das funções simbólicas através das operações mentais: a intuição, a simbolização, a seriação, a abstração, etc.

Essas atividades viabilizam a interiorização da experiência e sua conceituação. Essa passa do plano perceptivo e motor para reconstruir-se no plano das imagens e das operações mentais que se manifestam, principalmente, na *linguagem interior* e na *linguagem receptiva* e, posteriormente, na *linguagem expressiva*.

A criança surda adquire *linguagem interior* ao relacionar a experiência que está vivendo com a verbalização de uma pessoa (pai, mãe, professor, etc); e passa a ter *linguagem receptiva* quando "lembra", decodifica a mensagem verbal de alguém, ou seja, compreende o que a outra pessoa está falando.

A linguagem receptiva desenvolve-se, principalmente, através da "leitura orofacial".

Ao emitir fonemas, palavras e frases, a criança está desenvolvendo a *linguagem expressiva*.

Para que a criança surda possa aprender a Língua Portuguesa, o professor deve desenvolver, entre outros, os seguintes temas:

- I. Percepção/Identificação dos sons. (fonologia) ritmos e imagens (em estreita correlação com a estimulação auditiva e rítmica).
- II. Linguagem, Língua e Fala (em estreita correlação com a estimulação fonoarticulatória/fala e a linguagem verbal e a não verbal)
 - .. aspectos lexicais (exploração das palavras);
 - .. aspectos morfosintáticos vocabulário e relações entre os elementos constituintes do grupo nominal e verbal;
 - .. aspectos semânticos pragmáticos: relações de sentido.

Dinâmica da Língua Portuguesa em sua modalidade oral

Durante o primeiro ano de vida, toda criança de audição normal ou não, produzirá uma variedade bastante grande de sons. É o balbucio, caracterizado pela repetição freqüente de uma sílaba (consoante e vogal).

O prazer do balbucio, que em primeira instância vem do sentido do movimento dos órgãos fonoarticulatórios, nas crianças ouvintes é logo ampliado pelo fato da criança ouvir suas próprias emissões sonoras. A criança ouve o som que produz, e tenta repeti-lo porque isto lhe dá prazer.

Nas crianças portadoras de deficiência auditiva, o balbucio se desenvolve geralmente na idade normal, e se mantém por algum tempo. Mas, enquanto numa criança ouvinte o "feedback" auditivo começa a assumir certa importância e com isto há um reforço na atividade do balbucio, o que se observa nas crianças portadoras de deficiência auditiva é uma diminuição do balbucio justamente devido à ausência do estímulo sonoro - quer do estímulo auditivo do próprio balbucio, quer do estímulo auditivo externo proveniente da fala do adulto.

No balbucio, considerado o início da atividade de linguagem oral, as sensações auditivas desempenham um papel importante. **Na criança** portadora

de deficiência auditiva, para que o balbucio não chegue a cessar e a linguagem oral possa continuar seu processo de desenvolvimento, a estimulação não pode ser interrompida. Somente se a estimulação for continuada é que serão estabelecidos os laços tão importantes entre a atividade motora da fala e o "feedback" auditivo em tempo conveniente.

Continuando o processo de aquisição da linguagem, a criança ouvinte normal passa, a seguir, a associar sons distintos a significados distintos, ou seja, estabelece a relação *significante / significado*. Depois usa uma ou duas palavras como sentença completa e mais tarde combinações de palavras (de um a dois anos, mais ou menos). Por volta dos dois anos, a criança tem um vocabulário de vinte palavras e usa sentenças de quatro ou mais palavras.

Para as crianças de zero a três anos com deficiência auditiva, o trabalho de estimulação da linguagem deve ser planejado sem o perigo de "pular" etapas. É preciso ter em mente os diferentes estágios da aquisição da linguagem, mesmo sabendo que não se tratam de fases estanques, mas sim interligadas. Enquanto uma fase está em desenvolvimento, já podem aparecer indícios da fase seguinte. Partindo daquilo que a criança já possui, o professor lhe dará estímulos orais suficientes que lhe permitam atravessar uma ordem natural de desenvolvimento da Língua Portuguesa.

1.1.1. Estimulação/Treinamento Auditivo **Aprendendo a ouvir**

Objetivos:

- . *desenvolver o resíduo auditivo;*
- . *adquirir e desenvolver a consciência do mundo sonoro através da atenção;*
- . *desenvolver a consciência da presença/ausência de ruídos, sons instrumentais e da fala, através da percepção auditiva;*
- . *localizar a fonte sonora, visando à segurança existencial e à construção do espaço não alcançável pela visão;*

- . *perceber a quantidade de impulsos;*
- . *reconhecer ruídos ambientais, sons instrumentais e sons da fala;*
- . *desenvolver a memória auditiva: habilidade de lembrar ruídos e sons para reconhecê-los.*

As crianças surdas não têm todas a mesma capacidade auditiva, porém todas podem aprender a "ouvir" e interpretar os sons. Podemos ajudá-las a utilizar o resíduo auditivo que têm e aprender a ter consciência do som.

Nunca se deve dizer que uma criança é totalmente surda, uma vez que qualquer resíduo de audição pode ser aproveitado. Por pouco que seja servirá de alguma ajuda para estabelecer e manter uma conversação.

A estimulação auditiva deve iniciar-se o mais cedo possível, ainda que a criança não esteja usando a prótese (aparelho de amplificação sonora individual). É nos primeiros anos de vida que se dá a maior parte do desenvolvimento da função auditiva, sendo também a fase em que ocorre a maturação das fibras nervosas do ouvido.

O aparelho para a surdez tem a finalidade de aumentar o volume do som e dirigi-lo diretamente ao ouvido da criança.

Somente o médico ou o fonoaudiólogo poderão indicar a prótese auditiva adequada, após os testes audiométricos que determinam os limiares da percepção auditiva da criança (suas potencialidades). A prótese auditiva não muda a audição de uma criança, mas a ajuda a ouvir, aumentando a intensidade do som que é levado diretamente ao ouvido.

O som pode ser **forte** ou **fraco** e **grave** ou **agudo**. Ao qualificar um som de **forte** ou **fraco** está se observando uma dimensão do som: seu volume ou **intensidade**.

Quanto à tonalidade ou **frequência** os sons podem ser: **agudos** ou **graves**.

Ao definir o som, deve-se levar em consideração tanto a intensidade quanto a frequência. Para definir a **intensidade** do som, usa-se uma medida denominada **decibel (dB)**. Para definir a frequência do som, usa-se a **Hertz(Hz)**.

A conversação normal, geralmente, está entre 50 ou 70 dB e entre 300 e 3000 Hz. Ainda que a criança tenha surdez profunda (o que a impede de ouvir a voz humana), pode beneficiar-se, pelos resíduos que ainda tem, da estimulação auditiva que consiste em desenvolver a consciência do mundo sonoro (presença e ausência de ruídos ambientais, sons instrumentais e da fala).

A estimulação auditiva visa também possibilitar que a criança surda distinga a **duração** ou velocidade dos sons. Há sons **longos** (lentos) e sons **breves** (rápidos).

Na estimulação precoce procura-se levar a criança à descoberta do mundo sonoro. A estimulação auditiva é um trabalho que exige muita dedicação por parte do professor e da família, pois a criança só aprenderá a escutar se sentir necessidade, e se por meio desses exercícios obtiver informações interessantes acerca do seu ambiente.

Um aspecto importante que deve ser observado ao iniciar um trabalho de estimulação auditiva é o grau da deficiência da criança.

O trabalho de estimulação auditiva deve ser realizado em conjunto com a família, pois, com relação aos ruídos ambientais, é em casa que a criança poderá vivenciar melhor estas experiências, relacionando o ruído com a fonte sonora e à situação em que ele se apresenta.

Ex.: Carros passando, buzinas, avião, batidas de porta, tampas de panela, panela de pressão, aparelho de som, ruídos de objetos que caem no chão, campainha, telefone, descarga, etc.

O professor deverá orientar a família de como proceder para chamar a atenção da criança para esses ruídos. Paralelamente na sala de atendimento irá apresentar sons instrumentais, seguindo uma gradação dos mais graves para os mais agudos. Ex.: Bumbo, tambor, pandeiro, chaves, reco-reco, chocalho forte, agogô, triângulo, sino, flauta, apito, etc.

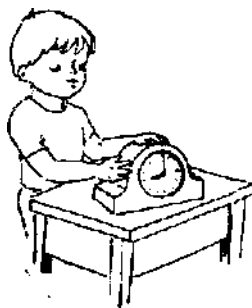
Ajudar a criança surda a perceber os ruídos e sons é uma das tarefas do professor no Programa de Estimulação Precoce. Tal tarefa deve iniciar por meio da música, do canto, enquanto o professor segura a criança no colo. Mais tarde, o professor poderá chamar a atenção da criança para os ruídos que a cercam de forma constante e cotidiana, porém sem cansá-la.

O treinamento auditivo é apresentado seguindo uma gradação de sons grosseiros para os sons mais elaborados, dos mais graves para os mais agudos e dos mais fortes para os mais fracos. A distância da fonte sonora também segue uma gradação: de início, mais perto, e aos poucos, mais longe.

a) O despertar para o mundo sonoro.

Chamar a atenção e fazer a criança se interessar pelos sons que a cercam:

- batidas **de** e **na** porta;
- arrastar de cadeiras;
- objetos caindo no chão;
- batidas na mesa e nas carteiras;
- fechar a janela;
- tampas de panelas;
- buzinas de carro;
- motor de ônibus;
- descarga de banheiro;
- campainha;



- despertador;
- rádio;
- tocar instrumentos musicais;
- encher saquinhos de papel e estourar;
- encher bexigas e estourar;
- ouvir a voz do professor amplificada;
- ouvir a própria voz também amplificada.

Após chamar a atenção para os sons, procurar mostrá-los como fonte de informações, reconhecendo e localizando a sua procedência. A dramatização é um excelente recurso nesse estágio do treinamento auditivo.

Exemplo:

- batidas **na** porta: sinal que alguém está chegando;
- batidas de porta: está ventando, vai chover;
- buzina: um carro está passando na rua;
- despertador: está na hora de levantar;
- o professor bate com a mão na mesa: sinal que a criança precisa ficar sentada.

b) O som e o silêncio (presença e ausência do som)

A presença e ausência do som é trabalhada inicialmente com apoio visual e tátil, isto é, a criança vê e sente, através do tato, o objeto que produz o som ou ruído, como ele é produzido, e como ela o pode reproduzir. Após termos certeza de que a criança percebe a presença e a ausência de sons ou ruídos, podemos solicitar respostas codificadas.

Ex.: Ao apresentar ruídos, sons instrumentais e da fala a criança deverá:

- encaixar pinos;
- colocar argolas;

- jogar bolas em uma caixa;
- pular de um banquinho;
- enfiar uma conta;
- etc...

Uma vez que a criança descobriu o som, o professor deve trabalhar com a presença e ausência do mesmo, levando-a a perceber quando o som começa e quando acaba:

Ruídos e sons ambientais:

- encaixar um elemento de um quebra-cabeça ao perceber um som;
- levantar-se quando perceber um som.

Sons instrumentais

- andar ao ouvir um instrumento de percussão, e parar quando cessar o som;
- a mesma atividade, correndo e parando;
- a mesma atividade, levantando e sentando;
- "jogo das cadeiras".

Sons da fala

- o professor emite vogais (interjeições) e onomatopéias e a criança executa uma tarefa pré-estabelecida:
- ai! (fazer de conta que se machucou);
- au - au! (imitar cachorrinho);
- com voz amplificada, o professor emite sílabas ou palavras. A cada som percebido, a criança encaixa uma peça no jogo.

c) Discriminar os sons

Depois que a criança aprendeu a perceber a presença e a ausência

dos sons, o passo seguinte é trabalhar a discriminação começando sempre com dois sons bem opostos. Aos poucos, ir diminuindo a oposição.

De início mostrar a fonte sonora e o som produzido depois tirar a pista visual e explorar somente a audição:

Ruídos e sons ambientais:

- tampas de panelas X batidas na porta;
- batidas de latas X batidas na porta;
- despertador X batidas na porta;
- despertador X batidas de lata.

Sons instrumentais

- tambor X agogô;
- pandeiro X agogô;
- prato X tambor;
- tambor X chocalho.

Sons da fala

- au - au X co - co;
- mu - mu X bé;
- miau X co - co;
- quá - quá X ploc - ploc.

d) Discriminar quanto à duração: sons longos e sons breves

Como na etapa anterior, a criança primeiro vê e ouve realizando a atividade junto com o professor. Depois só ouve:

Ruídos e sons ambientais

- despertador;
- campainha;

- liquidificador;
- rádio.

Enquanto perdurar o som, as crianças realizam ações contínuas: traçar uma linha na lousa, fazer um carrinho, percorrer um caminho longo, etc. Quando o som for breve a criança passa, com um giz ou com um lápis, um risco curto, ou então, com um carrinho, percorre um caminho curto.

Sons instrumentais

Utilizar instrumentos que facilitam a emissão de sons contínuos, como instrumentos de sopro. No caso de instrumentos que não tenham essa condição (tambor), produzir o som várias vezes em seguida. A resposta pode ser dada de diferentes maneiras:

- caminhar, mover um carrinho, pular, traçar linhas, manter os braços levantados, etc, enquanto perdurar o som;
- sons longos, mostrar tirinhas de papel longas;
- sons breves, mostrar tirinhas curtas ou bolinhas de papel;
- sons longos, mostrar palitos;
- sons breves, mostrar grãos.

Sons da fala

Trabalhar apenas vogais e onomatopéias, de início com as mais fáceis de serem percebidas:

- o professor dramatiza atitudes de vocalização emitindo sons longos e sons breves alternadamente. Exemplo: finge espanto e emite a longo, indica um objeto e emite o curto;
- a criança acompanha traçados com o dedo, movimenta carrinho, pula, etc, enquanto durar o som.

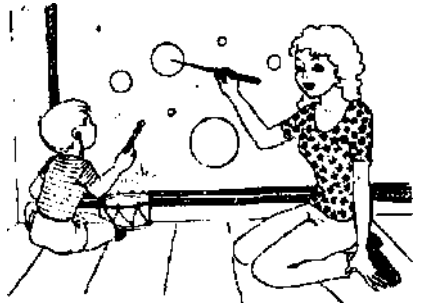
e) Discriminar quanto à intensidade: sons fortes e fracos.

Mostrar à criança a produção de sons fortes e dos sons fracos e pedir para reproduzi-los. Depois que a criança fixou e aprendeu a produzir sons fortes e fracos, tirar apoio visual e utilizar apenas a pista auditiva.

No treino da intensidade dos sons recorrer à mesma fonte sonora. Exemplo: batidas fortes na carteira X batidas fracas na carteira; batidas fortes no tambor X batidas fracas no tambor.

Ruídos e sons ambientais:

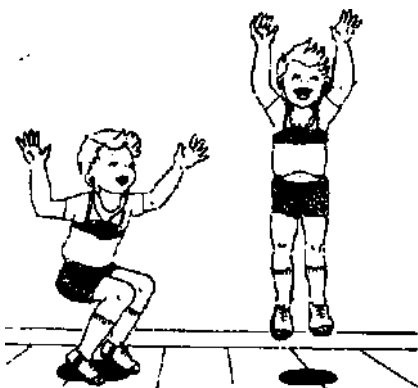
- batidas fortes de lata X batidas fracas de lata; apontar círculos de papel verde escuro ao ouvir o som forte e apontar círculos de papel verde claro ao ouvir o som fraco;
- batidas fortes na mesa X batidas fracas na mesa: reproduzi-las na própria carteira;
- batidas fortes no chão com os pés X batidas, acompanhando sons fortes e fracos.



Sons instrumentais:

- com a criança sentada, o professor toca um instrumento musical e vai aumentando a intensidade. A medida que o som for aumentando, a criança vai se levantando. A medida que diminui a intensidade do som, a criança se senta novamente;
- pular ao ouvir som forte e sentar ao ouvir som fraco;
- ao som forte executar movimentos corporais bruscos e ao som fraco movimentos corporais suaves;

- desenhar na lousa um círculo grande associando-o a um som forte, e um círculo pequeno associando-o a um som fraco;
- pedir para que a criança reproduza o som forte ou fraco, de acordo com o círculo que lhe for mostrado;
- uma vez fixada a atividade acima, o professor pode variar a seqüência dos círculos: grande (forte), pequeno (fraco), grande (forte), pequeno (fraco), etc... pedindo que a criança os reproduza.



Sons da fala:

- o professor mostra uma ficha com a vogal **a** amplificada e emite um **a** forte, mostra uma ficha com a vogal **a** pequena e emite um **a** fraco, para que a criança perceba a diferença de intensidade;
- o professor emite **a** forte e **a** fraco e a criança mostra a ficha correspondente;
- o professor emite **a** forte e **a** fraco e a criança repete a emissão;
- o professor mostra a figura de um cachorro grande e emite "au - au" bem forte, mostra a figura de um filhote e emite "au -au" mais fraco;
- o mesmo exercício anterior, com o professor mostrando as figuras e as crianças emitindo os sons.

1) Identificar e reproduzir a quantidade de impulsos.

Utilizar ruídos e sons ambientais (despertador, palmas, etc), sons **instrumentais** (por exemplo, o tambor) e sons da fala (pa, ta, etc.) produzindo-os uma, duas ou três vezes. A criança observa a produção do som e os

reproduz conforme a quantidade de impulsos dados pelo professor:

- o professor bate uma vez o tambor, e a criança o imita;
- o professor bate duas vezes o tambor, e a criança o imita;
- o professor bate três vezes o tambor, e a criança o imita.

As respostas podem também ser dadas com palmas, pegando objetos, batendo o pé, fazendo riscos ou círculos, sempre de acordo com a quantidade de impulsos ouvidos, com o grau de surdez, com a utilização ou não do AASI.

1.1.2. Estimulação para o Desenvolvimento da Fala

Objetivo geral: O professor deve preparar a criança para a emissão, desenvolvendo o controle de tensão e relaxamento, sua respiração, sensibilidade, mobilidade e propriocepção (consciênciacorporal) da região fonoarticulatória.

A estimulação para o desenvolvimento da fala deverá dar ênfase:

- a) à Respiração
- b) à Tensão e ao Relaxamento
- c) ao Ritmo
- d) à Estimulação da sensibilidade e da mobilidade orofacial.

a) Respiração

Objetivo Geral: Adquirir hábitos corretos de respiração, propiciando melhor ritmo de fala e melhor emissão dos fonemas e de uma voz mais natural.

Um dos aspectos envolvidos na emissão correta e na colocação de fonemas é uma respiração adequada.

A respiração sadia é, em grande parte, inconsciente, mas através da educação respiratória, a criança surda poderá ter condições não só de

melhorar sensivelmente seu estado geral de saúde, como também aprender a emitir e melhorar o ritmo da fala.

A atividade respiratória, constituída de uma alternância de inspiração e expiração, mobiliza a caixa torácica e a coluna e, se adequada, melhora a capacidade pulmonar da criança.

Os principais músculos respiratórios são os intercostais e o diafragma.

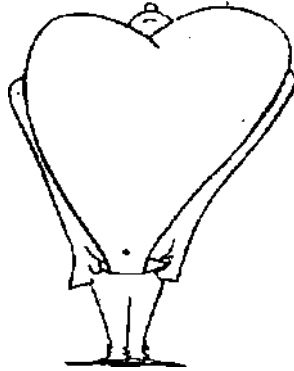
O diafragma, que tem feição de cúpula, é o mais importante músculo da inspiração e separa a cavidade torácica da cavidade abdominal.

Na respiração normal, ao inspirar - enquanto o ar desce - o diafragma aplanar-se, o gradil costal inferior eleva-se, o superior movimenta-se ligeiramente para a frente e o ventre dilata-se. Ao expirar, há o relaxamento do diafragma, que volta a adquirir nítido feição de cúpula; o gradil costal inferior baixa e os músculos abdominais se retraem.

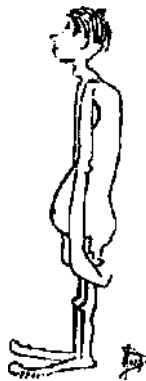
Assim, a respiração fisiologicamente correta é aquela em que há predominância funcional da região costo-diafragmática.



Se a criança inspira ou expira com grande predominância da região costa superior, estará indo contra a natureza e, sobretudo, contra a fonação.



Se a criança imprime um movimento particularizado e excessivo aos músculos abdominais ou só aos intercostais, também estará errada.



Série Deficiência Auditiva - Fascículo 3

A criança deve aprender a utilizar os músculos expiratórios voluntariamente, em caso de necessidade.

É preciso, porém, lembrar que a atividade respiratória é automática e que é difícil torná-la consciente, especialmente nas crianças até 3 anos.

Se a pessoa não sabe usar convenientemente as cavidades de ressonância (área bucal) de forma equilibrada e o sopro sonorizado, a voz ou sairá distorcida ou não se projetará no ambiente. *Daí a grande importância da respiração na fonação.*

Aos profissionais que atuam com a criança surda interessam:

- a) os movimentos respiratórios de inspiração e expiração;
- b) a produção da voz por meio do sopro expiratório;
- c) a perfeita coordenação fono-respiratória que vai permitir a produção livre e valorizada da voz;
- d) a adequada produção da fala.

Educação respiratória

Qualidades da respiração para a fonação:

inspiração:

- correta
- silenciosa
- nasal (preferentemente)
- tranqüila
- suficiente (a respiração insuficiente provoca uma interrupção da fala)
- mais ou menos rápida.

expiração

- natural
- relaxada (sem esforço)
- controlada
 - .. escoamento regular
 - .. quantidade dosada
 - .. direção apropriada
 - .. duração

Sabe-se que a respiração correta é a diafragmática, com inspiração nasal e expiração bucal.

Em se tratando de crianças de zero a três anos, os melhores resultados serão obtidos através de situações lúdicas bastante motivadoras.

Desse modo poderão ser usados jogos de sopro e instrumentos musicais de sopro, além de exercícios em meio líquido visando conscientizar o educando para a existência e o uso da respiração oral.

Sugere-se, portanto que a criança realize as seguintes atividades:

- apagar velas;
- soprar tiras de papel, penas, algodão, língua de sogra, balões (bexigas), bolinhas de sabão ("mil bolhas"), barquinhos de papel e/ou bolas de isopor em vasilha com água ou em uma caixa coberta com filo;
- soprar, através de canudos, no espelho, tentando deixar marcas;
- brincar com apito, gaitas;
- derrubar retrós com sopros;
- cheirar perfumes;
- falar, expirando, soltando e sustentando a voz;

- conscientizar-se do ato respiratório, colocando uma mão sobre seu próprio peito e a outra sobre o do professor, ou um objeto sobre o peito ao deitar-se para vê-lo levantar e abaixar;
- nadar.



b) Tensão/ relaxamento

Objetivo: adquirir atitudes de controle de tensão e relaxamento da musculatura do corpo em geral, com ênfase especial no tórax, pescoço e face, propiciando melhores possibilidades de respiração, vocalização e articulação de fonemas.

As atividades de relaxamento são indispensáveis para a boa educação respiratória e deverão ser realizadas de preferência com a sala escurecida.

Para que o professor consiga realizar um bom relaxamento com a criança deve procurar exercícios que efetivem a oposição entre *contração e relaxação*.

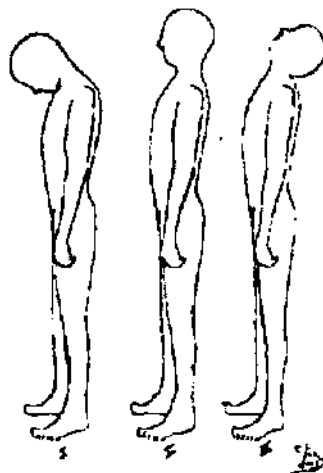
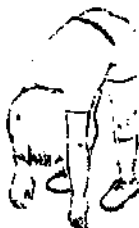
Deitada:

- fazer a criança deitar, de preferência numa superfície não muito mole, de costas, com os braços ao longo do corpo e as palmas das mãos viradas para baixo;
- colocar um travesseiro sob os joelhos dela;
- pedir para a criança fechar as mãos e um seguida abri-las;
- pedir para a criança que:
 - levante um braço e depois o deixe cair pesadamente;
 - levante o outro braço e depois o deixe cair também;
 - levante os dois braços juntos e depois os deixe cair;
 - estique bem os braços e depois os soltem;
 - levante uma perna e depois a deixe cair;
 - levante outra perna e depois a deixe cair também;
 - levante as duas pernas aos mesmo tempo e depois as deixe cair;
 - estique bem as pernas e depois as solte.

Em pé:

- fazer a criança imitar "boneco de pau" e "boneco de pano", de modo que sinta no próprio corpo a diferença entre tensão e relaxamento;
- fazer a criança ficar com as pernas ligeiramente afastadas, "esticar" o corpo para cima com os braços levantados, e em seguida "soltar", a cabeça e os braços para baixo;
- fazer a criança deixar pender o tronco de forma que os braços e a cabeça fiquem balançando molemente;
- fazer a criança levantar suavemente os ombros; depois deixá-los cair;
- fazer a criança pender a cabeça para trás. elevá-la lentamente até a

posição vertical.



Sentada.

Fazer com que a criança:

sente-se, mas com a espinha ereta, encostada ao espaldar da cadeira;

estenda as pernas e solte-as molemente;

deixe os braços pendentes ao lado do corpo;

monte as partes do corpo de um boneco e identifique-as no seu próprio corpo;

realize movimentos circulares com a cabeça bem relaxada.

c) **Ritmo**

Objetivo geral:

A criança deverá desenvolver a percepção do ritmo através da música e dos movimentos corporais.

Objetivos específicos:

Favorecer, através de experiências corporais, o amadurecimento da criança quanto à:

- . propriocepção (consciência corporal);
- . coordenação motora global mais harmônica;
- . tonicidade muscular: estados tônicos físico-emocionais (tensão e relaxamento);
- . própria respiração;
- . emissão vocálica, respeitando os ritmos básicos que são próprios da fala.

A estimulação do ritmo inicia-se com o diálogo corporal (contato pai/bebê, professor/bebê) no momento 'das cantigas' de ninar, quando há movimentos de danças.

A estruturação do ritmo depende da sucessão harmônica de movimentos corporais. No início, o aconchego ao colo que nina faz com que a criança perceba o ritmo.

A estimulação rítmica destina-se a fazer com que a criança perceba a si mesma através do desenvolvimento da propriocepção e do controle corporal.

A criança pequena deve perceber a presença e ausência da música, acompanhá-la, inicialmente no colo de alguém, depois com seus passos

vacilantes até que possa livremente executar o andamento apropriado, geralmente com ritmos simples, tipo binário e ternário. Deve também acompanhar batidas de um tambor, bem como os movimentos de marcha, pulo, salto, corrida. É no movimento, na soltura de seu corpo que ela vivencia e **interioriza o ritmo**. *A interiorização do ritmo musical é fundamental*, para ser usado, posteriormente, na expressão oral através do ritmo próprio de cada palavra ou frase.

d) Estimulação da sensibilidade e da mobilidade orofacial

Objetivos:

- . *conscientizar o educando para a existência e o uso da respiração oral;*
- . *conscientizar o **educando** sobre as vias nasais como instrumento da respiração e de sua correta utilização;*
- . *utilizar a inspiração e a expiração como movimentos distintos, alternando as duas vias respiratórias;*
- . *ampliar e coordenar a capacidade de produção fonarticulatória com a respiração diafragmática;*
- . *tomar conhecimento das partes do corpo e dos diferentes graus de tonicidade muscular;*
- . *adquirir movimentação e controle articulatorios necessários aos padrões desejáveis de emissão;*
- . *adquirir condições de articular fonemas, estabelecendo correto "feed-back" acústico, proprioceptivo, visual e tátil.*

Para que a criança articule palavras faz-se necessário que além de um clima calmo e tranqüilo, ela esteja relaxada e envolvida por afetividade e segurança.

A estimulação da fala envolve estimulação auditiva e rítmica. Para tanto trabalha-se:

- a respiração da criança, uma vez que a produção dos fonemas ocorre a partir do controle do ar expirado;
- os órgãos fonoarticulatórios, principalmente, os lábios, a língua, o palato, a mandíbula, as bochechas;
- a tensão, o relaxamento da musculatura do corpo em geral e dos órgãos fonoarticulatórios;
- a voz, de modo que a intensidade, duração e frequência dos sons se ajustem;
- a produção e automatização de alguns fonemas e palavras significativas.

O professor poderá sentar-se com a criança frente a um espelho, procurando ficar na mesma altura dela. Após receber a atenção da criança, iniciar exercícios respiratórios de sopro. Usar e abusar do tato! Brincar com a criança para:

- estimular o uso da voz para produzir determinadas vogais e determinadas combinações entre vogais e consoantes;
- estimular o uso da visão, da audição e do tato para ajudar a articulação da criança surda.

As atividades abaixo sugeridas podem ser utilizadas em situações espontâneas e lúdicas, aproveitando o interesse da criança.

a) Exercícios para os lábios:

- utilizar batom para pintar a boca da criança com uma cor, e em volta dos lábios com outra cor, permitindo que a criança faça o mesmo com a professora.
- observar se a criança não apresenta protusão de língua, e realizar

- exercícios que envolvam; lábios e língua;
- passar mel nos lábios fazendo com que a criança retire com a língua;
 - passar doce em pasta ou mel na parte interna dos lábios da criança para que ela o sugue ou retire (seguindo modelo da professora);
 - passar batom nos lábios da criança e fazer com que ela segure papel nos lábios;
 - fazer com que a criança segure uma pequena quantidade de líquido na boca e esguinche-o depois, fazendo um jato (este exercício trabalha também as bochechas).
 - imitar o motor de um carro, vibrando com os lábios;
 - fechar a boca, apertando bem os lábios;
 - fazer "bico";
 - soprar vela;
 - sorrir com os dentes fechados;
 - projetar os lábios fazendo "bico" e movê-los para a direita e para a esquerda;
 - imitar vozes de **animais**;
 - rir exageradamente;
 - segurar um pedaço de papel entre os lábios, evitando que outra pessoa o puxe;
 - segurar um canudinho nos lábios, sem deixar que toque nos dentes.

b) Exercícios com a língua:

- mostrar a língua;
- passar a língua nos lábios, em movimentos de rotação;
- abrir a boca e tocar com a língua o lábio superior, o lábio inferior e os cantos da boca;
- fechar a boca e com a língua, empurrar a parte interna da bochecha direita e da bochecha esquerda;
- estalar a língua;

- colocar a língua para fora e recolhê-la lentamente;
 - colocar a língua para fora e recolhê-la rapidamente;
 - imitar um gatinho bebendo leite;
 - passar a língua no palato duro, de dentro para fora;
 - colocar alimentos pastosos ou em pó:
 - na face internados incisivos superiores;
 - na face internados incisivos inferiores;
 - no palato;
 - na parte interna das bochechas;
- e levar a criança a retirá-lo com a ponta da língua.

c) Exercícios para o palato:

- gargarejar;
- bocejar, fazendo de conta que está com sono;
- dar gargalhadas;
- tossir;
- beber refrigerante ou groselha, gole por gole;
- com a boca aberta, inspirar pelo nariz e expirar rapidamente pela boca;
- passar a ponta da língua no palato, de dentro para fora;
- estalar a língua imitando cavalinho.

d) Exercícios com a mandíbula:

- comer lentamente biscoitos, pão, maçã, etc. com a boca fechada;
- movimentar devagar a mandíbula para a direita e para a esquerda, para a frente e para trás;
- os mesmos exercícios, com movimentos rápidos;
- abrir e fechar a boca lentamente;
- abrir e fechar a boca rapidamente.

e) Exercícios com as bochechas:

- inflar as bochechas e pressioná-las com as mãos, mantendo a boca fechada;
- "chupar" as bochechas;
- encher a boca de ar, antes de um lado e depois de outro;
- assoprar, evitando que as bochechas se inflam;
- massagear externamente as bochechas com as mãos;
- utilizar fita durex de cores diferentes. Cortá-las em pedaços pequenos, colocando-os em seguida nas bochechas da criança, no sentido posterior-anterior;
- utilizar material de maquiagem, como batom, sombras de cores diferentes, fazendo desenhos circulares ao redor da bochecha da criança, imitando cara de palhaço;
- utilizar tecidos de texturas diferentes podendo começar com algodão, veludo, flanela, etc, passando gradativamente para tecidos mais ásperos, como linho. Passar os tecidos pela face da criança sempre do ponto mais distante para o mais próximo da região dos lábios;
- passar pincel macio do ponto mais distante ao mais próximo à região dos lábios.

*

1.1.3. Estimulação da Leitura Orofacial

Objetivos:

- . *desenvolver a atenção visual para o corpo e o rosto de quem fala;*
- . *relacionar a significação dos fatos com os movimentos orofaciais e/ou corporais da pessoa que fala;*
- . *desenvolver a linguagem receptiva ou de compreensão.*

Para o desenvolvimento da linguagem receptiva da criança surda faz-se necessário que paralela à estimulação auditiva, haja a estimulação à leitura

do corpo e do rosto de quem fala. Essa "leitura", denominada *orofacial ou labial*, identifica a compreensão da expressão corporal, da expressão dos olhos, dos músculos faciais e dos lábios.

Através dos resíduos auditivos e da leitura orofacial a criança surda pode chegar a compreender e a relacionar determinadas pessoas, objetos ou situações, com o movimento dos lábios de quem fala.

Para que ela leia os lábios de alguém, deve-se dar-lhe oportunidades de VER as palavras, embora esse não seja um meio de compreensão perfeito e completo. Não se ensina a uma criança a ler lábios. Ela aprende vendo e fazendo.

Para o treino da leitura orofacial, alguns fatores devem ser considerados:

- sala com poucos estímulos, para evitar que a criança se distraia durante o atendimento;
- evitar as sombras ou excesso de claridade, que dificultam a visualização;
- utilizar material concreto, baseado em experiências reais feitas com as crianças;
- o objeto a ser trabalhado poderá ser colocado ao lado do rosto do professor, que dirá seu nome, podendo afastá-lo em seguida. Utilizar tantas repetições quantas se fizerem necessárias;
- trabalhar com poucos vocábulos de cada vez, evitando confusão de idéias e de linguagem;
- ao passar de um vocábulo ou de um assunto para outro, não o fazer bruscamente, mas dizendo à criança;
- utilizar palavras fáceis, com diferentes graus de visualização;
- apresentar as palavras sempre dentro de um contexto e não soltas ou vocábulos isolados;
- evitar barbas, bigodes, ciganos, franjas, que **interfiram** na visibilidade do rosto e da correta articulação.

Quanto ao aluno, o professor precisa despertar nele o seguinte:

- o hábito de compreensão global, que será valioso à percepção de palavras e frases como partes de um todo;
- concentrar a atenção no rosto de quem fala, que é o ponto essencial do trabalho;
- não ficar satisfeito até compreender totalmente o que foi falado.

A estimulação da leitura orofacial deve continuar em casa. É preciso que a criança tome gosto por ela e perceba sua importância na comunicação.

Cabe ao professor proporcionar-lhe situações estimuladoras, tais como:

a) *Falando constantemente com a criança* sobre tudo o que ela vê, sobre tudo o que acontece, sobre todos, aproveitando sempre todas as oportunidades de associar a palavra à observação.

Como falar:

- . a luz deve bater no rosto do professor, não no da criança de forma que ela possa observar os lábios de quem fala;
- . o professor deve:
 - .. colocar-se no nível dos olhos da criança, ainda que tenha de sentar-se ou agachar-se;
 - .. falar com velocidade moderada (nem depressa e nem devagar);
 - .. empregar frases curtas e simples, porém completas, sem pular nenhuma palavra. Falar corretamente;
 - .. repetir determinadas palavras, associando-as a pessoas, objetos e ações.

O que falar :

- . sobre assunto que interesse à criança. Geralmente o mesmo que para qualquer criança no dia-a-dia, de acordo com sua idade;

- . todos os dias o professor deve repetir as mesmas frases, quando a mesma situação se apresentar.

A primeira palavra deve ser o nome de alguma pessoa real, conhecida ou de algum objeto real conhecido e do interesse da criança:

- a palavra deve ser bem visível nos lábios daquele que fala;
- a palavra deve ser corriqueira e que possa ser repetida em várias situações do dia-a-dia.

Obs.: Utilizar:

- 1º - a palavra em relação direta com a pessoa real ou com o objeto real;
- 2º - a palavra em relação a um brinquedo que substitui a pessoa ou o objeto real;
- 3º - a palavra em relação a uma gravura que substitui a pessoa ou o objeto real.

nomes substantivos

- . dos pais
- . das roupas
- . dos brinquedos
- . dos móveis
- . dos alimentos
- .etc

ações:

- . comer
- . beber
- .ir
- .vir
- . dormir
- . falar

nomes adjetivos

- . bonito / feio
- . grande / pequeno
- . alegre / triste
- . etc.

- . olhar
- . brincar
- . correr
- . pular
- .etc

circunstâncias

- não
- sim
- mais
- aqui
- lá

Quando falar com a criança:

- . todos os dias, sempre que obtiver atenção da criança, desde o seu primeiro dia de atendimento, mesmo que ela não dê nenhuma resposta.

b) Proporcionando estimulação multissensorial: consiste em utilizar os diversos canais sensoriais íntegros (visão, tato, sentido cinestésico) que, juntamente com a audição residual, por meio de formas combinadas, oferecem meios para ajudar o educando surdo a desenvolver sua relação com o mundo e a comunicação com ele.

As crianças aprendem vendo, escutando, sentindo, manipulando, provando, cheirando, ou seja, utilizando todos os sentidos.

c) Dando atenção às necessidades dela, olhando-a sempre nos olhos e falando sobre o que lhe interessa no momento. Assim sendo, cada vez mais, a criança olhará o rosto do professor, especificamente, sua boca. Uma criança surda "ouve" com os olhos. Além de observar os movimentos labiais, a criança utiliza qualquer expressão ou linguagem não-verbal para realizar uma leitura global do rosto de quem fala.

*d) destacando bem os lábios de forma que não fiquem escondidos pela mão ou distorcidos pelo sorriso, pela **careta** ou movimentos mastigatórios.*

1.2. ESTIMULAÇÃO PARA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Objetivo: Propiciar às crianças surdas de zero a três anos o desenvolvimento espontâneo da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como forma de expressão lingüística, de comunicação interpessoal e como suporte do pensamento e do desenvolvimento cognitivo.

A Língua Brasileira de Sinais é um sistema convencional de Sinais estruturados da mesma forma que as palavras das diferentes línguas naturais.

Há várias línguas de sinais e todas elas são sistemas abstratos de regras gramaticais, utilizadas, principalmente, pelas comunidades surdas. Portanto, como todas as línguas, a Língua Brasileira de Sinais não é universal.

Como qualquer outra língua, a Língua Brasileira de Sinais apresenta uma estrutura própria nos quatro níveis lingüísticos:

1. "Fonológico" (sistema de unidades mínimas distintivas que constituem os sinais)

2. Morfológico

3. Sintático

4. Semântico-pragmático

1. O nível "fonológico" constitui-se de unidades distintivas sem significado nos seguintes parâmetros principais:

1.1. a configuração de mão(s);

1.2. a localização do sinal ou ponto de articulação;

1.3. o movimento das mãos, braço ou pulso;

1.4. a orientação da(s) palma(s) da(s) mão(s).

2. O nível morfológico pode ser descrito da seguinte forma:


- . as classes de palavras (substantivo, adjetivo, verbos e advérbio) nem sempre se distinguem quanto à forma. Sua função é determinada pelo contexto lingüístico;
 - . alguns verbos são flexionados, marcando o sujeito e o objeto, pela direção, ponto inicial e final do movimento do sinal. Às vezes, há inversão neste processo de marcação;
 - . os graus aumentativo e diminutivo podem, muitas vezes, ser obtidos por diferentes expressões faciais que acompanham a articulação manual dos sinais;
 - . o número de preposições e conjunções isoladas é restrito, porém a LIBRAS usa a direcionalidade para estabelecer as relações características das preposições e conjunções em Português.
 - . não havendo um sinal para determinado conceito, o alfabeto manual, calcado nas letras ou grafemas, é utilizado para soletrar palavras da língua oral. Neste caso, diz-se que estas soletrações são empréstimos da Língua Portuguesa.
 - . há um alto índice de incorporação nos itens lexicais ou sinais. Exemplo:
 - . em Português: escrever a máquina - datilografar (incorporação do instrumento)
 - . em LIBRAS: BEBER-CAFÉ, TOCAR-PIANO,...
 - . a formação das palavras compostas segue o mesmo processo que em Português, porém nem sempre um termo composto da primeira corresponde ao da segunda;
 - . a "derivação" é observada, principalmente, na expressão dos diferentes aspectos verbais: pontual, continuativo, interativo e durativo; mas, a derivação nos termos tradicionais, só é observada através de alterações de um dos parâmetros em alguns casos como em SENTAR (movimento simples) e CADEIRA (movimento repetido).
- 3. O nível da estrutura sintática, basicamente, se caracteriza por:*
- . topicalização, isto é, constituintes que, em geral, viriam no final da

- sentença, são movidos (deslocados) para o início da sentença;
- . ordem fixa, no caso dos verbos flexionados, onde o objeto direto é o único constituinte mais livre, podendo vir no início ou no final da sentença;
- . ordem aparentemente livre, nos demais casos, porém, em geral distinta daquela das sentenças da Língua Portuguesa;
- . inexistência de verbos de ligação, em geral;
- . existência de cinco tipos de negação do sintagma verbal, nominal e outros.

4. Nos níveis semântico e pragmático, observa-se que:

- . como ocorre com línguas distintas, o significado de um sinal pode não corresponder exatamente ao de uma palavra equivalente em Português:

Ex.:

Português	LIBRAS
"conhecer"	 <p data-bbox="442 938 988 1045"> CONHECER (uma pessoa, um problema, um trabalho) JÁ TER-ESTADO (em algum lugar) </p>

- . palavras polissêmicas (com vários significados), em LIBRAS, podem não ter equivalentes polissêmicos em Português e vice-versa;
- . a direcionalidade semântica é transparente na direcionalidade do movimento da forma verbal:

FALAR: Eu Você

Ex: Eu falei para você (direcionalidade entre eu e você) corresponde a:

- o uso do espaço serve a propósitos gramaticais e semântico-pragmáticos, isto é, o uso do espaço resulta em significados semânticos (por ex: os pronomes pessoais) e pragmáticos (as características contextuais codificadas nas formas pronominais);
- existem expressões metafóricas, como: TOCAR-VIOLINO, cujo significado é "monotonia" ou "ser monótono";
- as expressões de polidez são, muitas vezes, obtidas pelo uso de expressões faciais e de movimentos curtos e suas-vez dos sinais;
- os atos de fala podem se distinguir pelas expressões faciais e pelo ritmo que são equivalentes às entoações em Português;
- a negação pode ser realizada por um sinal negativo (NÃO), pelo movimento da cabeça para os lados, simultaneamente, à expressão negada, por um movimento para fora do corpo (negação incorporada), por um movimento inverso daquele do sinal com valor positivo.

Obs: Em geral, as línguas de sinais são constituídas de formas que podem ser associadas aos objetos a que se referem, o que se denomina iconicidade. Entretanto, a iconicidade varia de língua para língua o que evidencia a convencionalidade destas formas lingüísticas. Exemplo: o sinal equivalente à "casa" parece com um telhado



A importância da aprendizagem da LIBRAS pelas crianças surdas de zero a três anos.

A aprendizagem da LIBRAS possibilita à criança surda maior rapidez e naturalidade na exposição de seus sentimentos desejos e necessidades, desde a mais tenra idade. Possibilita a estruturação do pensamento e da cognição e fluente interação social. Conseqüentemente, ativa o desenvolvimento da linguagem.

Logicamente seus pais deverão ter também condições de utilizar semelhante **recurso** lingüístico.

Portanto, se os pais optarem pela aprendizagem e utilização de duas línguas pelos filhos surdos, devem sugerir que se inclua no atendimento a sua criança surda um momento lúdico de absoluta descontração, com um (ou mais) instrutor surdo, para que ela fique exposta também à LIBRAS e essa língua seja adquirida espontânea e naturalmente.

1.3. DANDO VIDA AO CONTEÚDO DE LINGUAGEM: ÀS PALAVRAS E AOS SINAIS

A fase de zero a cinco anos é decisiva para a formação psíquica do ser humano, uma vez que ocorre o alívamento das estruturas inatas genético-constitucionais da personalidade.

Há uma teoria sobre a base biológica da linguagem que admite a existência de um substrato neuro-anatômico, no cérebro, para o sistema da linguagem, portanto todos os indivíduos nascem com predisposição para a sua aquisição.

Nesse caso, o que se deduz é que haja uma estrutura lingüística latente responsável pelos traços gerais da gramática universal (universais lingüísticos).

A exposição a um ambiente lingüístico é necessária para ativar a estrutura latente e para que a pessoa possa sintetizar e recriar o mecanismo lingüístico.

Os bebês são capazes de deduzir as regras gerais da língua a que são expostos.

A estimulação precoce de uma criança que nasce ou torna-se surda no período que vai do nascimento até os três anos de idade é fator vital para a aquisição da linguagem, uma vez que é considerado um período crítico ótimo,

devido, inclusive, ao que denominam plasticidade neuronal.

Para a produção e reconhecimento da linguagem há dois sistemas:

- sistema sensorial (faz uso da anatomia do trato auditivo/vocal);
- sistema motor (faz uso da anatomia visual e da anatomia mão/braço).

Quando a surdez é congênita ou adquirida no período de zero a três anos a criança, geralmente, utiliza o sistema motor para comunicar-se. Esse sistema possibilita a aquisição de Língua Brasileira de Sinais, cuja estrutura é distinta daquela apresentada pela Língua Portuguesa. No entanto é possível que a criança desenvolva sua linguagem em Língua Portuguesa, desde que seja exposta a um ambiente lingüístico adequado, com profissionais competentes e com família partícipe.

Dessa forma, a escolha, pelos pais, da metodologia e filosofias educacionais podem viabilizar a aquisição de linguagem por sua criança surda, seja em Língua Portuguesa, seja em Língua Brasileira de Sinais, seja nas duas línguas.

Na fase inicial do trabalho com linguagem, o que se espera é a recepção dos conceitos lingüísticos, sem preocupação excessiva com a emissão, deixando que esta ocorra espontaneamente, sem forçá-la. Se houver emissão por parte da criança, mostrar aprovação, mas se não houver, continuar o trabalho, pois de início o objetivo principal a ser alcançado é, como já foi dito, a **recepção**.

Algumas recomendações úteis para se conseguir melhores resultados na estimulação da linguagem são:

- criar uma atmosfera calma e agradável, a fim de obter melhor colaboração de crianças, cuja deficiência acarreta os maiores prejuízos justamente nesta área;

- no início usar linguagem filtrada, isto é, frases curtas, simples, mas completas, enfatizando os vocábulos a serem ensinados;
- criar situações ricas de significado e partindo da experiência da criança, a fim de despertar seu interesse e alcançar um bom nível de compreensão;
- apresentar, sempre que possível, os vocábulos concretamente;
- dar apenas dois vocábulos por vez, de modo que a criança fixe muito bem seus conceitos;
- ampliar gradualmente o vocabulário, mas sem deixar de lado as palavras já introduzidas;
- orientar os pais e demais pessoas que convivem com a criança, mostrando a importância da ajuda em casa com relação ao vocabulário que está sendo desenvolvido na classe;
- dosar bem as atividades de linguagem, que apesar de serem diárias, não podem cansar as crianças;
- incluir conhecimento físico, como a propriedade dos objetos: cor, forma, tamanho, etc;
- incluir o conhecimento lógico matemático, como a noção de tempo, espaço, causalidade.
- reforçar diariamente os clichês sociais: "Bom-dia", "Como vai?", "Obrigado", "Até amanhã";
- habituar as crianças a atenderem "ordens" simples, como:
 - Sente-se.
 - Levante-se.
 - Vem aqui, venha cá.
 - Abra a porta.
 - Feche a porta.
 - Pule.
 - Dê-me, me dá (seguido do nome do objeto).
 - Pegue (seguido do nome do objeto).
 - Levante a mão.
 - Escove os dentes.

As sugestões de área para o desenvolvimento da linguagem dadas, a seguir, podem constituir o ponto de partida para esquematizar os assuntos a serem introduzidos e o modo como podem ser trabalhados:

A linguagem do corpo:

- o esquema corporal
- o vestuário

Eu e os outros:

- a família
- a escola

Coisas que eu como:

- os alimentos

Que dia é hoje?

- o tempo

Coisas que eu vejo:

- os brinquedos
- os animais

Como, quanto e onde?

- cores
- formas
- tamanho
- quantidade
- lugar

Outras áreas podem ser trabalhadas de acordo com a situação ou necessidade da criança. Como exemplo sugerimos: Meios de Transporte, Plantas, Objetos de Uso Pessoal, Saúde e Higiene, entre outros.

A linguagem do corpo: esquema corporal

Vocabulário: mão, pé, bumbum, cabeça, olhos, cabelo, etc...
(dependendo das possibilidades da criança).

Atividades:

- Identificar as partes do seu próprio corpo, do corpo do professor.
O professor vai nomeando as partes:
 - *Este é o meu pé.*
 - *Maria, mostre o seu pé.*
 - *Maria, mostre o pé do João.*
- Reproduzir em guache ou contornar a própria mão.
- Reproduzir em guache ou contornar o próprio pé.

Com a criança deitada, o professor contorna com giz ou lápis de cera o seu corpo no chão ou em papel.

- Identificar as partes do corpo em diferentes tipos de reprodução: utilizando bonecos ou recortes de revistas. O professor nomeia as partes do corpo e a criança vai mostrando-as:
 - *Mostre o pé.*
 - *Onde está o pé?*
- Recortar e colar gravuras de pessoas, indicando as partes do corpo, a pedido do professor:
 - *Onde está o pé?*
 - *Mostre o pé*
- Recortar e colar partes do corpo: pé, mão, boca, olhos, cabelo, bumbum, etc...
- Completar a figura humana, parcialmente desenhada.
Desenhar a si próprio, o professor, os amigos, as pessoas da família, **etc.**
- Distribuir partes do corpo de um boneco desmontado. A criança associa a cada parte seu próprio corpo, procurando nomeá-la com a ajuda do professor.

- Trazer ou pedir para a criança trazer para a sala uma bacia ou banheirinha com água, sabonete, toalha e uma boneca para o banho do bebê. O professor dá banho na boneca e vai falando o nome de cada uma das partes do corpo, enquanto vai passando o sabonete, lavando ou enxugando a boneca:

- *Olhe o pé do bebê!*
- *Olhe o **bumbum** do bebê!*
- *Este é o **cabelo** do bebê!*
- *Vou enxugar o **cabelo** do bebê!*

Continuar a situação do banho. A criança dá banho na boneca e o professor vai falando:

- *Você está lavando o **cabelo** do bebê.*
- *Mostre a **mão** do bebê.*
- *Você está enxugando o **cabelo** do bebê.*



A linguagem do corpo: o vestuário

vocabulário: calça, blusa, saia, vestido, meia, sapato.

Atividades:

- Retomar o banho do bebê: a criança veste a boneca. O professor verbaliza toda a situação:
 - Pegue a **blusa**.
 - Põe a blusa na boneca.
 - Onde está a meia ?
 - Põe a meia na boneca.
- Confeccionar roupas de bonecas com materiais diversos.
- Recortar e colar figuras de peças de vestuário.
- Desenhar peças de vestuário, a partir de um modelo.
- Nomear as peças do seu vestuário.



Eu e os outros: a família

Vocabulário: nome da criança, mamãe, papai, vovô, vovó, titio, titia, bebê (nenê). Introduzir os vocábulos de maior importância efetiva para a criança.

Atividades:

- Cartaz e álbum da família - o professor pede fotos dos membros da família que serão trabalhados. Com as fotos faz um cartaz ou álbum da família da criança. De início, mostra as fotos, nomeando os elementos para a criança:

- *João, olha o papai!*

- *João, olha a mamãe!*

Em seguida o professor pede à criança para identificar cada elemento:

- *João, onde está o papai?*

- *João, mostre a mamãe! etc.*

Fazer a criança empregar o pronome pessoal eu quando o professor solicita mostrando a foto da criança.

Utilizando o mesmo cartaz, o professor pergunta:

- *João, quem é ele?*

- *João, quem é ela?*

A criança responde ou indica quem está na foto, com a ajuda do professor.

- Desenhar as pessoas da família. O professor coloca o parentesco em baixo de cada desenho.
- Apontar cada uma das pessoas de sua família, à proporção que

forem sendo nomeadas:

- *mostre o **tíio**.*
- *mostre a **títia**.*



Eu e os outros: a escola

Vocabulário: a professora, ele (o amiguinho), ela a (coleguinha), eu, você, mesa, giz, lápis, etc.

Atividades:

- Visitar a escola, enquanto o professor nomeia suas dependências:
 - *Esta é a cozinha.*
 - *Aqui está o banheiro.*
- Fazer um cartaz com a foto (destacável) e o respectivo nome da criança.

O professor indica cada foto e pergunta:

- *Quem é **ele** ?*
- *Quem é **ela** ?*

A criança indica.

O professor pergunta para cada criança:

- *Quem é **você** ?*

A criança responde **eu**, ou tenta **falar seu próprio nome**.

Coisas que eu como: os alimentos

Vocabulário: leite, café, pão, bolo bolacha, arroz, feijão, ovo, carne, maçã, banana, tomate, batata, água, manteiga...

Atividades:

- O café da manhã - Dramatizar o café da manhã na sala de estimulação. Pedir à criança que puder, para trazer os elementos que fazem parte dessa situação real. Durante a refeição o professor aproveita para nomear os objetos e as ações.
 - *Olha o leite.*
 - *quer leite?*
 - *Pegue o leite;*
 - *Olhe o café.*
 - *Pegue o pão.*
- Inverter a situação acima. A criança pede os alimentos ao professor.

O professor solicita oralmente os alimentos, e o aluno deve mostrá-los ou apanhá-los.

- *onde está o pão?*
- ..., *passa o pão.*
- ... *eu quero pão.*

O professor mostra os alimentos e a criança deve tentar nomeá-los:

- *O que é isto?*
- *O que tem no bule?*
- *O que tem na sua xícara ?*
- Desenhar e pintar os alimentos e utensílios do café da manhã.
- Repetir as mesmas atividades sugeridas para o café da manhã ao dramatizar o almoço e o jantar, introduzindo o seguinte vocabulário: arroz, feijão, ovo, batata, tomate, água, maçã, banana, bife.
- Recortar e colar os alimentos:
 - do café da manhã

-do almoço

-do jantar



Que dia é hoje? O tempo

Vocabulário: hoje, ontem, amanhã, sol, chuva, chovendo, nublado, calor, frio.

Atividades

- Diariamente o professor mostra o calendário, risca o dia anterior e circunda o dia em que está, dizendo:
 - *Hoje é dia...*
 - *Hoje é terça-feira.*
 - *Hoje é quarta-feira.*
- Diariamente o professor mostra como está o tempo e pergunta:
 - *Hoje tem sol?*
 - *Hoje está chovendo?*
 - *Hoje está nublado ?*

- Depois de mostrar como está o tempo, um aluno coloca no **calendário** a carteira com a figura correspondente (sol, chuva, nuvens, etc.)
- Utilizando fichas com as palavras **ontem, hoje e amanhã**, o professor as **nomeia**, relacionando-as com os dias correspondentes no calendário.
- Utilizando fichas com gravuras indicando **calor e frio**, o professor as nomeia, relacionando-as à temperatura do dia.
- Observar relógios marcando horas exatas, associando atividades da vida diária: hora de acordar, hora de tomar café, hora de ir à escola, hora de almoçar, hora de brincar, hora de jantar, hora de dormir.

Coisas que eu vejo: os brinquedos

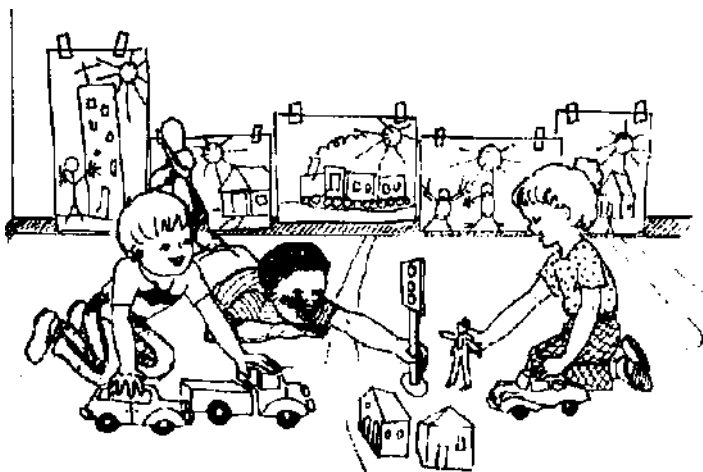
Vocabulário: bola, boneca, carro, trem, etc.

Atividades:

- Deixar a criança manusear livremente os brinquedos, verbalizando a situação e participando das brincadeiras.
 - *Maria, olha a **bola**.*
 - *Pega a bola.*
 - *José, joga a **bola**.*
 - *A **bola** pula.*
 - *Dá a bola.*
 - *Chuta a bola.*
- Pedir para a criança trazer brinquedos de casa e, na sala, formar o "Cantinho do Brinquedo".
- Brincar com os carrinhos no chão, imitando o barulho do motor.
- Desenhar ruas, montar cartelas com os sinais de trânsito e fazer a criança movimentar os carrinhos respeitando os sinais.

A mesma atividade, com o trem.

- Brincar "de casinha".



Coisas que eu vejo: os animais

Vocabulário: cachorro (au - au), gato (miau), vaca (mu - mu), passarinho (piu - piu), cavalo (upa - upa ou estalar a língua), galinha (có-có), pato - (dependendo da emissão e da idade da criança, serão utilizadas as onomatopéias).

Atividades:

- Observar um gato ou outro animal e imitar a sua voz.
Vendo o gato mostrar suas características:

- *Maria olha o gato!*
- *O gato faz **miau!***
- *O gato tem rabo!*
- *Vamos passar a mão no **gato?***

Na sala de estimulação o professor deve trabalhar com bichinhos de plástico, verbalizando a situação.

- *Esta é a vaca!*
- *A vaca faz mu - mu!*
- *A vaca dá leite.*

- Realizar um passeio ao Jardim Zoológico.

Na sala de aula, a criança desenha os animais que viu no Jardim Zoológico.

Utilizando gravuras e bichinhos de plástico, a criança identifica os animais ou suas vozes.

Dramatizações com a emissão das vozes dos animais:

- andar como cachorro e latir, bater as asas e cacarejar, etc.



- Recortar e colar animais.
- Recortar e colar animais que voam.
- Recortar e colar animais que não voam.

Como, quanto e onde:

- as cores

Vocabulário: azul, vermelho, amarelo.

Atividades:

- Formar conjunto de objetos diferentes, mas com a mesma cor.
- Recortar e colar figuras da mesma cor.
- Formar, na sala de estimulação, o "cantinho de azul", o "cantinho de amarelo", etc. onde a criança vai colocando os objetos/figuras da respectiva cor.

O professor vai mostrando e nomeando cartelas de cores diferentes.

- Distribuir um jogo de cartelas de cores diferentes para cada criança, a seguir mostrar uma cartela, e a criança que tiver a cartela da mesma cor do professor terá que mostrá-la.

O professor distribui as cartelas e pede à criança que mostre aquela que corresponde a cor pedida.

A mesma atividade, usando peças do vestuário:

- *Quem está com calça azul?*
- *Mostre aos colegas a calça azul.*
- *Quem está com camisa amarela?*
- *Mostre aos colegas a camisa amarela.*

- Descobrir as cores secundárias, pela superposição das cores primárias, através de pinturas com materiais diversos ou pela superposição de papel celofane de cores diferentes (azul + amarelo = verde)

Série Deficiência Auditiva - Fascículo 3

- Pedir para a criança procurar na sala objetos da cor pedida.
- Separar os "blocos lógicos" conforme a cor.

Como, quando e onde:

- as formas

Vocabulário/conceitos: quadrado, triângulo e círculo.

- Manusear, livremente, os blocos lógicos no chão.
- Deixar que a criança separe livremente os blocos lógicos de acordo com um ou mais atributos (cor, forma, tamanho, espessura).
- Fazer a criança separar os blocos lógicos de acordo com a forma:
ex.: pedir para separarem os quadrados.

A mesma atividade, pedindo para separar os círculos.

A mesma atividade, pedindo para separar os triângulos.

As mesmas atividades podem ser desenvolvidas com materiais diversos, como por exemplo: dados, caixa de fósforo, botões, toquinhos de madeira, palitos de sorvete, tampinhas, copinhos de plástico, etc.

Como, quanto e onde:

- tamanho

Vocabulário/ conceitos: grande, pequeno, igual, diferente.

Atividades:

- Separar cubos ou outros objetos de acordo com o tamanho: grandes, pequenos.
- Formar conjuntos de objetos grandes.
- Formar conjuntos de objetos pequenos.
- Mostrar desenhos do mesmo objeto, grande e pequeno, e pedir para a criança indicar e pintar o objeto grande.

A mesma atividade, pedindo para a criança indicar e pintar o objeto pequeno.

- Desenhar na lousa, diversas figuras, de tamanhos diferentes, e pedir

para a criança apontar as figuras grandes e as figuras pequenas.

- Mostrar desenhos que reproduzam várias vezes o mesmo objeto, e uma vez um objeto diferente: pedir para a criança apontar e pintar o objeto diferente.
- Mostrar desenhos que reproduzam vários objetos iguais e alguns diferentes; pedir para mostrar os objetos iguais.

Como, quando e onde:

-quantidade".

Vocabulário/conceitos: muito, pouco.

Atividades:

- Separar conjuntos com **muitos** objetos.
- Separar conjuntos com **poucos** objetos.
- Separar pedrinhas, sementes ou outros objetos, colocando-os em caixas, identificando a seguir a caixa que contém muito ou poucos objetos.

Como, quando e onde:

-lugar

Vocabulário /conceitos: aqui, lá, em cima, embaixo.

Atividades:

- Obedecer ordens emitidas pelo professor:
 - *João, venha aqui.*
 - *Maria, vá lá.*

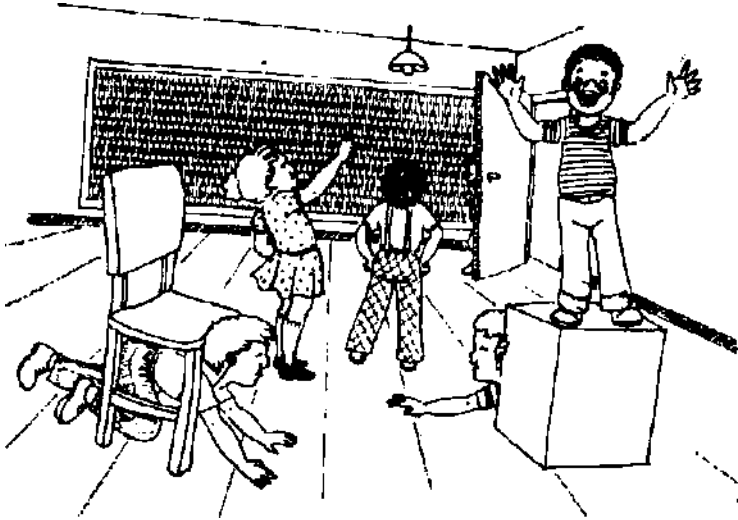
O professor mostra um objeto ou figura que está perto e um objeto ou figura que está longe e diz:

- *A bola está aqui.*
- *O pato está lá.*

O professor pega uma bola e a coloca em cima da mesa e diz:

- A bola está em **cima** da mesa.

A mesma atividade com a bola **embaixo** da mesa.



2. ÁREA PSICOMOTORA

Objetivos:

- . *desenvolver a adaptação ao espaço físico e humano da escola;*
- . *estimular o desenvolvimento da coordenação motora global;*
- . *estimular o desenvolvimento da fixação ocular;*
- . *estimular o desenvolvimento da habilidade de apreensão fina;*
- . *estimular o desenvolvimento viso-manual;*
- . *estimular o desenvolvimento do esquema corporal;*
- . *estimular o desenvolvimento do equilíbrio estático e dinâmico;*
- . *estimular o desenvolvimento da capacidade de tencionar e relaxar;*
- . *estimular o desenvolvimento da capacidade de rolar, sentar, engatinhar;*
- . *estimular o desenvolvimento da independência de locomoção (andar, correr, subir, descer);*
- . *estimular o desenvolvimento da coordenação bimanual;*
- . *adquirir controle de respiração;*
- . *favorecer a percepção do fator "tempo";*
- . *favorecer a percepção do fator "espaço".*

2.1. PSICOMOTRICIDADE

A psicomotricidade constitui o estudo relativo às questões motoras e psico-afetivas do ser humano. A mesma seria o ponto de encontro entre a expressão motora (o que a pessoa faz) e a característica pessoal-emocional de cada ser humano (o que a pessoa sente).

O corpo é o seu ponto de referência e o seu interesse objetivo de estudo. As alterações corporais constituem-se, assim, no motivo das suas pesquisas e no da sua intervenção.

A psicomotricidade será, dessa forma, um tipo de psicoterapia de índole corporal.

As atividades propostas são apenas sugestões. O professor deve adequá-las a cada criança, respeitando a etapa de desenvolvimento em que ela se encontra. A estimulação psicomotora faz parte do contexto de estimulação global de uma criança surda ou não.

Aqui foram traçadas algumas sugestões de atividades a serem desenvolvidas com os bebês de zero a trinta e seis meses.

Essas atividades de psicomotricidade objetivam:

- . oferecer à criança adequadas experiências corporais, para que ela chegue à percepção de si mesma e da relação que pode ter com o espaço físico e humano que a rodeia

Idade: 0 a 2 meses

Objetivos:

1. Desenvolver o equilíbrio da cabeça.
2. Em decúbito prono (de bruços) girar a cabeça para os lados.
3. Em supino, (deitado) erguer a cabeça momentaneamente do plano horizontal.
4. Desenvolver a fixação ocular.
5. Perseguir visualmente um objeto.

Atividades relativas aos:

Objetivo 1: Ofereça estímulos para que a criança movimente a cabeça nas posições prono e supino - seguindo um objeto em diferentes direções: da esquerda para a direita; de cima para baixo; de baixo para cima.

Objetivos 1 e 3: Criança em supino, segurar suas mãos, dando apoio a cabeça, tracioná-la para sentar. Voltar à posição deitada, mantendo apoio na cabeça.

Objetivos I e 2: A criança deve ser colocada em posição prono. Usando estímulos sonoros, estimular a criança a girar a cabeça para os lados e erguê-la do plano horizontal, força nos braços. - Colocar a criança no colo de braços e estimulá-la a erguer a cabeça. - A mãe deve ficar e colocar a criança deitada de braços sobre ela, de maneira que possa, deitada, sentir a vibração da voz da mãe.

Objetivos 4 e 5: Colocar a criança em supino para estimular a fixação do olhar no rosto humano (usar mímicas faciais). Partindo da fixação ocular (linha média de visão), estimular a criança a seguir com os olhos o movimento lento do rosto humano, partindo do meio para a direita, retornando ao meio e seguindo para esquerda. Seguir objetos-estímulos.

Recursos

- Chocalho brilhante;
- rosto humano;
- voz humana.

Idade: 2 a 4 meses

Objetivos:

1. Adquirir controle completo dos movimentos da cabeça.
2. Erguer a cabeça em decúbito prono, do plano horizontal e mantê-la.
3. Apoiar sobre os cotovelos, quando em decúbito prono.
4. Segurar voluntariamente objetos. Preensão cúbito-palmai.
5. Perseguir visualmente um objeto em todos os planos 180 graus.

Atividades relativas aos:

Objetivo 1: Colocar a criança em supino, segurá-la pelas mãos, e estimulá-la a sentar, fazendo uma tração nos membros superiores. Inicialmente proteger a cabeça. Estimular com o som da voz humana, chamando-a pelo nome.

Objetivo 2 e 3: Colocar a criança em posição prono e estimulá-la a erguer cada vez mais a cabeça do plano horizontal

Objetivo 4: Colocar na mão do bebê objetos pequenos, chocalhos, bichos de borracha e deixar levá-los à boca.

Objetivo 5: Estimular o bebê a seguir lentamente um objeto num arco de 180 graus.

. Seguir o rosto humano.

Recursos

- Chocalhos;
- bichos de borracha;
- rosto humano;
- brinquedos coloridos e atraentes.

Idade: 4 a 6 meses

Objetivos:

1. Sentar com apoio.
2. Desenvolver a preensão voluntária de objetos - Preensão palmar.
3. Coordenar os movimentos mão-objeto/objeto-boca.
4. Sentar sem apoio momentaneamente.
5. Rolar sobre si mesmo.
6. Desenvolver músculos das extremidades e distribuir o peso do corpo nos pés.

Atividades relativas aos:

Objetivo 1: Colocar a criança em supino. Estimulá-la a sentar chamando-a pelo nome, dando apoio às duas mãos. Tracioná-la levemente (criança deve ajudar, trazendo a cabeça);

3. Arrastar.
4. Transferir objetos de mão. Bater um contra o outro.
5. Engatinhar.
6. Desenvolver o movimento de pinça inferior.
7. Segurar um objeto em cada mão.
8. Bater com o objeto. Sacudir o chocalho.

Atividades relativas aos:

Objetivos 1 e 2: - Fazer a criança passar da posição de deitada para sentada, mantendo as pernas esticadas e dando apoio ora na mão direita, ora na mão esquerda (a mão livre faz apoio no chão para ajudá-la a erguer-se)

- Segurá-la pelas axilas e estimular apoio nos pés.

- Estimular o molejo, flexionar e estender os joelhos.

Objetivo 3: - Colocar o bebê de bruços e usando brinquedos atraentes, colocados a distância, estimulá-lo a pegá-los - Deitar no chão e colocar-se na frente da criança e chamá-la pelo nome, mostrando brinquedos atraentes. A criança também pode ser colocada num pequeno plano inclinado, cabeça mais baixa que os pés. Estimular o arrastado. Pode-se também dar um ligeiro apoio nos membros inferiores, favorecendo o movimento de flexão dos joelhos.

Objetivos 4, 6, 7 e 8 - Pequenos objetos serão usados para a transferência de mão. Estimular o bater um objeto contra o outro, dando ao bebê objetos iguais nas duas mãos. Usar objetos que produzem ações interessantes quando manuseados pelo bebê. Oferecer ao bebê, um terceiro objeto, quando estiver com as duas mãos ocupadas. Dar ao bebê oportunidade de brincar livremente com objetos pequenos.

Objetivo 5. - Tão logo o bebê se arraste, tentar colocá-lo na posição de quatro (engatinhar) e balançá-lo para frente e para trás.

Recursos

- Brinquedos atraentes;
- pequeno plano inclinado;
- chocalhos;
- cubos de papelão;
- brinquedos de borracha com assobio;
- caixas de fósforo;
- argolas.

Idade: 8 a 10 meses

Objetivos:

- 1 - Engatinharem padrão cruzado.
- 2 - Sentar com equilíbrio perfeito de tronco e liberação de membros superiores.
- 3 - Segurar objetos numa só mão.
- 4 - Erguer-se com apoio na posição de pé.
- 5 - Trocar de posições: sentado para engatinhar e de engatinhar para sentado.
- 6 - Dar alguns passos com apoio bilateral.

Atividades relativas aos:

Objetivo 1: Com apoio em 4 pontos(engatinhando), balançar a criança para frente, lentamente, usando brinquedos interessantes; estimular o engatinhar. Engatinhai" na frente da criança, chamando-a pelo nome para perto de si.

Colocar uma toalha de banho, passando pelo abdômen da criança na posição de engatinhai; segurar a toalha nas pontas e estimular o engatinhado.

Gradativamente deixar a criança manter o peso do corpo nas mãos e nos joelhos e não na toalha.

Objetivo 2: Colocar a criança sentada; segurá-la no quadril (por trás) e balançá-la para frente, para direita, para esquerda, deixando os membros superiores livres, estimulando assim as reações de equilíbrio de tronco.

Objetivo 3: Dar a criança objetos pequenos que possam ser levados à boca sem perigo. Estimular a criança a segurar dois objetos numa só mão, oferecer-lhe um terceiro objeto.

Objetivo 4 e 6: Colocar a criança de pé, mantendo os joelhos em extensão(apoiados), abaixar e levantar o tronco, com apoio ora na mão direita, ora na mão esquerda.

- Usar caixas de papelão ou madeira, cheias de brinquedos, estimular a criança a erguer-se, com apoio na caixa, para alcançar os brinquedos.

- Dar apoio nas duas mãos da criança, estimulá-la para alcançar os brinquedos.

- Dar apoio nas duas mãos da criança, estimulando-a a dar pequenos passos.

Objetivo 5: Estimular a criança a trocar de posição no espaço: estando sentada chamá-la para perto de você. Usar brinquedos atraentes, quando se aproximar engatinhando, estimulando-a a sentar-se para brincar.

Idade: 10 a 12 meses

Objetivos:

- 1 - Erguer-se com apoio nos móveis.
- 2 - Dar passos com apoio nas duas mãos.
- 3 - Manter-se de pé com apoio numa só mão.

- 4 - Girar e inclinar a cabeça na posição sentada.
- 5 - Realizar a pinça superior.
- 6 - Dar passos com apoio numa só mão.
- 7 - Ficar de pé sozinho.
- 8 - Usar o indicador.
- 9 - Fazer garatujas. Folhear livros. Rasgar folhas, amassar.

Atividades relativas aos:

Objetivos 1, 2, 3, 6 e 7: Em ambiente adequado, e/ou usando seu próprio corpo de adulto, estimular a criança a erguer-se com apoio (usando móveis ou o corpo do adulto).

- Ajoelhar-se na frente da criança, dar apoio, nas duas mãos e estimulá-la a caminharem sua direção. Alternadamente dar apoio, ora na mão direita, ora na mão esquerda.

- Encostar a criança num canto formado por duas paredes; estimulá-la a deslocar-se apoiando na parede.

Objetivo 4: Estando a criança sentada, colocar seus brinquedos afastados ligeiramente, para que ela gire e incline o tronco para alcançá-los.

Objetivo 5: Oferecer a criança objetos pequenos; estimulá-la a pegá-los usando o polegar e o indicador.

Objetivo 8 e 9; Estimular a criança a pegar pequenas migalhas usando o indicador. Mostrar figuras conhecidas num livro infantil, apontando com o indicador, estimulando-a a imitar você. Pedir-lhe para mostrar-lhe: o Au-Au, o Miau, etc.

- Fixar uma folha de papel no chão e estimulá-la a fazer garatujas com lápis estacas.

- Deixar a criança folhear livros e revistas.
- Deixar a criança a rasgar folhas de revistas: estimulá-la a amassar com as mãos as folhas rasgadas.

Idade de 12 a 15 meses

Objetivos:

- 1 - Desenvolver habilidades para marcha, subir e descer escadas engatinhando.
- 2 - Desenvolver habilidades de preensão fina.
- 3 - Desenvolver equilíbrio estático/dinâmico.
- 4 - Desenvolver coordenação viso-motora.

Atividades relativas aos:

Objetivo 1 e 3: Estimular a criança a manter-se de pé inicialmente com apoio e gradativamente retirar o apoio. Deixar a criança andar empurrando cadeiras.

- Estimulá-la a subir e descer dos móveis.
- Deixar a criança sentar em cadeiras pequenas.
- Fazê-la andar segurando um bastão, você segurando na outra ponta.
- Encostar a criança na parede; ajoelhar-se à sua frente, chamá-la, convidá-la a chegar até você andando. Aumentar gradativamente a distância entre vocês.
- Levá-la ao parque ou quintal e deixá-la andar descalça na terra e na grama.
- Oferecer-lhe oportunidade de subir escadas engatinhando.
- Continuar usando caixotes de madeira onde guarda seus brinquedos, para favorecer a manobras de abaixar-se e erguer-se.

Objetivo 2: Brincando junto com a criança, usar objetos pequenos como: cubos de madeira, macarrão cru (diversas formas), etc.

- Oferecer-lhe livros e revistas para folhear.

Objetivo 4: Utilizar jogos de lançar e receber bola.

- Utilizar jogos de encaixe.
- Dar atividades de golpear com uma finalidade.

Recursos

- cadeira grande;
- cadeira pequena;
- caixotes de madeira com brinquedos dentro;
- escadade madeira;
- macarrão cru;
- livros de folhas grossas e gravuras infantis;
- bolas;
- encaixes;
- bate estacas.

Idade: 15 a 18 meses

Objetivos:

- 1 - Desenvolver as habilidades de marcha e de subir escadas.
- 2 - Desenvolver condutas motoras básicas.
- 3 - Desenvolver coordenação viso-motora, habilidades manuais.
Preensão do lápis com toda a mão.
- 4 - Desenvolver independência.

Atividades relativas aos:

Objetivo 1,2 e 3: Continuar a estimular a marcha, o subir e o descer escadas, usando apoio numa só mão.

- Estimulá-la a transportar pequenos objetos. Usar carrinhos para serem puxados por corda, estimulá-la a empurrar carrinhos.

-Brincar de pegar, estimulá-la a correr. Continuar levando-a para andai descalça na terra e na grama.

- Colocar a criança numa pequena altura, dar-lhe apoio nas duas mãos e estimulá-la a pular com os pés simultaneamente. Fazer a criança caminhar entre obstáculos, sem tocá-los. Deixar a criança andar por todos os lados, abrindo, fechando portas e gavetas, retirando e guardando seus brinquedos. Estimulá-la a chutar bola.

Objetivo 3: Continuar os jogos de lançar e receber bola; jogar a bola numa caixa. Oferecer jogos de encaixe, construção simples com blocos de madeira. Dar para a criança lápis estaca para praticar as garatujas espontâneas, estimular a imitação de traços verticais e horizontais. Fixar o papel.

Recursos:

- blocos de madeira;
- carrinhos para puxar e empurrar;
- caixas de papelão, tacos de madeira (usados como obstáculos);
- bolas;
- jogos de encaixe;
- papel;
- lápis estaca.

Idade 18 a 21 meses

Objetivos:

- 1 - Desenvolver habilidades para correr: equilíbrio e coordenação motora.
- 2 - Desenvolver habilidades manuais, persistir na preensão do lápis com toda a mão.
- 3 - Desenvolver coordenação viso-motora.
- 4 - Adquirir independência.

Atividades relativas aos:

Objetivo 1: - Continuar as atividades que estimulam os movimentos amplos. Brincar de esconder, de pegar, apostar corrida.

- Andar entre obstáculos sem esbarrar.
- Subir e descer escadas.
- Estimular a brincar na posição de cócoras.
- Continuar os exercícios de saltos com os dois pés juntos, apoio nas duas mãos (do alto para o chão).

Objetivo 2 e 3: - Colocar a criança sentada em cadeira e mesa apropriadas ao seu tamanho e com os pés apoiados no chão. Fixar o papel, na mesa e estimular o manejo do lápis estaca: garatujas espontâneas, imitação de traços verticais e horizontais. Utilizar construção com blocos de madeira e cubos. Dar jogos de encaixe e de bate estaca.

Objetivo 4: - Favorecer a marcha, a corrida em ambientes amplos e seguros. Em caso de quedas pequenas, deixar a criança erguer-se sozinha..

- Estimular sua independência na habilidade de locomoção.

Recursos:

- obstáculos;
- escada;
- bola;
- cadeira e mesa apropriadas;
- lápis estaca;
- blocos de madeira;
- jogos de encaixe.

Idade: 21 a 24 meses

Objetivos:

1. Reforçar as condutas motoras básicas adquiridas.
2. Introduzir o hábito de altura.

3. Desenvolver a coordenação viso-motora e imitação de traços circulares.

Atividades relativas aos:

Objetivo 1 e 2: - Continuar a estimular as habilidades adquiridas como: andar, correr, subir e descer escadas. De mãos dadas fazer a criança andar em cima do banco e saltar para o chão (apoio nas duas mãos).

- Realizar grupos de corridas entre as crianças (premiar todos).
- Fazer brincadeiras de roda como o: "Atirei o pau no gato", estimulando a criança à posição de cócoras.
- Chutar a bola como nos jogos de futebol.
- Correr entre obstáculos.

Objetivo 3: - Estimular o rebater, utilizando balões, impulsionar o balão para o alto e estimular a criança a não deixá-lo cair.

Continuar as atividades com lápis estaca. - estimular a imitação de traços circulares.

Recursos:

- banco de madeira mais largo;
- bolas de vários tamanhos;
- papel;
- lápis estaca.

Idade: 24 a 36 meses

Objetivos:

1. Adquirir conhecimento das partes do seu corpo.
2. Adquirir habilidades de compreensão de ordens e imitação.

3. Desenvolver habilidades de imitação dos movimentos faciais.
4. Desenvolver a coordenação motora fina.

Atividades relativas aos:

Objetivo 1: - Ampliar seu conhecimento quanto às partes do corpo humano, pedindo para nomeá-las através de perguntas ou utilizando uma boneca.

Objetivo 2: - Através de brincadeiras, andar segundo ordens: para frente, para trás, para o lado. Realizar jogos imitativos como: andar feito sapo, pássaro, macaco, etc.

Objetivo 3: - Através de brincadeiras, fazer exercícios de movimentos faciais como fechar os olhos, abrir e fechar a boca, fazer caretas etc.

Objetivo 4: - Dar jogos de construção - materiais grandes. Só dar materiais pequenos após a criança ter aprendido a manipular os materiais grandes.

- *Empilhar*, encaixar, enfiar contas em um fio, enroscar, desenroscar, enrolar, amassar, torcer e pinçar.

- *Rasgar* papéis, picar, amassar papéis: essas atividades são as primeiras a serem dadas com o fim de preparar as crianças para recortes com tesouras.

- *Rasgar* papéis: devem ser utilizados diferentes papéis, de preferência jornal e revistas (começar com jornal).

- *Amassar* papéis - aproveitar os papéis rasgados e fazer bolas, aproveitando-as depois em jogos.

- *Picar* papéis: só quando as crianças conseguirem rasgar com facilidade é que se passa para a picotagem. Usar diferentes tipos de papéis (jornais, revistas, papel de-seda, papel sulfite etc). Nesta idade as crianças picam num dia e colam no outro.

- *Colagens*: numa primeira fase a finalidade é saber usar a cola. Deve-se usar materiais que não tenham avesso ou direito, por exemplo: jornais,

revistas, palitos grandes, papéis brancos, etc. Só depois que aprenderem a colar é que se deve usar papéis ou materiais de duas faces. A criança deve passar cola no material que vai ser colocado e não na folha de papel. Deve aprender gradativamente a quantidade de cola.

- *Recortes*: Quando as crianças estiverem picotando papéis com relativa facilidade, deve-se introduzir o uso da tesoura. Nesta primeira etapa, deve-se usar o jornal e a professora deve ensinar o modo correto de segurar a tesoura. Quando a criança estiver manipulando razoavelmente a tesoura, deve-se dar revistas. Ao perceber que as crianças estão conseguindo recortar cenas, deve-se dar uma gravura com três lados já recortados (pela professora) e fazer, no quarto lado, uma linha bem grossa, com pincel atômico, para a criança recortá-la.

- *Dobraduras*: A criança deverá dobrar papéis na horizontal e na vertical, sem auxílio da professora. Dar primeiro só a dobradura na horizontal. Quando a criança adquirir certa facilidade, deve passar a dobrar na vertical. Depois devem ser dadas as dobraduras na horizontal e na vertical, concomitantemente.

- *Encaixes*: Começar com objetos concretos em madeira que devem ser encaixados dentro dos lugares correspondentes, numa prancha também de madeira. Nesta fase, este encaixe deve ser feito apenas com figuras inteiras e de preferência usando-se formas geométricas simples: círculo, quadrado, triângulo.

Idade: 3 anos

Objetivos:

1. Desenvolver a coordenação dos grandes movimentos
2. Desenvolver a coordenação motora fina

Atividades relativas aos:

Objetivo 1: - Engatinhar, andar, correr, pular, chutar, jogar com as mãos, pegar, subir e descer escadas.

- Atividades livres: brincadeiras no pátio, tais como: escorregador, balanço, gira-gira, bola, corda.

- Atividades dirigidas e jogos:

. correr perseguindo um colega;

. correr dado um sinal, pegar um companheiro;

. saltar com os pés juntos, dando as mãos a um companheiro;

. saltar o mais alto possível;

. dar cambalhotas em colchonetes;

. jogos variados.

Objetivo 2: - Oferecer jogos de construção: fornecer jogos que exijam uma manipulação mais aprimorada, que envolvam mais os dedos do que as mãos. Ex.: pinos mágicos.

- *Atividades*: empilhar, encaixar, enroscar, desenroscar, enrolar, amassar, torcer e pinçar.

- *Picotageni*: picar diferentes papéis e colar num desenho.

- *Digital*: fazer bolinhas com os dedos, com papel picado. Nesta fase, o papel deve ser picado num dia e as bolinhas devem ser feitas no outro. O melhor papel para este exercício é o papel de seda.

- *Colagens livres*: com materiais diversificados tais como caixas de fósforos, botões, retalhos de pano e couro, palitos, macarrões, formas geométricas recortadas pela professora. Incentivar a criança a dosar a quantidade de cola usada. Quando conseguir fazer isto, pode dar o tubinho de cola.

- *Colagens dirigidas*: com canudinhos, feijões, milho, palito de fósforo, barbantes.

- *Recortes*: começar com recortes livres para verificar se a criança domina o uso da tesoura. Quando estiver usando a tesoura com facilidade, introduzir recortes dirigidos, seguindo a mesma ordem proposta para as colagens dirigidas.

- *Dobraduras*: Nesta idade a criança é capaz de fazer dobraduras na

horizontal, vertical e oblíqua, não muito complexas.

- *Encaixes*: dar encaixes de objetos concretos em madeira.

Obs.:

A divisão por faixa etária é dada com o objetivo de ajudar o professor a planejar suas atividades de acordo com a idade de seu aluno. Entretanto, devemos sempre respeitar o ritmo da criança.

As atividades devem estar sempre integradas com as outras áreas do desenvolvimento.

Programa Simplificado de Estimulação Precoce (0 a 12 meses)

0 a 1 mês:

Professor ou papai ou mamãe

- Aproveite o momento em que troca a fralda para fazer alguns exercícios com o bebê:

- . massageie suavemente o corpo do bebê;
- . converse com ele;
- . ponha o seu dedo na palma da mão do bebê para que ele o aperte, caso não consiga, ajude-o;
- . se ele apertar seu dedo, levante-o, pela mão, para que faça força;
- . **repita** o exercício com as duas mãos;
- . segure o bebê pelas mãos e vá levantando-o até a posição sentada. Volte até deitá-lo. Repita 3 vezes, não tem importância se ele ainda não mantém a cabeça em pé.

- Quando alimentar o bebê:

- . coloque bem a mamadeira na boca do bebê, porque ao sentir o bico com a língua e o palato, aprenderá a chupar melhor;

- . aproveite o momento da alimentação para lhe fazer carinhos (toque as mãozinhas, o rosto) e conversar suavemente (não importa que não entenda);
- . cante suavemente;
- . acaricie as mãozinhas e os braços;
- . repita sons: aaa, uu, uu. etc.

- Entre as horas de amamentação:

Durante o primeiro mês, a criança passa a maior parte do dia dormindo, porém quando ele estiver acordado:

- . deite-o em diversas posições; de um lado, de outro, de costas, de bruços; sem travesseiro;
- . mantenha o ambiente tranquilo, durante o sono do bebê, porém ele deve se habituar com os ruídos normais;
- . mostre e mova lentamente objetos de cor viva (vermelho, azul, amarelo e verde), para que acompanhe com o olhar;
- . para melhor desenvolvimento da visão, pendure um mobile, ou objeto colorido onde ele possa olhar.

1º mês:

- Enquanto troca a fralda ou dá banho no bebê:

- . repita os sons que a criança emite. Por exemplo: "aa", "g", etc.
- . coloque a criança de costas para que mova os braços e as pernas. Segure suas mãos, junte-as e depois separe-as. Faça isto várias vezes;
- . segure as pernas do bebê, estique-as e dobre-as suavemente;
- . segure as pernas do bebê, e mova-as suavemente para cima, sem dobrar os joelhos; depois abaixe-as devagar;
- . segure a criança de maneira que ela se sinta segura durante o banho e deixe que desfrute da água um pouco, uma vez que o banho é

importante para o bebê, não só pela higiene mas também como brincadeira e exercício.

- . experimente diversas atividades na hora do banho: esfregue-lhe as costinhas com uma esponjinha, faça o mesmo com os bracinhos e pernas, enquanto faz isto vá conversando com o bebê, pronuncie seu nome com frequência, e estimule-o a manter um contato com o olhar, à medida que você vai falando com ele;
- . faça um rolo com uma toalha. Ponha a criança de bruços, com o rolo na altura do peito e os braços por cima do rolo. Segure-o pelos quadris, empurre-o devagarinho para frente e para trás.

- Quando alimenta o bebê:

- . ponha a criança no colo para lhe dar a mamadeira porque a criança necessita não só de alimento como também de carinho, de ouvir a voz de alguém, de ser embalada.
- . não deixe de pronunciar o nome do bebê e estabelecer contato com o olhar e sorria para ele com frequência.

- Entre as horas de alimentação:

- . deixe o bebê, todos os dias, durante pouco tempo, de bruços;
- . amarre um barbante na cama do bebê, de maneira que quando esteja deitado de costas, possa tocá-lo com suas mãos. Pendure um chocalho. Se não tiver nenhum, improvise, coloque arroz em um frasco pequeno e bem tampado;
- . quando a criança estiver deitada de costas na cama, mostre-lhe um objeto de cor viva. Espere que ela se fixe bem no que você está mostrando e mova lentamente o objeto para um lado, fazendo com que ele siga com o olhar. Faça o mesmo para o outro lado. Repita várias vezes.

2ª mês:

- Entre as horas de alimentação:

- . coloque objetos novos pendurados no barbante que você prendeu na cama, para que o bebê possa olhar e bater com as mãozinhas. Por exemplo: colheres de plástico, tampas coloridas, argolas, etc;
- . escure a criança com travesseiros ou roupas e deixe-a um pouco mais levantada. De vez em quando chame-a pelo nome ou faça barulho para que ela olhe;
- . segure qualquer objeto que chame a atenção da criança. Faça com que o siga com o olhar, movendo-o lentamente para cima e para baixo de um lado para o outro.

- Quando alimenta o bebê:

- . Enquanto você alimenta o bebê, deve fazer pausas para que ele arrote. Este momento pode ser aproveitado de várias maneiras:
- . levantar e passear, levando-o para perto de diversos objetos para que olhe;
- . dar tapinhas em suas costas;
- . conversar e sorrir para ele.

- Enquanto troca a fralda ou dá banho no bebê:

- . coloque alguma coisa nas mãos da criança enquanto troca suas roupas (ponta de fralda, chupeta etc);
- . depois de tirar a roupa deixe-o mover as pernas livremente. Se estiver frio, esses exercícios podem ser feitos sem tirar-lhe toda a roupa.

3"mês:

- Enquanto troca a fralda ou dá banho no bebê:

- . sorria e demonstre alegria pelas coisas que o bebê está aprendendo (quando leva a chupeta à boca, quando agarra alguma coisa, etc);
- . se você vai buscar alguma coisa chame-o para que ele o acompanhe com o olhar;
- . aproveite este momento para brincar de "esconder" com ele. Coloque uma fralda limpa, por pouco tempo, sobre o rosto dele, retire e demonstre alegria quando ele aparecer. Cubra também o seu rosto com a fralda, reaparecendo e dizendo "Oi!", demonstre alegria e surpresa;
- . na hora de mudar as fraldas, levante com cuidado, os pés do bebê até que ele os veja e depois, vá abaixando-os lentamente, para que acompanhe o movimento com o olhar;
- . cante para o bebê.

- Quando alimenta o bebê

- . a criança deve tocar, segurar e soltar a mamadeira enquanto mama. Para isso suas mãos devem estar livres e descobertas:
- . coloque a chupeta na mão do bebê, para que ele mesmo leve à boca.

- Entre as horas de alimentação:

- . os bebês aprendem a respeito dos objetos que os cercam, levando-os a boca ou pegando-os, ou seja, sentindo os objetos em suas próprias mãos e na boca;
- . ponha o chocalho na palma da mão do bebê e ajude-o a agarrá-lo.

Em seguida, erga-lhe a mãozinha à altura do rosto e agite levemente o chocalho para que ele perceba que, ao agitá-lo, ele irá produzir um som;

- . as crianças gostam de qualquer coisa desde que possam chupar, tocar, olhar. Não precisam ser brinquedos comprados; podem ser objetos variados como: colher de pau, tampas de frascos grandes, potes de plástico, etc;
- . deixe a criança, de vez em quando, deitada de bruços, para que exercite levantar a cabeça e o peito.

4º mês:

- Enquanto troca a fralda ou dá banho no bebê:

- . mova as pernas do bebê como se ele estivesse andando de bicicleta;
- . faça a criança sentar, segurando as suas mãozinhas. trazendo a cabeça junto com o corpo, isto é, não deixando a cabeça cair para trás;
- . converse com a criança sobre a atividade que é feita com ela naquele momento;
- . faça com que o banho seja agradável para ela. Segure-a com firmeza em diversas posições, deixando-a explorar o que seu corpo pode fazer dentro da água e estimulando-a a fazer movimentos com as pernas e bracinhos na água.

- Entre as horas de alimentação:

- . quando a criança ficar sozinha, você deve colocar várias coisas perto para ela se entreter. Amarre um ou dois objetos na cama com um barbante. Deixe objetos que a criança possa pegar, morder e chupar;

- . mude o bebê de lugar quando possível. Se ele já se apoia bem nas costas, deixe-o recostado durante alguns minutos. Assim ele vai olhar diversas coisas;
- . ligue aparelho sonoro como rádio, vitrola ou gravador, com música e falas suaves e em volume adequado;
- . Forre o chão com uma colcha, lençol ou cobertor. Coloque o bebê em cima, junto com algum objeto que ele goste, e deixe-o mover-se livremente;
- . ponha a criança em frente a um espelho, durante um tempo curto, para que se olhe;
- . ponha uma fralda no rosto do bebê para que ele a tire. Você também pode esconder seu rosto ou se esconder atrás de algo.

- Quando alimenta o bebê:

- . o bebê também sente fome de carinho. Aproveite os momentos em que ele se alimenta para:
 - . sorrir-lhe;
 - . falar-lhe. Quando falar com o bebê seja expressiva, embora ele não entenda as palavras, irá aprender que a gente fala diferente quando está alegre, cansada, triste. E irá também aprender que as palavras servem para transmitir uma mensagem;
 - . cantar uma canção.

5º mês:

- Enquanto troca fralda ou dá banho no bebê:

- . se não estiver frio, retire toda a roupa do bebê e deixe-o movimentar-se livremente;
- . passar objetos de texturas diferentes na palma da mão e na sola dos pés (escova, esponja, sabonete, etc).

- Quando alimenta o bebê:

- . enrole algumas vezes a mamadeira com a fralda ou outros tecidos de texturas diferentes estimulando a criança a segurá-la;
- . acaricie a criança enquanto ela mama.

- Entre as horas da alimentação:

- . quando a criança está acordada, deve ficar recostada num lugar onde possa olhar à sua volta e movimentar livremente os braços;
- . deixe perto diversos objetos, de diversas formas, e, de preferência, que façam ruídos diferentes, como por exemplo, potes de plástico, colheres de pau, garrafas de plástico com alguma coisa dentro (bem fechada);
- . ponha música para ele ouvir;
- . leve o bebê para passear pelo ambiente, dentro e fora para que observe as coisas que o cercam;
- . repita os sons que ele emite.

6º mês:

- Quando alimenta o bebê:

- . com o tempo a criança terá que aprender a comer sem ajuda, apesar dela aprender aos poucos, alguma coisa ela já pode fazer. Deixe-a tentar;
- . dê a mamadeira para que ela a segure com as próprias mãos;
- . deixe que tire do prato com os dedos, pedacinhos de comida ou pão e os leve à boca;
- . dê uma colher para que vá aprendendo a segurá-la;

- Enquanto troca a fralda ou dá banho no bebê:

- . aproveite a hora de trocar a Traída ou dar banho, não só para fazer a higiene do bebê, mas lambem para acariciá-lo. O carinho demonstrado por você ao tocá-lo é indispensável para que ele se sinta querido e aprenda a querer;
- . em cada parte do corpo que você limpar, faça uma pequena massagem;
- . enxugue-o suavemente, sem esfregar;
- . cante para ele;
- . repila os sons que ele emite.

- Entre as horas de alimentação:

- . mostre algum objeto de interesse da criança. Quando ela fixar o olhar, movimente o objeto para um lado e para o outro, para cima e para baixo, para que ela o acompanhe com o olhar;
- . deixe cair o objeto no chão para que o bebê siga o movimento do mesmo com o olhar;
- . quando ele estiver recostado na cama, role uma bola rapidamente para ele;
- . esconda algum objeto grande, uma bola por exemplo, embaixo de uma fralda para que ele descubra;
- . tape um objeto com um pedaço de pano e mostre à criança onde está, fazendo barulho ou movimentando-o embaixo do pano. Pode deixar parte do objeto de fora;
- . coloque-o no chão de bruços e deixe que ele se arraste e tente engatinhar;
- . deixe que ele se olhe num espelho;
- . mude-o sempre de lugar para que olhe coisas diferentes.

7" mês:

- Entre as horas da alimentação:

- . leve a criança para passear do lado de fora da sala. etc.;
- . ajude-a a ficar de pé. apoiando-se em cadeiras, cama ou outro móvel;
- . tire dela um objeto com o qual esteja brincando e coloque-o mais adiante para que vá buscá-lo;
- . dê à criança um objeto para segurar em uma das mãos; dê outra coisa para ocupar a outra mão. Quando ela estiver com as duas mãos ocupadas, dê-lhe outro objeto que goste muito. Deixe que ela mesma "solucione" o problema. Terá que segurar dois objetos com uma mesma mão ou soltar um objeto para pegar o outro;
- . a criança nesta idade, gosta de imitar gestos. Brinque com ela de franzir o nariz, bater palmas, levantar os braços, etc.

- Quando alimenta o bebê:

- . diga ao bebê o nome das coisas que o cercam, mostrando-as: maçã, pão, ovo, copo, prato, etc. Procure estabelecer um diálogo com a criança: - Olhe o que o bebê vai comer agora, uma maçã.
- Vamos pegar o copo?
- Tome aqui a sua colher. A criança não irá responder, isso não importa no momento. Fale o nome correto das coisas. Por exemplo, se você se refere ao sapato nunca diga "papato".

- Enquanto troca a fralda ou dá banho no bebê:

- . aproveite estes momentos para tocar e falar o nome das partes do corpo do bebê, por exemplo:
- Agora nós vamos lavar as mãos do bebê.
- Vamos lavar os pés?, e assim por diante.

8º mês:

- Entre as horas de alimentação:

- . como você não pode passar todo o tempo com a criança e ela precisa também se entreter sozinha, separe numa caixa as coisas que lhe servem de brinquedo. Não precisam ser, necessariamente, brinquedos. Alguns objetos têm a mesma utilidade: latas, caixas, potes de plástico, roupas, objetos que provocam ruídos diferentes, objetos de cores diferentes (vermelho, verde, amarelo, azul), objetos de vários materiais (leves, ásperos, duros, moles, peludos), etc;
- . dê ao bebê objetos que possa colocar uns dentro dos outros (*não dê objetos que a criança possa engolir*);
- . faça alguns furos em uma caixa de sapatos. Feche a caixa. A criança poderá colocar vários objetos dentro da caixa através dos furos;
- . leve a criança para passear por outros ambientes, como por exemplo, cozinha, pátio, etc, assim ela terá oportunidade de ver outras pessoas, coisas novas, ouvir ruídos diferentes, tomar ar fresco, sentir odores, etc;
- . cante para ela, acompanhando a canção com gestos que possa imitar, bater palmas, levantar as mãos, dar adeus, etc

- Enquanto troca a fralda ou dá banho no bebê:

- . repita os exercícios anteriores;
- . faz bem à criança ficar nua ou com pouca roupa, de 3 a 5 minutos, para poder se movimentar, bater com as pernas, rolar em cima da cama, sentar, deitar, dar voltas por seus próprios meios, etc;
- . diga sempre o nome das partes do corpo as quais vai tocando. Quando tocar a mão, diga, "mão", quando tocar o pé, diga "pé", e assim por diante;
- . coloque alguns objetos na água do banho para que a criança brinque com eles (potes de plástico, rolhas, tampas, esponjas, etc).

- Quando alimenta o bebê:

- . dê pedaços de comida na mão da criança para que ela possa levá-los à boca;
- . ofereça-lhe a colher para que vá aprendendo a utilizá-la aceitando a sua maneira própria de fazer isto;
- . nomeie os alimentos e objetos durante o momento em que o bebê se alimenta, sempre estabelecendo uma comunicação afetiva com ele. Por exemplo:
 - O que o bebê vai comer?
 - Ah! O bebê vai comer o pão.
 - Vamos pegar a colher?
 - Olha que bonito, o bebê está comendo sozinho.
- . embora ele não possa repetir o que você diz, irá se familiarizando, desde cedo com o nome das coisas;
- . procure fazer com que o momento em que a criança se alimenta seja tranquilo. Se você estiver nervosa ou apressada, ela perceberá, ficará nervosa e não comerá bem.

9º mês:

- Quando alimenta o bebê:

- . recorde o que você aprendeu anteriormente;
- . a criança deve ir se acostumando a fazer certas atividades sozinha como, por exemplo, segurar o próprio copo, inicialmente com sua ajuda. Primeiramente dê-lhe um copo, ou caneca vazia, para que possa explorá-los e brincar, a fim de se familiarizar com o objeto;
- . após esta etapa, coloque um pouco de líquido na caneca e vá fazendo com que beba devagar. No início ela poderá tossir, morder as bordas da caneca e derramar líquido pelos lados da boca. Com a prática (alguns goles em cada refeição), ela aprenderá a coordenar os movimentos da boca com o ato de engolir. Mostre-lhe sempre

que você está contente com os esforços que faz para beber na caneca:

- . dê à criança um pedaço de pão ou de banana para que coma sozinha.

- Enquanto troca a fralda ou dá banho no bebê:

- . siga as mesmas orientações feitas para o mês anterior;
- . deixe que a água goteje sobre todo o corpo do bebê;
- . deixe-o brincar na água, fazendo movimentos com as perninhas e os bracinhos, para que sinta o efeito de seus movimentos.

- Entre as horas de alimentação:

- . siga as orientações dadas para o mês anterior;
- . dê à criança argolas de diversos tamanhos para que possa enfiar em um pino de madeira ou plástico;
- . dê à criança bolsas, caixas, carteiras, que **abram** de forma diferente (amarradas, com botão, com pressão). Coloque dentro algum objeto que goste e estimule-a para que abra sozinha;
- . amarre um barbante numa colher, ou outro objeto, e deixe-o de maneira que a criança não consiga agarrá-lo com a mão. Dê-lhe o barbante para que puxe e alcance o objeto. Repita várias vezes;
- . coloque um objeto na parte mais distante de uma fralda e estimule a criança para que puxe a fralda para alcançar o objeto;
- . é importante que a criança tenha um espaço seguro, onde possa movimentar-se. engatinhar, etc;
- . estimule o bebê a **ficar** de pé, firmando-se em alguém ou em alguma coisa. Segure-o para que dê passinhos.

10" mês:

- Enquanto troca a fralda ou dá banho no bebê:

- . lembre-se que a hora de mudar as fraldas é o momento mais adequado para fazer um pouco de ginástica. Deixe que fique nu por

alguns minutos. Deixe-o brincar livremente com seu corpo, pedalar, chupar, virar, segurar os pés, tocar os genitais, bater na barriga, olhar as mãos, sentar, engatinhar. É muito importante que a criança conheça seu corpo, sintá-lo, toque-o, veja-o;

- . lembre-se também que é bom que aprenda como se chamam as partes de seu corpo;
- . na hora do banho, siga as orientações dos meses anteriores.

- Quando alimenta o bebê:

- . coloque migalhas de pão sobre a mesa e estimule a criança para que as pegue com os dedos;
- . mostre a mamadeira e espere que a criança estique os braços para alcançá-la;
- . estenda a mão e peça à criança que lhe entregue alguma coisa que esteja segurando, ex.: "Me dá a mamadeira". "me dá a colher", "muito bem", etc;
- . dê a caneca com pequena quantidade de líquido para que beba, lembre-se das orientações do mês anterior.

- Entre as horas de alimentação:

- . favoreça e aplauda todas as tentativas da criança de ficar em pé e andar. Ajude-a, segurando suas mãos ou debaixo de seus braços ou deixe que se apoie nos móveis;
- . deixe que engatinhe e vá de um lado a outro. Se ainda não faz isto sozinha, coloque-a de bruços no chão com algum brinquedo diante dela, para estimulá-la a movimentar-se e alcançá-lo. Quando isto acontecer, elogie a criança, demonstrando satisfação;
- . esconda, diante da criança, um objeto dentro de uma caixa ou de uma lata, estimule a criança a procurá-lo;
- . coloque um objeto sobre a mesa ou cadeira e derrube-o "acidentalmente". Exclame: - *'Opa!,caiu !", com expressão facial rica, repita algumas vezes, verificando se a criança tenta imitá-la;
- . faça movimentos que a criança já saiba fazer para que ela imite, por

exemplo: franzir o nariz, levantar os braços, bater palminhas, mostrar a língua, etc.;

- . lembre que a criança não deve ficar sozinha muito tempo durante o dia. Deixe-a num lugar onde possa presenciar as atividades que você realiza;
- . coloque música para que a criança ouça.

Uºmês:

- Enquanto troca a fralda ou dá banho no bebê:

- . siga as orientações dos meses anteriores;
- . enquanto você leva o bebê para trocar a fralda, anuncie com voz alegre: "Está na hora de trocar a fralda do bebê". Ao combinar uma nova palavra com a ação, quando for pronunciada sem ser apresentada, terá um significado para ele;
- . procure a cooperação da criança na hora de vesti-la. Fale com ela enquanto o faz: "levante as pernas", "sente", "ponha a mão aqui", "levante os pés", etc.

- Quando alimenta o bebê:

- . a criança deve começar a comer sozinha com a colher. Deixe que vá aprendendo, aproveitando quando lhe der alimentos mais pastosos, purê ou mingau por exemplo;
- . peça à criança que lhe dê os objetos que está usando: "me dá a colher", "me dá o copo", "me dá a xícara". Quando lhe der a ordem, mostre o que quer que ela faça;
- . lembre-se de nomear os alimentos que você lhe serve, procure fazer isto em cada refeição, assim logo ela aprenderá os nomes dos alimentos.

- Entre as horas de alimentação:

- . repita as atividades descritas no 9º e 10º meses;
- . dê-lhe uma bola média para brincar;
- . embrulhe alguns objetos em papel para que ela os desembulhe;
- . faça com que a criança acompanhe o ritmo de uma música do rádio ou que você esteja cantando, batendo palmas ou improvise um tambor com uma colher de pau e uma lata ou panela;
- . não deixe o bebê muito tempo na cama, no cercado ou no carrinho, pois ele precisa exercitar-se para andar;
- . faça todo o possível para que a criança dê um passeio no ambiente externo, para que possa sentir o vento, ver as árvores, os passarinhos, etc;
- . dê ao bebê folhas de papéis variadas para que ele possa explorar. Evite usar jornal ou papel de seda colorido, pois tendem a soltar tinta. Ele irá examinar os papéis, agitando-os, dando tapinhas e amassando-os, deliciando-se com o ruído produzido e com a sensação que os mesmos oferecem. ***Vigie para que ele não engula pedaços de papel;***
- . cante com ele repetidas vezes, incluindo, quando possível, o nome dele na letra das canções infantis de que ele mais gosta. Os bebês gostam de ouvir rimas e palavras simples e procurarão acompanhar juntos a canção;
- . o bebê de um ano se envolve numa intensa atividade que combina com seu crescimento físico: ficarem pé, andar, arrastar, rolar, etc. Ele tem uma enorme energia e disposição que muitas vezes resultam em resistência a ir para a cama. Pegue-o no colo por alguns minutos e cante uma música calma, aconchegando-o. Lembre-se que não se deve excitar muito a criança nas horas que antecedem ao seu sono.

2.2. HIDRO-ESTIMULAÇÃO

Objetivos:

- . *adaptar-se ao meio líquido;*
- . *favorecer a .sociabilização: o sentimento de confiança no outro, a interação afetiva, a interação social, com vistas ao amadurecimento da segurança pessoal;*
- . *favorecer a aquisição de noções de limites e perigos no meio líquido;*
- . *deslocar-se de um lado para outro do meio líquido;*
- . *imersão;*
- . *submergir totalmente o corpo na água, com apoio fixo e, posteriormente, em apoio móvel;*
- . *controlar a respiração no meio aquático;*
- . *submergir totalmente o corpo, mantendo presa a respiração (inspiração e expiração);*
- . *flutuar;*
- . *relaxar e flutuar o tronco e as pernas horizontalmente com apoio fixo e, posteriormente, com apoio móvel;*
- . *iniciar o nado livre;*
- . *flutuar o tronco horizontalmente com movimentação alternada de pernas com apoio fixo;*
- . *deslizar de frente, com apoio, posteriormente, sem apoio, livremente, flutuando com batidas de pernas alternadas;*
- . *coordenar, rudimentarmente, a braçada e peruada, de modo livre com apoio fixo e em seguida, com apoio móvel;*
- . *nadar, elementarmente, o nado livre, sem ajuda, sem apoio, primeiro sem e depois com técnica;*
- . *iniciar o nado de costa;*
- . *saltar de pé da borda da piscina, com submersão total do corpo;*
- . *mergulhar, rudimentarmente.*

3. METODOLOGIAS ESPECÍFICAS AO ENSINO DE SURDOS:

ANÁLISE CRÍTICA

Ana Dorziat¹

Diante da necessidade de maiores reflexões sobre as formas mais apropriadas de viabilizar um ensino de qualidade para as pessoas surdas, é importante trazer para discussão uma visão mais crítica sobre as principais correntes metodológicas utilizadas em sala de aula, que enfoque não apenas os procedimentos adotados mas, realize uma análise sobre as vantagens e desvantagens existentes em cada uma, tendo em vista as particularidades inerentes à surdez.

Apesar das diferentes opiniões que dividem e subdividem as metodologias específicas ao ensino de surdos, em termos de pressupostos básicos existem três grandes correntes: o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilingüismo.

Desde o início do ensino formal, os profissionais envolvidos com as pessoas surdas têm centrado seus esforços no estudo e debate sobre procedimentos que privilegiassem ou não a linguagem gestual. Essa preocupação está sempre relacionada a duas considerações: a de que a grande parte dos **professores** de surdos são ouvintes e de que o meio social e cultural onde os surdos estão inseridos é, também, de ouvintes.

Baseados nessas considerações e influenciados, segundo Hutzler (1989), pelo avanço tecnológico e pelas idéias eugenísticas, os participantes do II Congresso de Surdos, realizado em Milão (em 1880), recomendaram o *Oralismo* como o meio mais adequado de ensino dos surdos.

¹ Mestre em Educação pelo Univ. Fed. de São Carlos/SP.
Professora-Assistente da Fac. Educação da Univ. Fed. da Paraíba.

Nessa metodologia de ensino, predominante nos cursos de formação de grande parte dos professores que ensinam em instituições especializadas para surdos, a aprendizagem da fala é ponto central. Para desenvolvê-la, algumas técnicas específicas as orientações orais¹ são utilizadas. Essas técnicas são, basicamente, as relatadas a seguir:

O treinamento auditivo: estimulação auditiva para reconhecimento e discriminação de ruídos, sons ambientais e sons da fala:

O desenvolvimento da fala: exercícios para a mobilidade e tonicidade dos órgãos envolvidos na fonação (lábios, mandíbula, língua etc), e exercícios de respiração e relaxamento (chamado também de mecânica de fala);

A leitura labial: treino para a identificação da palavra falada através da decodificação dos movimentos orais do emissor².

Para o máximo aproveitamento auditivo, o Oralismo tem como princípio a indicação de prótese individual, que amplifica os sons, admitindo a existência de resíduo auditivo em qualquer tipo de surdez, mesmo na profunda. Esse método procura assim, reeducar auditivamente a criança surda, através da amplificação dos sons juntamente com técnicas específicas de oralidade.

Quanto ao trabalho de linguagem, desenvolvido no Oralismo, procura-se "ensinar" linguagem, através de atividades **estruturais** sistemáticas. Segundo Fernandez (1993), existe uma relação muito estreita dessa prática com as

¹ A maioria dos autores divide o Oralismo em duas vertentes: a abordagem unissensorial (a via receptora de informações enfatizada é apenas a audição ou resíduos auditivos), e a abordagem multissensorial (além dos resíduos auditivos, pode-se utilizar, também, outros sentidos para perceber a fala, como visão e tato).

² Por existirem articulações idênticas no momento da emissão, só um terço dos sons emitidos resultam em movimentos labiais observáveis, por isso as inferências e compreensão do contexto em que se dá a fala são aspectos relevantes para a decodificação da mensagem.

idéias desenvolvidas pelo considerado "pai da lingüística", Ferdinand de Saussure, idealizador do estruturalismo lingüístico. Para Saussure, a linguagem é composta de duas partes: a *Língua*, essencialmente social porque é convencionalizada por determinada comunidade lingüística; e a *Fala*, que é secundária e individual, ou seja, é veículo de transmissão da língua, usada pelos falantes através da fonação e da articulação vocal.

Além da clara separação feita por Saussure entre os aspectos social e individual, ele afirma que o signo lingüístico é uma entidade psíquica de duas faces: o significado e o significante.

A constatação de que elementos distintos coexistem no signo lingüístico contribui para o surgimento de estudos sobre um ou outro elemento, fragmentando a visão de linguagem. Tal visão é enfaticamente questionada por Vygotsky (1982). Para ele, a ruptura entre som e significado torna estéril o estudo da semântica e da fonética clássica, porque o som separado do significado perde as propriedades específicas que o convertem em som exclusivo da linguagem humana, distinguindo-o dos demais sons existentes na natureza. Por sua vez, o significado separado do aspecto sonoro da palavra, converte-se em pura representação, em puro ato de pensamento, que, estudado isoladamente como um conceito, desenvolve-se e vive independentemente de seu portador material. Segundo Vygotsky, a linguagem deve ser tomada como uma unidade indivisível, possuindo, assim, estreita relação com o pensamento.

Nesse sentido, o reducionismo atribuído à fala no estruturalismo lingüístico é revisto na teoria histórico-social de Vygotsky a qual remete ao signo verbal (fala) estatuto privilegiado. A fala é definida por Vygotsky como a linguagem em processo nos planos inter e intra pessoal.

Convicto da importância da fala para o desenvolvimento do ser humano, Vygotsky defende, num primeiro momento, a oralização como meta central

para o ensino dos surdos, embora admita o uso da mímica³ fora da escola.

Vygotsky acredita que a mímica seria descartada espontaneamente pelos surdos quando a fala fosse desenvolvida. Apesar de posicionar-se favorável ao Oralismo, ele critica os métodos de desenvolvimento da fala, caracterizando-os como mecânicos, artificiais e penosos para a criança. Num momento posterior do seu trabalho, ele desloca da fala a meta central, afirmando que ao ser tomada como um fim em si, a fala perde sua vitalidade e se transforma numa língua morta. E então, que passa a dar importância ao uso da mímica e da linguagem escrita, como aliados no processo educativo.

Essa mudança de postura leva Vygotsky (1991) a afirmar que a linguagem não depende da natureza do meio material que utiliza. Para ele, o que importa é o uso funcional de signos de quaisquer tipos, que possam exercer papel correspondente ao da fala. Desse modo, a linguagem não depende necessariamente do som, não sendo encontrada só nas formas vocais. Essa visão é considerada adiantada para a época (entre os anos 20 e 30), uma vez que os estudos sobre língua de sinais, atribuindo-lhe estatuto de língua, só são realizados a partir da década de 60. Talvez por esse motivo, Vygotsky não explore o desenvolvimento psicológico dos surdos através dos sinais e, apesar de valorizar a linguagem gestual-visual, suas orientações educacionais permanecem voltadas para o domínio da língua falada pelos surdos.

Só depois de décadas de um trabalho educacional com pouca aprendizagem pelos surdos, aliado à divulgação de estudos sobre a língua de sinais, há disposição de mudança no enfoque educacional. Os estudos considerados mais significativos sobre sinais são os de Quigley e Frisina; Stuckless e Birch; Meadow; e Vernon e Koh (citados por Downs e Northern.

¹ Termo que, apesar de impróprio, é usado com frequência como sinônimo de língua de sinais.

1989). Eles mostram que crianças surdas filhas de pais surdos têm um nível significativamente mais alto de linguagem do que as crianças surdas de pais ouvintes. Mostram, também, que as crianças surdas filhas de pais surdos apresentam um desenvolvimento de "fala" (língua de sinais) equivalente às crianças ouvintes filhas de pais ouvintes; que alcançam nos estudos um nível mais alto; e que tendem a ser mais bem ajustadas do que as crianças surdas filhas de pais ouvintes. Além desses estudos, vários outros⁴, com destaque para a investigação realizada por Stokoe, atribuindo estatuto de língua à língua de sinais, são decisivos para a introdução dos sinais no ensino de surdos, sob a perspectiva da *Comunicação Total*.

Os sinais como uma língua (gestual-visual) propriamente dita, são associados, pela maioria das pessoas, à comunidade surda. Essa língua é fluente entre os surdos mas, entre surdos e ouvintes aparecem muitas dificuldades de compreensão. Isso ocorre no processo educacional, em que a *maioria* dos professores de surdos é ouvinte. Por isso, uma comunicação eficiente é perseguida, uma vez que ambas as partes possuem limitações (sejam orgânicas, de conhecimento ou de habilidade) para apropriação plena do código da outra. Esse aspecto tem sido relevante para a opção pela prática da Comunicação Total nas escolas de surdos.

A Comunicação Total trata-se de uma proposta flexível no uso de meios de comunicação oral e gestual. Com a expansão da Comunicação Total, a proposta inicial é transformada e se consolida, não como método, mas como uma filosofia educacional. Ciccone (1990) diz que essa filosofia possui uma maneira própria de entender o surdo, ou seja, longe de considerá-lo como portador de uma patologia de ordem "médica", entende o surdo como uma pessoa, e a surdez como uma marca, cujos efeitos adquirem, inclusive, características de um fenômeno com significações sociais. Por não

* De Melo (1995) relaciona os trabalhos lingüísticos mais significativos realizados com a língua de sinais.

explicitar claramente procedimentos de ensino, a Comunicação Total é incorporada, em diferentes lugares, em versões muito variadas, caracterizando-se, basicamente pela aceitação de vários recursos comunicativos, com a finalidade de ensinar a língua majoritária e promover a comunicação.

Apesar da idéia generalizada de oposição entre Comunicação Total e Oralismo, devido à inclusão de sinais na prática daquela, Marchesi (1987) afirma que a Comunicação Total não está em oposição à utilização da língua oral, mas apresenta-se como um sistema de comunicação complementar. Os adeptos da Comunicação Total consideram a língua oral um código imprescindível para que se possa incorporar a vida social e cultural, receber informações, intensificar relações sociais e ampliar o conhecimento geral de mundo, mesmo admitindo as dificuldades de aquisição, pelos surdos, dessa língua. Entretanto, a lentidão e limitações que as crianças surdas apresentam na aprendizagem da língua oral, quando utilizam o oralismo puro, são fatores decisivos para a introdução, no ensino, de um código lingüístico estruturado que possa contribuir também para realizar as funções que são da língua oral, ou seja, a comunicação entre as pessoas e a elaboração de processos cognitivos mais refinados.

Nessa perspectiva, essa filosofia educacional propõe como procedimento de ensino, de acordo com Moura (1993), a utilização simultânea de sinais e fala, uso de aparelhos de amplificação sonora, trabalho de desenvolvimento das pistas auditivas e trabalho com fala tanto em leitura orofacial como em produção.

Dessa proposta resulta a criação de diferentes métodos e sistemas de comunicação, visando favorecer a aprendizagem da língua majoritária. Marchesi (1987) apresenta a variedade desses sistemas: língua falada de sinais (codificada em sinais); língua falada sinalizada exata (variante do sistema anterior, distinguindo-se pela busca da reprodução precisa da estrutura da língua); associação de códigos manuais para auxiliar na discriminação e articulação de sons (configuração) de mão perto do rosto, dando apoio à

emissão de cada fonema); e combinação diversa de sinais, fala, datilologia, gesto, pantomina etc.

A abordagem educacional bimodalista destaca-se nesses sistemas. As práticas são qualificadas como bimodais ou simultâneas porque envolvem combinações de uso concomitante de duas modalidades, isto é, os sinais e a fala. Para Stewart (1983), entretanto, a utilização da fala codificada em sinais, caracteriza-se como duas modalidades da mesma língua, porque baseia-se apenas na língua majoritária. Góes (1994) diz que essa idéia é variável entre pesquisadores e educadores, porque existe também a noção de um instrumento de comunicação em que se inserem parâmetros de uma língua de sinais para acompanhar a fala. Assim, não se subentende o envolvimento de uma só linguagem que os recursos comunicativos se compõem a partir de uma língua falada e de uma língua de sinais.

As experiências mais recentes de práticas educacionais sob a denominação de Comunicação Total são restritas aos recursos do bimodalismo. No Brasil, a característica dessa filosofia, complementando os recursos utilizados por métodos exclusivamente orais, é a utilização dos sinais extraídos da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), inseridos à estrutura da língua portuguesa, a língua majoritária. Como não existem na língua de sinais certos componentes da estrutura (rasais do português (preposição, conjunção etc), são criados sinais para expressá-los. Além disso, utiliza-se marcadores de tempo⁵, número⁶ e gênero⁷ para descrever a língua portuguesa através

Marcador de tempo: para tempo passado, depois de se fazer alusão a um verbo, jogar a mão para tras. acima do ombro. Para tempo futuro, utilizar a locução verbal (Ex.: vou comer). Desse modo, são Utilizados dois sinais: o do verbo ir + o verbo que se deseja. O tempo presente é formado lambem com a locução verbal, utilizando o verbo auxiliar no presente + gerúndio do verbo principal (Ex.: estou comendo).

* Marcador de número: para a palavra "casas", e leito o sinal de casa + o sinal de plural (mão direita com dedos voltados para a esquerda, apenas polegar e médio estendidos, demais dedos fechados, movimentar a mão para frente, movendo os dedos)

' Marcador de gênero: em alguns casos existem sinais diferenciados para o masculino e feminino (ex: homem e mulher) em outros. o sinal é o mesmo (ex: galo e gala). Para diferenciá-los o feminino é sinalizado, digitando ao final do sinal do masculino o A .

de sinais. A isto se chama de Português Sinalizado. Outra estratégia utilizada pela comunicação total é o uso de sinais na ordem do português sem, no entanto, utilizar marcadores, como no português sinalizado. O que existe em ambos os casos é um ajuste da língua de sinais à estrutura da língua portuguesa.

Para Ferreira Brito (1993), com a prática da Comunicação Total, a intenção de reconhecimento das línguas de sinais é eliminada tanto em termos de filosofia, como de implementação, porque, além de artificializar a comunicação, perde-se de vista as implicações sociais da surdez, reduzindo o uso de sinais ao papel de um recurso de ensino que apoia a fala.

Sanchez (1990) considera que os sinais ajustados não têm a mesma funcionalidade para os surdos, equivalente à fala para os ouvintes. Segundo ele, a maneira das pessoas se comunicarem (a língua) é determinada pela comunidade onde elas estão inseridas. Entre as línguas, ele cita o francês, o inglês, o chinês e o russo. Todas elas são línguas orais porque empregam palavras faladas-ouvidas. Estas línguas são utilizadas por pessoas ouvintes. As pessoas surdas, impossibilitadas de utilizar a fala devido à complexidade que é sua apropriação sem o auxílio da audição, usam os sinais, caracterizados como uma língua gestual. Assim como os ouvintes, os surdos possuem diferentes línguas. Nos Estados Unidos existe a American Sign Language (ASL), na França a Langue Française des Signes (LSF), no Uruguai a Lengua de Serias Uruguiaia (LSU), na Venezuela a Língua de Serias Venezolana (LS V) e no Brasil a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

A opinião de Marchesi (1987) sobre a prática da Comunicação Total é a de que seus procedimentos comunicativos serviram mais aos pais e professores ouvintes que aos alunos surdos.

Além disso, Behares (1993) afirma que do ponto de vista psicofisiológico, as formas gestuais e orais de comunicação se diferenciam substancialmente, ou seja, assumem uma base material diferente. Além de assumirem base material diferente, uma visual e outra auditiva, os circuitos neuropsicológicos de ambas as formas de atividade são diferentes e mostram

etapas de evolução diferentes no adulto. Para Jonhson e colaboradores (1989) o esforço para a pessoa ouvinte, que trata de falar e sinalizar ao mesmo tempo, parece ser psicológico e fisicamente excessivo. Nessas condições de esforço, segundo esses autores, uma das partes dos sinais se deteriora, porque o ouvinte se centra na parte falada e descuida da parte sinalizada. Esse descuido pode dar-se de diferentes formas: ou omitindo sinais ao azar, ou omitindo sinais que não se encaixam nos padrões rítmicos da fala. Ao mesmo tempo, a fala, usada simultaneamente com os sinais, altera-se fonologicamente e se caracteriza por ter excesso de pausas, dúvidas, repetições. Desse modo, os sinais utilizados simultaneamente com a fala são só parcialmente compreensíveis, inclusive por usuários nativos da língua de sinais.

A partir de discussões dessa natureza, surge uma orientação educacional que considera a língua de sinais, na sua forma genuína, chamada Bilinguismo.

Moura (1993) define o Bilinguismo como uma filosofia educativa que permite o acesso pela criança, o mais precocemente possível, a duas línguas: a língua brasileira de sinais e a língua portuguesa na modalidade oral (aqui no Brasil). Para Ferreira Brito (1993), numa linha bilíngüe, o ensino do português deve ser ministrado para os surdos da mesma forma como são tratadas as línguas estrangeiras, ou seja, em primeiro lugar devem ser proporcionadas todas as experiências lingüísticas na primeira língua dos surdos (língua de sinais) e depois, sedimentada a linguagem nas crianças, ensina-se a língua majoritária, (a Língua Portuguesa) como segunda língua.

Assim como a Comunicação Total, a prática bilíngüe possui também aspectos variantes. Esses aspectos são explicados por Goés (1994) da seguinte forma: o momento em que devem ser introduzidas as experiências sistemáticas com a segunda língua: a ênfase na modalidade falada e escrita (há quem defenda a aquisição da língua majoritária só na modalidade escrita); e a extensão em que se considera o processo de identidade cultural da pessoa surda que convive em comunidades de surdos e de ouvintes, caracterizando-se como um ser bicultural ou não. isto é, o nível de vinculação com a língua, de identidade cultural e de participação em comunidades ouvintes e de surdos.

Apesar dos argumentos favoráveis à aprendizagem da língua de sinais, existem obstáculos para sua concretização. Esses vão além da habilidade manual. A competência na língua de sinais depende também do conhecimento de como a própria comunidade de surdos se organiza, através do contato extra-institucional do professor com os surdos. Tal contato é reduzido devido as limitações de oportunidades para que isso ocorra. Além disso, os surdos, no contato com os ouvintes, realizam adaptações e ajustes na língua de sinais (linguagem pidgen), visando um melhor entendimento que, acabam dificultando a exposição dos professores à língua de sinais.

Contudo, o reconhecimento de que existem dificuldades para a aprendizagem da língua de sinais e de que o uso de sinais, ajustados ao português, representam uma facilitação para o trabalho docente⁸ não justificam uma acomodação dos profissionais, especialmente professores, à situação atual. Antes, aponta para a necessidade de reflexões mais profundas sobre a questão, objetivando viabilizar a aprendizagem da língua de sinais. Isso porque, deixar de fazê-lo implica correr o risco de não vislumbrar progressos significativos das pessoa surdas, uma vez que, em maior ou menor gravidade, continuarão a persistir os problemas de comunicação. Quando falo em comunicação, suponho todas as suas possibilidades, como considera Sanches (1990), com o estabelecimento de todas as dimensões da linguagem humana: ampliando os conhecimentos, facilitando o desenvolvimento intelectual, entendendo tudo o que se diz e expressando tudo o que se queira, rapidamente e sem esforço. "Assim funciona a linguagem oral para os ouvintes. E assim não funciona para os surdos na imensa maioria, se não na totalidade dos casos" (Sanchez, 1990 p. 26).

* Percepção de professoras sobre a prática segundo a Comunicação Total, presente no estudo realizado por De Melo (1995).

4. SURDEZ E BILINGÜISMO

Leitura de Mundo e Mundo da Leitura

Eulália Fernandes¹

O *bilingüismo* vem seguindo no meio educacional da comunidade de surdos e especialistas da área como a última palavra em educação. As portas começam a se abrir para esta nova perspectiva, mas, para muitas pessoas, como se fosse uma "*tábua de salvação*" e não uma opção realmente consciente.

Bilingüismo não é um método de educação. Define-se pelo fato de um indivíduo ser usuário de duas línguas. Educação com bilingüismo, não é, portanto, em essência, uma nova proposta educacional em si mesma, mas uma proposta de educação onde o bilingüismo atua como uma possibilidade de integração do indivíduo ao meio sociocultural a que naturalmente pertence, ou seja, às comunidades de surdos e de ouvintes. Educar com bilingüismo é "*cuidar*" para que, através do acesso a duas línguas, se torne possível garantir que os processos naturais de desenvolvimento do indivíduo, nos quais a língua se mostre instrumento indispensável, sejam preservados. Isto ocorre através da aquisição de um sistema lingüístico o mais cedo e o mais breve possível, considerando a Língua de Sinais como primeira língua, na maioria dos casos, como acontece em nosso projeto. Educação com bilingüismo não é, pois, uma nova forma de educação. É um modo de garantir uma melhor possibilidade de acesso à educação.

¹ Doutora em Lingüística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);
profª. Adjunta na Univ. do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Fone para contato: (021) 5413553 - Fax: 2845033

O que estamos propondo é uma reflexão sobre uma nova forma de encararmos o processo não apenas educacional do surdo, no sentido pedagógico mais restrito do termo, mas seu desenvolvimento como indivíduo em si mesmo e sua participação como indivíduo na sociedade. Nesse último sentido, educação com bilingüismo é uma expressão que deve vir intimamente comprometida com as características culturais da comunidade de surdos e de ouvintes. Em outros termos, temos um compromisso com uma postura socioacadêmica.

Optarmos por uma proposta de educação com bilingüismo é admitirmos que a Educação está inserida no meio social e político de uma comunidade e assim deve ser encarada e respeitada. O processo escolar é, portanto, nesta perspectiva, um processo no qual a integração deixa de ser a busca de integrar o surdo à comunidade ouvinte, para caracterizar-se como uma via de mão dupla: estar o surdo bem integrado em sua própria comunidade e na comunidade ouvinte e estarmos todos nós, que com eles convivemos, integrados, do mesmo modo, nas duas comunidades. O compromisso, portanto, deve ser mútuo para a real concretização dessa proposta.

Uma proposta de educação com bilingüismo exige aceitarmos, em princípio, que o surdo é portador de características culturais próprias. Aceitarmos esta realidade sem preconceitos é o mesmo que aceitarmos que um baiano tem traços culturais diferentes dos de um carioca e, este, diferentes de um catarinense, por exemplo, sem deixarmos, todos, de sermos brasileiros. *ou, ainda aceitarmos que japoneses, italianos e alemães, por exemplo, compartilhem traços culturais pela proximidade ou necessidade social, como vemos no Brasil em relação aos bairros ou colônias de imigrantes. Esta situação nos aproxima da questão das características culturais das comunidades de surdos. Não se trata de buscar semelhanças com a condição ou status de estrangeiro ao surdo e ao ouvinte, mas percebermos o esforço de compreensão, participação e transformação das expressões*

culturais presentes nas duas comunidades

Afirmamos nossa posição, pois, por muito tempo, se negou que o surdo fosse portador de características culturais próprias, como se isso fosse excluí-lo de nossa sociedade. Pelo contrário, estas características refletem a história e a realidade dessa comunidade. O respeito às diferenças c o primeiro passo do processo do respeito à educação com bilingüismo. Tanto os surdos quanto os ouvintes que convivem com esta comunidade, serão adeptos da educação com bilingüismo. se. par a par, forem adeptos ao respeito às diferenças de características culturais das comunidades de surdos e de ouvintes. Só assim poderemos admitir o conceito de integração, como nos referimos acima.

Cabe ressaltarmos, aqui, que qualquer proposta de bilingüismo só pode ser considerada como tal se, e apenas se, no ambiente escolar, as línguas forem respeitadas em sua integridade, isto é. onde não haja interferência e uso de processos de comunicação como o bimodalismo ou português sinalizado, onde o plano morfológico é o da Língua de Sinais e a estrutura da frase da Língua Portuguesa. Isto exigirá, em princípio que os profissionais dominem a Língua Brasileira de Sinais e que o surdo venha a dominar a Língua Portuguesa, como segunda língua, on seja. adquira a Língua de Sinais como sua primeira língua e, depois, venha a aprender a Língua Portuguesa. Evidentemente, temos consciência que ainda não é possível implantar uma educação com bilingüismo em toda a sua extensão, pois temos, no Brasil, um número muito reduzido de profissionais que dominam a Língua Brasileira de Sinais. Uma proposta de educação com bilingüismo que tenha um compromisso sociopolítico-acadêmico, no entanto, lutará para que estas condições se estabeleçam o mais breve possível, cuidando que seus

† Rios. K R. Participação como co-palestrante do tema deste artigo, DO Seminário "Repensando a Educação da Pessoa Surda" INFS. 1996

profissionais tenham acesso a Língua Brasileira de Sinais e passem a utilizá-la com competência. Por outro lado propiciarão o ensino de Língua Portuguesa ao surdo, como segunda língua. É imprescindível, também, criarmos espaço e lutarmos pela formação pedagógica de adultos surdos que desejam dedicar-se à educação. Sua presença no processo educacional, ainda que não como professores, mas como monitores do professor ouvinte regente, tem-se mostrado de fundamental importância em nosso projeto.

Não nos cabe ignorar, numa postura de educação com bilingüismo, muito embora estejamos, neste momento, preocupados mais especificamente com o processo de alfabetização, que enfrentamos dois momentos educacionais igualmente importantes, se quisermos que o processo de bilingüismo seja, de fato, tomado como postura de integração dessas duas comunidades em contato, surdos e ouvintes: a implantação propriamente dita de um modelo educacional e a fase de transição.

A implantação refere-se exclusivamente, ao processo de início de jornada, ou seja, ao início do processo de acompanhamento do desenvolvimento da criança surda, sua entrada na escola. Nestas condições, cuidaremos que as duas línguas sejam dadas ao surdo, sendo a Língua Brasileira de Sinais adquirida, em primeiro lugar, como sua língua natural e a Língua Portuguesa como segunda língua. Garantir ao surdo um meio de comunicação que possa ser adquirido rapidamente e com facilidade é garantir que seu desenvolvimento cognitivo seja preservado, sem atrasos, já que há comprovação científica de que a aquisição de uma língua é suporte indispensável ao desenvolvimento natural de processos mentais. Como a Língua Portuguesa não é adquirida senão com dificuldade, por mais competentes que sejam os profissionais envolvidos no processo educacional, a Língua de Sinais surge como meio natural de suporte cognitivo. A Língua Portuguesa surgirá, então, como a segunda língua a ser adquirida. No desenvolvimento desse processo, os profissionais devem dominar pelo menos razoavelmente a Língua Brasileira de Sinais e os surdos devem estar em

constante contato com as comunidades de surdos e de ouvintes. *A participação interativa nestas comunidades é indispensável para uma educação com bilingüismo*

Por ora, no entanto, é importante salientarmos que, se, por um lado sabemos que a proposta de educação com bilingüismo esta comprometida com o uso das duas línguas, quer pelo surdo, quer pelos profissionais da área, por outro lado, não desconhecemos que no processo de transição por que passamos, partir deste princípio é admitir, a priori, uma situação de utopia: ainda não dispomos de profissionais preparados para iniciarmos este processo em condições ideais. E esta fase de transição refere-se, particularmente, ao alunado que já se encontra na escola e precisa de atendimento específico, pois não domina a Língua Portuguesa e, na maioria das vezes, seus professores não dominam a Língua Brasileira de Sinais. O "preço da transição" é alto e de grande risco. Exige uma adaptação específica para propiciar o acesso ao currículo. É preciso sabermos respeitar este alunado que não domina Português e estes profissionais que não dominam Língua Brasileira de Sinais. Todos os recursos devem ser usados com cautela e a correta orientação lingüística e didático-pedagógica são imprescindíveis. Se soubermos, com cientificidade e sabedoria, tratar dessa faixa escolar, nos próximos anos, a implantação dessa nova proposta educacional se fará, por consequência natural, nas turmas que, iniciadas nesse processo, virão surgindo e invadindo as séries do primeiro e segundo graus. É, portanto, um processo lento, mas que deve ser seguido com segurança e nitidez de princípios e método.

Isto é possível? Sim. Com a consciência de que profissionais devem seguir seu curso interligados, quer sejam lingüistas, pedagogos, professores, fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais e demais especialidades da área, expandindo o conceito de integração não apenas às comunidades de surdos e ouvintes, mas também ao trabalho integrado desses profissionais,

¹ RIOS. K:R: op. Cit. Nota I.

temos certeza de que este compromisso com a educação e correta integração de surdos e ouvintes, não se apresentará como mais um modismo, mais uma utopia, apenas mais uma opção. Se houver vontade política, e nos referimos à política acadêmica, o conceito da verdadeira integração entre indivíduos fará dessa nova comunidade surdos/ouvintes, um modelo a ser seguido por aqueles que desejam ver cumpridos seus ideais de verdadeira cidadania.

Buscando concretizar esta vontade política, o Projeto "*Surdez e Bilingüismo: Leitura de Mundo e Mundo da Leitura*" iniciou sua fase de implantação através de Convênio firmado entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e o Instituto Nacional da Educação de Surdos (INÊS), atuando a partir de maio de 1996 em uma turma da Educação Infantil, e a partir de fevereiro de 1997, em duas turmas "Jardim I e II", sob a responsabilidade da UERJ, através do Departamento de Extensão da Sub-Reitoria de Extensão e Cultura, do Instituto de Letras e do Mestrado de Educação, representados pela Coordenação Geral e, também, lingüista do Projeto, da Orientação Pedagógica, da Assessora Pedagógica e da Auxiliar de Pesquisa, sob a responsabilidade do INÊS, através da Direção do Instituto - Departamento Técnico Pedagógico, representado por seus Coordenadores, por duas professoras da Educação Infantil, dois Monitores Surdos, uma Professora de Educação Física e uma Professora de Música, duas Fonoaudiólogas, uma Psicóloga e uma Assistente Social.

Unidos os esforços desses profissionais e do intercâmbio constante entre estas duas instituições, cremos estar cumprindo não apenas o nosso dever, mas nosso direito de cidadania, por vermos, enfim realizados ideais e objetivos acadêmicos que integram as atividades de diferentes profissionais e diferentes instituições, em busca de novas soluções de Educação, no Brasil.

Em conseqüência das avaliações sobre resultados obtidos, no Colégio de Aplicação do INÊS, estamos certos de que este Projeto de Implantação poderá servir de referência para outras iniciativas de mesmo porte, em nosso país.

5. A POSSIBILIDADE DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR: EDUCAÇÃO/FONOAUDIOLOGIA

"A educação dos portadores de deficiência auditiva desenvolveu-se em nosso país, a partir da criação do Instituto Imperial dos Surdos Mudos, em 1857 - hoje Instituto Nacional de Educação dos Surdos/INES - de forma paulatina e sempre insuficiente para atender à demanda.

A partir dos anos sessenta, a educação do portador de deficiência auditiva, ampliou-se de forma jamais vista. Assim é que dos 6.463 surdos atendidos em 1974(CENESP, 1975). passou-se para 19257 em 1987(MEC/SEEC, 1989), isto é, com um crescimento na ordem de 198%. Apesar do crescimento, a maior parte dos portadores de deficiência auditiva continua não sendo atendida por quaisquer **processos** de educação ou de reabilitação. o que confirma a assertiva de que o princípio constitucional de acesso ao ensino, neste caso, está muito distante de ser atingido.

O mais grave, porém, é que mesmo aqueles que conseguem ter acesso ao sistema educacional esbarram-se nas possíveis dificuldades cognitivas, todas elas subordinadas ao desenvolvimento da linguagem, considerando que a deficiência "per si" não acarreta qualquer "déficit" cognitivo, o que deveria resultar em bom rendimento escolar, desde que supridas as dificuldades específicas de linguagem.

Se a questão da cognição e, conseqüentemente, do rendimento, escolar do surdo está subordinado ao processo de habilitação e reabilitação de linguagem, é prioritário o desenvolvimento de programas que ataquem este problema.

Boa parte desses programas são desenvolvidos pelo sistema escolar sob a capa de "atividades específicas de linguagem" que confunde duas áreas

de ação, a da saúde e a da educação." (Silveira Bueno, 1994)

Considerando que é impossível se trabalhar a FORMA da linguagem independentemente do CONTEÚDO que a comunicação envolve, assim como não há condições de se atuar com determinado conteúdo escolar sem que se levem em consideração as formas de sua representação, as duas áreas — saúde e educação — precisam somar e não dividir espaços de atuação.

"Tanto isso é verdade que mesmo aspectos muito específicos da reabilitação de linguagem, como o treinamento auditivo e os exercícios articulatórios, têm sido considerados como integrantes da complementação curricular específica para os surdos." (Silveira Bueno, 1994)

Se por um lado a questão da formação do professor tem sido problemática, a questão da interrelação com os profissionais da fonoaudiologia pode ser um fator da melhoria da qualidade de atendimento educacional especializado.

Boa parte dos surdos oriundos de extratos superiores da classe média e da classe alta são encaminhados para classes comuns do ensino regular e lá conseguem níveis altamente satisfatórios de escolarização, chegando, alguns deles, a atingir o nível superior. É certo que esses alunos conseguem rapidamente o diagnóstico, o atendimento educacional especializado pelos sistemas privados de saúde e educação, aos quais o acesso é determinado pelas condições financeiras.

Dessa forma, comprova-se que é possível a integração do surdo nos sistemas regulares de ensino "desde que, atendidas suas necessidades específicas de reabilitação e de escolarização".

Este parece ser o nó da questão: em nosso país a condição de classe social é fator muito mais significativo do que a anomalia orgânica.

Sempre coube ao setor público educacional a oferta do ensino aos alunos oriundos dos estratos sociais inferiores e este setor sofreu e sofre as conseqüências impostas a um país em desenvolvimento.

É o setor público educacional que ainda supre essas funções, embora a partir da Lei 6.965 de 09/12/81, elas tenham sido regulamentadas como sendo também da competência dos profissionais da fonoaudiologia.

Essa lei não determina a exclusividade aos fonoaudiólogos do desenvolvimento do trabalho na área da comunicação oral e escrita, voz e audição com alunos surdos, nem exclui as ações específicas dos professores e dos médicos foniatras.

Todo trabalho educacional não pode ser inviabilizado em todo país só porque há convergência na área de atuação.

Como alfabetizar uma criança surda, se ela confunde (b) e (p)? Se o professor for esperar a correção fonética realizada somente por um profissional da área da fonoaudiologia, quando irá concluir seu trabalho?

A área de linguagem é muito ampla e também é da competência dos professores propiciar seu desenvolvimento.

A partir do momento em que se passa à representação gráfica, por exemplo, utiliza-se da Língua Portuguesa como código e esta já é uma matéria de competência exclusiva dos profissionais da educação.

Muitas ações desenvolvidas estão na fronteira de diversas áreas, sendo difícil precisar esses limites.

A educação, por excelência, é um empreendimento social, um macrofenômeno de caracterização multidisciplinar. Sua relação com as outras ciências

é permeável. Não se trata de descaracterizar as ciências, mas de se precisar as ações de cada uma, nos níveis detalhados por ação na realidade que se deseja trabalhar, no caso, o processo educativo.

Nesse sentido, a Educação Especial incorporou as contribuições de diversas ciências inclusive Artes Cênicas. A Fonoaudiologia tem contribuído para fornecer conhecimentos ("insights"), para a Educação, mais específicos para o processo ensino-aprendizagem da comunicação.

A expressão oral entre os homens, torna possível a manifestação rápida do pensamento.

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem é objeto de muitas ciências e também da educação.

A Fonoaudiologia, enquanto ciência *da linguagem* contribui no âmbito do conhecimento técnico específico e do fazer terapêutico e a Educação, enquanto promotora do desenvolvimento e da integração do ser humano, a tem como um instrumento pedagógico.

Os problemas de linguagem do aluno "normal" ou do deficiente auditivo não podem ser desvinculados de seu desenvolvimento global, dentro da formação maior das aquisições cognitivas. Existe uma interdependência.

O trabalho do professor que realiza o treinamento da fala não se dirige para a patolingüística (patologia da linguagem) sob a concepção médica e da ciência fonoaudiológica.

No trabalho educacional, as ações básicas resultam na boa linguagem, uma vez que sua base é psicomotora e lingüística (aquisição de linguagem, fonologia, semântica, sintaxe, léxico).

Não se pode restringir essas ações ao programa patolingüístico, da alçada da ciência fonoaudiológica, embora se beneficie disso.

O que o professor realiza está circunscrito aos objetivos da educação, da comunicação, da relação interpessoal, do aprendizado escolar, não estando circunscrito à patolingüística. Esse trabalho é interdisciplinar, não exclui nem o fonoaudiólogo, nem o professor.

No treinamento da fala, contempla-se a análise dos sons da palavra, a posição dos lábios, as expressões faciais, os gestos do corpo, a emissão da palavra, o treinamento da tonalidade e do volume da voz, a atenção, a descrição e memória auditiva, enfim a interpretação de todos os aspectos gerais da comunicação, incluindo, ainda, a aprendizagem curricular, onde a comunicação é um meio e um fim.

A Fonoaudiologia no Brasil começou a firmar-se e a conquistar os seus espaços com seus avanços próprios, não pode, entretanto circunscrever a *linguagem do ser humano* como seu universo exclusivo, quando a comunicação é uma área interdisciplinar.

Não se pode abrir mão do professor de treinamento da fala, numa prática que antecede à própria Fonoaudiologia.

Antes que a Fonoaudiologia se estabelecesse no Brasil, os professores já realizavam o trabalho educacional com alunos surdos que, em muitos aspectos, se assemelha aos trabalhos dos fonoaudiólogos mas não se confundem e nem são mutuamente exclusivos.

O fonoaudiólogo realiza trabalho terapêutico que se distingue, mas não exclui a atuação pedagógica na área da comunicação oral e escrita, uma vez que as metas e os objetivos são distintos e complementares para o desenvolvimento do aluno surdo, sua integração social, profissional, enfim da melhoria de qualidade de vida dos portadores de deficiência auditiva.

A questão posta é conceitual e dos objetivos a serem atingidos por cada área profissional da pedagogia e da fonoaudiologia, dentre outras, que atuam na área da comunicação.

Concluindo, o atendimento ao aluno Portador de Deficiência Auditiva caracteriza-se pela multi e interdisciplinaridade, onde a associação de conhecimentos de diversas áreas permite uma soma de esforços para a prevenção, redução e reabilitação das áreas deficitárias.

O que se sugere é que onde é possível a realização do trabalho clínico de um fonoaudiólogo na escola, este deve caracterizar-se por um trabalho integrado com o professor, e onde tal fato não for possível, que os profissionais da área da saúde cooperem para a melhoria da capacitação dos profissionais da área de educação que atuam com o surdo, como é previsto na letra "i" do art. 4º da Lei 6.965.

6. A QUESTÃO DA SEGREGAÇÃO E DA INTEGRAÇÃO DOS SURDOS

Até a década de sessenta, como na maioria dos outros países, o Brasil seguia a orientação dominante, considerando como melhor alternativa, para o ensino de crianças surdas, o atendimento em separado, já que seus problemas lingüísticos os diferenciavam das demais crianças.

Assim, proliferaram escolas especiais para surdos, onde os portadores de deficiência auditiva eram educados, predominantemente, sob o aspecto da reabilitação oral.

A partir da década de oitenta, iniciou-se nova tendência no campo da educação dos surdos que ampliou sua meta para o campo pedagógico e lingüístico além do campo clínico/terapêutico, numa perspectiva integracionista que encontrou respaldo filosófico, legal e político-educacional na:

- . *Constituição da República Federativa do Brasil* (1988) que garante, em seu artigo 208. inciso **III**, "o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino";
- . *Convenção sobre os Direitos da Criança* (1989);
- . *Declaração de Salamanca*, resultante da "Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade" (1994);
- . *Política Nacional de Educação Especial* (1994);
- . *Plano Decenal de Educação para Todos* (1994).

Assim, a integração do aluno surdo no sistema regular de ensino, entendida como um processo resultante da evolução histórica da Educação Especial, calcada nos direitos humanos, constitui uma tendência que vem se acentuando neste final de século.

Considerando que a meta atual da educação dos portadores de deficiência auditiva, passou a enfatizar também o aspecto acadêmico e lingüístico, as diretrizes que têm sido traçadas conduzem à seguinte conclusão:

- . a educação dos surdos deve desenvolver-se, preferencialmente, na rede regular de ensino;
- . o conteúdo programático a ser desenvolvido é o mesmo do ensino regular;
- . a orientação educacional permite o acesso, pelo aluno, a duas línguas: a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa;
- . a reabilitação é parte do aprendizado de Língua Portuguesa, em sua modalidade oral, própria, principalmente, para o caso de alunos que iniciaram sua educação na faixa etária de zero a seis anos;
- . a aprendizagem da modalidade oral e principalmente da modalidade escrita do Português constitui tarefa cotidiana dos professores da classe especial, da sala de recursos e de classe comum do ensino regular.

Sabe-se que a integração do portador de deficiência auditiva no sistema regular de ensino é um processo individual (para o aluno) e uma reorganização institucional (para a escola).

Em se tratando do aluno, faz-se necessário estabelecer, para cada caso, o momento oportuno, para que ele comece a frequentar a classe comum do ensino regular.

Em se tratando do aspecto institucional/organizacional é necessário:

- capacitação sistemática e progressiva do corpo docente, administrativo e técnico local como fator essencial;
- participação da comunidade escolar na seleção da escola, de modo que ela se identifique como uma escola integradora/inclusiva;

- sensibilização e conscientização sistemática do corpo discente e de seus familiares, de modo a orientar e preparar a integração/inclusão e a favorecer o exercício da interdependência e da reciprocidade na comunidade escolar;
- instalação de uma sala de recursos, com professor especializado, para propiciar apoio e atendimento ao aluno e demais membros da comunidade escolar;
- provimento da sala de recursos com materiais didático-pedagógicos necessários para o acesso do aluno ao currículo;
- adaptações físicas e outras, necessárias para o acesso do aluno à escola: sinais de trânsito, mobiliários e equipamentos, que devem ser gradativamente providenciados com o apoio da comunidade;
- acompanhamento sistemático do trabalho por coordenadores e técnicos especializados, inclusive, em LIBRAS e intérpretes; e
- redução do número de alunos da classe comum.

Compete ao Professor

Compete ao professor que atua, em "escola especial", em "classe especial" ou em "classe comum" do ensino regular:

- . desenvolver o processo ensino-aprendizagem com o aluno surdo, adotando a mesma proposta curricular do ensino regular, com adaptações que possibilitem:
 - .. o acesso ao currículo - utilizando sistemas de comunicação alternativos, como a Língua Brasileira de Sinais, a mímica, o desenho, a expressão corporal;
 - .. a utilização de técnicas, procedimentos e instrumentos de avaliação compatíveis com as necessidades do aluno surdo, sem alterar os objetivos da avaliação e o seu conteúdo, como, por exemplo: maior valorização do conteúdo em detrimento da forma da mensagem expressa;

- .. a supressão de atividades que não possam ser alcançados pelo aluno surdo em razão de sua deficiência, substituindo-as por outras mais acessíveis, significativas e básicas. Por exemplo: O "ditado" cujo objetivo para os alunos ouvintes é verificar a ortografia das palavras, para o surdo transforma-se em "teste de leitura orofacial". Todavia não se justifica a eliminação de conteúdos curriculares.

(Essas adaptações devem estar contextualizadas e justificadas em registros documentais que integram a pasta do aluno).

Compete ao professor que atua em "sala de recursos", no "serviço de itinerância", em "classes especiais" ou em "escolas especiais":

- . viabilizar o aprendizado da Língua Portuguesa, em sua modalidade oral e/ou escrita, através das complementações curriculares específicas para os portadores de deficiência auditiva quais sejam: treinamento auditivo, treinamento fono-articulatório/fala, treinamento rítmico e linguagem;
- . utilizar e viabilizar a aquisição da Língua de Sinais pelo aluno surdo, se isto for a opção dos pais;
- . orientar sistematicamente os pais/familiares para o envolvimento no processo educacional;
- . colaborar com os professores do ensino regular, orientando-os quanto a estratégias e quanto à avaliação a serem utilizadas com o aluno surdo.

SUGESTÕES PARA SUA ATUAÇÃO

- a) Faça contato com o setor de pediatria dos hospitais, clínicas e postos de saúde de sua cidade para traçar estratégias de encaminhamento da criança surda ou com suspeita de surdez, de zero a três anos, para o atendimento educacional.
- b) Reuna-se com os demais profissionais que devem interagir com esse aluno para traçarem estratégias sobre o atendimento especializado.
- c) Organize o programa de estimulação precoce em sua escola para o atendimento às crianças surdas, de acordo com as orientações contidas no texto.

BIBLIOGRAFIA

BALEEIRO, Clay Rienzo et alii. *Programa clínico para deficientes auditivos de 0 a 5 anos; atividades terapêuticas*. São Paulo, PUC, 1985. 60 p. (Cadernos Distúrbios da Comunicação - Série Audiologia Educacional 4)

BEHARES, L.E. - *Nuevas comentes en Ia educación del sordo: De los enfoques clínicos a los Culturales* - Cadernos de Educação - Universidade Federal de Santa Maria, 1993 a.

_____ *La formación social de Ia mente (y del lenguaje) y hiformación especial* - Caderno de Educação Especial - n° 5, Universidade Federal de Santa Maria, 1993 b.

BEVILACQUA, Maria Cecília & BALIEIRO, Clay Rienzo. *Programa Clínico para deficientes auditivos de 0 a 5 anos*. São Paulo, PUC, 1984. 47 p. (Cadernos Distúrbios da Comunicação - Série Audiologia Educacional 1)

BOUVET, D. - *Sign language and education of the deaf child* - In: Kyle, J. (ed) - *Sign and school: using signs in deaf children's development*. Philadelphia, Multilingual Matters, 1987.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Centro Nacional de Educação Especial. *Atividades e recursos pedagógicos para deficientes da audição*. Rio de Janeiro, MEC/FENAME, 1983, 239 p.

_____, Ministério da Educação e Cultura. Centro Nacional de Educação Especial. Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação. *Proposta curricular para deficientes auditivos*. Brasília, MEC/DERDIC; São Paulo, PUC, 1979. V. I

_____, Ministério da Educação e Cultura. Centro Nacional de Educação Especial. *Proposta curricular para deficientes auditivos; manual do professor - didática especial*. Brasília, MEC/DERDIC; São Paulo, PUC, 1979. V. 2

_____, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial - *Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial: área de deficiência auditiva* - 1995. Série Diretrizes, n° 6.

_____, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Especial. *Tendências e desafios da educação especial* - 1994 - Série: Atualidades Pedagógicas 1.

_____, Ministério da Educação e do Desporto - Secretaria de Educação Especial - *Diretrizes educacionais sobre estimulação precoce* - Série: Diretrizes, n°3.

BRITO, L. F. - *Por uma gramática da língua de sinais* - Tempo Brasileiro - Departamento de Linguística e Filosofia - UFRJ - Rio de Janeiro - RJ- 1995.

_____, *Integração social & educação de surdos*. 1. Ed. Rio de Janeiro, Babel Editora, 1993.

BUENO, José Geraldo da Silveira - *A Educação do Deficiente Auditivo no Brasil - Situação atual e perspectivas* (artigo retirado do livro "Tendências e Desafios da Educação Especial" - MEC/SEESP. Brasília/DF-1994.

CENTRO EDUCACIONAL DA AUDIÇÃO E LINGUAGEM "LUDOVICO PAVONI" *A articulação para deficientes auditivos*. Brasília - DF, CEAL, S.D. 65 p. Mimeografado

- CICCONE, M. - *Comunicação total*. 1. Ed. Rio de Janeiro, Cultura Médica, 1990, 132p.
- DORZIAT, A. *Metodologias específicas ao ensino de surdos: análise crítica* - apostila - UFSCAR, SP 1995.
- DOWNS, M. R e Northern, J. L. - *Audição em crianças*. 3. Ed. São Paulo, Manole, 1989.
- FERNANDES, E. - *Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo - Agir* - 1990
- FERNANDEZ, S. M. M. - *A educação do deficiente auditivo: um espaço dialógico de produção de conhecimentos*. Rio de Janeiro, 1993. (Dissertação - Mestrado - Universidade do Estado do Rio de Janeiro).
- GÓES, M. C. R. - *A linguagem escrita de alunos surdos e a comunicação bimodal*. Campinas, 1994. (Trabalho de Livre-Docência - Universidade Estadual de Campinas).
- HUTZLER, C. - *Quem tem boca vai a Roma. E quem não tem? (alternativas na educação do surdo)*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, set./dez., 1989.
- JOHNSON, R. E.; Lidei, S. K e Erting, C. J. - *Develando los programas: principios para un mayor logro en la educación del sordo* - Publicado pela Pós-Graduação em Lingüística da Universidade dos Andes, Mérida, 1989.
- MARCHESI, A - *El desarrollo cognitivo e lingüístico de los niños sordos: perspectivas educativas*. 1 ed. Madrid, Alianza, 1987.

MELO, A P. e colaboradores - *A criança deficiente auditiva: situação educativa em Portugal*. 1. Ed. Lisboa, Gráfica de Coimbra, 1986.

MELLO, Edmée Brandi de Souza. *Educação da vozfalada*. Rio de Janeiro, Edições Gernasa, 1972.295 p.

MOURA, M. C. - *A língua de sinais na educação da criança surda*. In: Moura, M. C; Lodi, A C. B e Pereira, M. C. (orgs) - *Lingua de sinais e educação do surdo*. São Paulo, Tee Art, 1993.

OLIVEIRA, Suely Nascimento de Lemos - *Monografia do curso de Especialização em Ensino Especial* - UnB - Brasília/DF - 1995.

PARECER 1/95 - SEESP/MEC - *Sobre a atividade de treinamento da fala de alunos portadores de deficiência auditiva realizado pelos professores*.

PASCOE, David P. *Entrenamiento auditivo*. IN: *Ensenando el nino sordo a hablar*. Caracas, Ministério de Ia Educación, 1984. P. 127-147.

_____, *El desarrollo de Ia lectura labio-facial*. In: *Ensenando el nino sordo a hablar*. Caracas, Ministério de Ia Educación, 1984. P. 27-51.

SANCHEZ, C. M. G. e colaboradores - *La educación de los sordos en un modelo bilingüe*. 1. Ed. Mérida, Iakonia, 1991.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Diálogo da pré-escola: indicativos para uma proposta curricular*. São Paulo, SE/CENP, 1984. 38 p.

- _____, *Dificuldades de linguagem e audição encontradas nos alunos que freqüentam as primeiras séries escolares*. São Paulo, SE/CENP, 1985. 64p.
- _____, *A educação do deficiente auditivo: escola - família - comunidade*. São Paulo, SE/CENP, 1981. 69 p.
- _____, *Modelo pedagógico para educação pré-escolar*. São Paulo, SE/CENP, 1979. 154 p.
- _____, *O deficiente auditivo entra na escola. Elementos para um trabalho pedagógico* - São Paulo, SE/CENP, 1989.
- STEWART, D. A - *Pesquisa sobre uso de sinais na educação de crianças surdas*. In: Moura, M. C; Lodi, NA. C. Be Pereira, M. C. C. *Língua de sinais e educação do surdo*. São Paulo, Tee. Art. 1993.
- VYGOTSKY, L. S. - *Obras escogidas II*. 1 ed. Madrid, MEC/Visor, 1992.
- _____, *A formação social da mente*. 4. Ed. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGEM DO PROFESSOR

I. MARQUE UM X NA RESPOSTA CERTA:

1) O programa de estimulação precoce deve ser iniciado:

- () aos 3 anos
- () após o nascimento
- () aos 2 anos
- () após os 4 anos

2) A estimulação precoce de criança surda visa, especificamente:

- () a aquisição da fala
- () o desenvolvimento da linguagem
- () o treinamento do resíduo auditivo
- () o desenvolvimento psicomotor

3) As grandes correntes metodológicas e/ou filosóficas para a educação dos surdos são:

- () oralismo, comunicação total e bilingüismo.
- () o oralismo e o bilingüismo.
- () o oralismo e a comunicação total.
- () a LIBRAS e o Português.

- 4) O trabalho do professor e do fonoaudiólogo, no Brasil, convergem principalmente quando:
- () visam ao aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade oral pelo aluno surdo.
 - () visam ao aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita pelo aluno surdo.
 - () visam à aquisição da LIBRAS pelo aluno surdo.
- 5) Para desenvolver a aprendizagem da fala são utilizadas algumas técnicas:
- () treinamento auditivo.
 - () aquisição da LIBRAS.
 - (.) atividades psicomotoras.
- 6) Todas as providências a serem tomadas para que o aluno possa ser integrado na rede regular de ensino estão corretas, exceto:
- () instalação de uma sala de recursos.
 - () aumento do número de alunos na classe comum.
 - () capacitação do corpo docente.
 - () conscientização e sensibilização do corpo docente e da família.

7. MARQUE (V) OU (F) NAS PROPOSIÇÕES A SEGUIR:

- 7.1. ()** A estimulação da linguagem objetiva: proporcionar à criança surda experiências significativas que favoreçam a compreensão e recepção lingüística.
- 7.2. ()** A estimulação da linguagem objetiva: despertar na criança a necessidade de se expressar, de se comunicar com outra pessoa.
- 7.3. ()** As atividades de estimulação auditiva, da fala, estimulação da leitura orofacial e as da área psicomotora visam à aprendizagem da Língua Portuguesa.
- 7.4. ()** As atividades com o instrutor surdo visam à aquisição espontânea da LIBRAS.
- 7.5. ()** As atividades de estimulação auditiva, da fala e da leitura orofacial visam a aprendizagem da Língua Portuguesa.
- 7.6. ()** Para a estimulação da linguagem o professor pode utilizar a Língua Portuguesa e/ou a LIBRAS.
- 7.7. ()** A psicomotricidade é uma atividade específica para as crianças surdas.
- 7.8. ()** Até a década de 60 a orientação dominante era que os surdos deveriam ter seu atendimento educacional exclusivo em escolas especiais.
- 7.9. ()** A mudança na política de educação dos surdos encontra respaldo legal, filosófico e político-educacional em nível nacional e internacional.
- 7.10. ()** Até a década de 80 a metodologia dominante era o oralismo, que visava a reabilitação oral (fala) dos surdos.
- 7.11. ()** Atualmente, o aluno surdo só tem acesso a uma língua: a Língua Brasileira de Sinais
- 7.12. ()** A educação de surdos deve desenvolver-se preferencialmente na rede regular de ensino.

CHAVE DE CORREÇÃO DA AVALIAÇÃO

- 1 - Após o nascimento
- 2 - O desenvolvimento da linguagem
- 3 - O oralismo, a comunicação total e o bilingüismo.
- 4 - Visam ao aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade oral pelo aluno surdo.
- 5 - Treinamento auditivo.
- 6 - Aumento do número de alunos na classe comum.
- 7 - V, V, F, V, V, V, F, V, V, V, F.



Imprimta:
GRÁFICA VALCI EDITORA LTDA.
SIG - Quadra 6 - Lote 2.230
Telefone: 344-1747 - Fax: J44-3025
CGC: 00336024/0001-16

Produção Editorial da Educação Especial

Com objetivo de expandir a oferta da educação especial no Brasil, bem como dar estímulo as inovações pedagógicas que venham a contribuir para a melhoria da qualidade do atendimento, a Secretaria de Educação Especial do MEC esta divulgando textos e informações para atualizar e orientar a prática pedagógica do sistema educacional. Para **tanto**, ela criou uma linha editorial contendo quatro Institucional, Diretrizes, Atualidades Pedagógicas e Legislação, assim especificadas:

SÉRIE INSTITUCIONAL - destinada à publicação de textos oficiais **com** vistas a divulgação de políticas educacionais e demais produções de órgãos gestores nacionais e internacionais,

SERIE DIRETRIZES visa formar, sugerir e orientar a elaboração de planos de trabalho a serem implementados nos estados e municípios brasileiro.

S É R I E ATUALIDADES PEDAGÓGICAS Objetiva a difusão e estímulo apresentam em muitos estados na área de **educação** especial a fim de promover o intercâmbio de experiências

SERIE LEGISLAÇÃO - pretende disseminar a evolução dos aspectos legais referentes as pessoas portadoras de necessidades especiais, seus direitos e deveres

Ministério da Educação e do Desporto
Secretária de Educação Especial

